

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE PESQUISA: ESTUDO DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA BRASILEIRA

MARIANA BAIERLE SOARES

POESIA EM REVISTA: O APAGAMENTO DO TEMA NOS PERIÓDICOS *Bravo!* e *Cult*

PORTO ALEGRE

2012

MARIANA BAIERLE SOARES

POESIA EM REVISTA: O APAGAMENTO DO TEMA NOS PERIÓDICOS *Bravo!* e *Cult*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras

Orientador: Dr. Paulo Seben de Azevedo

PORTO ALEGRE

2012

CIP - Catalogação na Publicação

BAIERLE SOARES, MARIANA
POESIA EM REVISTA: O APAGAMENTO DO TEMA NOS
PERIÓDICOS BRAVO! E CULT / MARIANA BAIERLE SOARES. --
2012.
176 f.

Orientador: PAULO SEBEN DE AZEVEDO.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. POESIA. 2. JORNALISMO CULTURAL. 3. REVISTA. 4.
BRAVO! E CULT. 5. CULTURA. I. SEBEN DE AZEVEDO,
PAULO, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE PESQUISA: ESTUDO DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA BRASILEIRA

MARIANA BAIERLE SOARES

POESIA EM REVISTA: O APAGAMENTO DO TEMA NOS PERIÓDICOS *Bravo! e Cult*

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr. Paulo Seben de Azevedo - UFRGS
Presidente

Dr. Francisco Rüdiger - PUCRS

Dra. Cassilda Golin Costa - UFRGS

Dr. Antonio Marcos Sanseverino - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Ao pessoal do Programa Incluir da UFRGS, que, mais do que a adaptação dos materiais necessários para execução desse trabalho, revelaram-se pessoas dedicadas e maravilhosas. Em especial à Fabiana Guedes, Karine Bighelini e Adriana Thoma.

Aos bolsistas (ou ex-bolsistas) do Programa Incluir: Ayllu Acosta, Bianca Peixoto, Carlos Eduardo Galon da Silva, Carlos Silva de Oliveira, Catarine Costa, Jéssyca da Rosa Barcelos, João Paulo Brubacher, João Pedro Fernandes, Liliane Birnfeld, Sofia Pelisoli, Thayse Benedet, Stephani Fleck da Rosa e Thiago Vignoli. Agradeço também ao Rafael Giguier, pois foi através de seu apoio e amizade que quebrei muitos paradigmas.

Ao Felipe Leão Mianes, pela leitura atenta desse trabalho, comentários, críticas e sugestões. Mas acima de tudo pela amizade mesmo, pelas conversas de bar e pelo constante apoio e bom humor. Ao Fernando Cintra, pela revisão do Abstract e pela amizade.

Aos funcionários da Biblioteca Setorial de Filosofias e Ciências Humanas. À Tatiane Jesus, pela amizade e sempre disponibilidade em ajudar. À Júlia Coelho, pelo carinho e colaboração. Aos funcionários da Biblioteca Setorial do Instituto de Artes da UFRGS. À bibliotecária do UniRitter, Luciane Santini.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, à direção, aos funcionários e aos colegas de curso. Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa durante todo o período do mestrado.

Ao meu orientador, professor Dr. Paulo Seben, pela confiança e pelo incentivo para ingressar no mestrado e percorrer essa trajetória. A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras que contribuíram com a minha formação – em especial ao Paulo Coimbra Guedes, ao Antonio Sanseverino e ao Homero Araújo.

Às amigas que conquistei ao longo do curso, que foram fundamentais nesse percurso: Luciane Franzoni, Christini Roman, Carla Vianna e Aline Venturini.

Ao professor Francisco Rüdiger da PUCRS, pela amizade e ensinamentos desde a iniciação científica, que me proporcionou a base, o preparo e o conhecimento para o sucesso hoje desse trabalho.

À minha família, por acreditar em mim e me dar suporte ao longe dessa caminhada. Em especial ao meu pai, pela dedicação e empenho em me ajudar com gráficos e planilhas no Excel, imprescindíveis para a realização desse trabalho. Pai, mãe e irmã, meu muito obrigada!

Às minhas amigas Gabriela Cybis, Catharina Schmid e Joana Gao que, longe ou perto – em qualquer parte do mundo que estivessem - se mantiveram perto, me dando apoio e compreensão nos momentos difíceis. Às amigas Mariana Germano, Renata Ribas, Renata Lontra, Marjorie Ramos, Cristiane Peter, Patrícia Baldin e Mariana Ocana. Muito obrigada por fazerem parte desse e de tantos outros momentos importantes da minha vida!

RESUMO

No jornalismo cultural contemporâneo há poucos veículos especializados que se mantêm por um período longo de tempo no mercado brasileiro. Revistas como *Bravo!*, da Editora Abril, e *Cult*, da Editora Bregantini, com mais de 14 anos de história, podem ser consideradas exceções dentro desse cenário. Ambas surgem em 1997 e seguem até hoje - com propostas de cobertura e circulação nacional. Dentro da cobertura sobre Literatura, a Poesia situa-se como um dos principais gêneros. Busco, assim, investigar a recorrência da temática da Poesia na cobertura das publicações em questão. Meu problema de pesquisa investigado é: Qual a recorrência da temática da Poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult*? Realizo nesse trabalho um mapeamento das ocorrências sobre o tema da Poesia nos dois veículos desde 1997 (seu surgimento) até 2010. Como resultado, identifiquei 198 ocorrências sobre a temática em *Bravo!* e 397 em *Cult*. Verifiquei também a diminuição no espaço dado à Poesia dentro do cobertura cultural dos dois periódicos ao longo dos anos. Nesse estudo, busco entender o contexto em que isso acontece sobre uma perspectiva crítica e reflexiva. Levo em consideração tanto o cenário do mercado jornalístico em que isso ocorre quanto a análise das ocorrências sobre a temática da Poesia.

Palavras-chave: jornalismo cultural, revista, Poesia, recorrência, *Bravo!*, *Cult*

ABSTRACT

In contemporary cultural journalism there are few specialized vehicles maintained for a long period of time in the Brazilian market. Magazines like *Bravo!*, from Abril Publishing, and *Cult*, from Bregantini Publishing, with more than 14 years of history, can be considered exceptions in this scenario. Both were founded in 1997 and continue nowadays – with the goal of national coverage and circulation. Within its literature-related coverage, Poetry is situated as one of the main genres. Therefore, I try to investigate the recurrence of the subject of Poetry in the coverage of those two publications. My research problem investigated is thus: what is the recurrence of the subject of Poetry on *Bravo!* and *Cult* magazines? I perform this work by mapping the frequency and recurrence of Poetry at the two vehicles from 1997 to 2010. As a result, I identified 198 references about the subject on *Bravo!* and 397 on *Cult*. I noticed also a decrease of the room given to Poetry in those magazines over the years. In this study, I seek to understand the context in which this happens through a critical and reflective perspective. I consider both the journalism market in which this occurs and the analysis of the texts about the subject of Poetry.

Keywords: cultural journalism, magazine, Poetry, recurrence, *Bravo!*, *Cult*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O JORNALISMO CULTURAL E AS ETAPAS DA PESQUISA	13
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO	13
2.2 ETAPAS DA PESQUISA	18
2.2.1 Levantamento do conteúdo e delimitação do <i>corpus</i>	18
2.2.2 Planilha de dados	19
2.2.3 Objetivos específicos investigados	22
2.2.4 Geração dos gráficos	24
2.2.5 Análise dos resultados	26
3 A REVISTA <i>Bravo!</i>	28
3.1 TRAJETÓRIA DE <i>Bravo!</i>	28
3.1.1 O perfil do leitor e a proposta editorial	29
3.1.2 A troca de editora	46
3.1.3 Os aspectos gráfico-visuais	52
3.2 ESTRUTURA DE <i>Bravo!</i>	60
3.2.1 Nota	62
3.2.2 Entrevista	65
3.2.3 Crítica	68
3.2.4 Matéria	76
3.2.5 Criação	81
4 REVISTA <i>Cult</i>	85
4.1 TRAJETÓRIA DE <i>Cult</i>	85
4.1.1 A proposta editorial e o perfil dos leitores	86
4.1.2 A troca de editora	96
4.1.3 Os aspectos gráfico-visuais	106
4.2 ESTRUTURA DE <i>Cult</i>	111
4.2.1 Nota	115
4.2.2 Entrevista	117
4.2.3 Crítica	122
4.2.4 Matéria	127
4.2.5 Criação	132

5 ANÁLISE COMPARATIVA DA RECORRÊNCIA DA TEMÁTICA DA POESIA EM <i>Bravo!</i> e <i>Cult</i>	137
5.1 QUANTO À NATUREZA E À PROPOSTA EDITORIAL	137
5.2 QUANTO ÀS OCORRÊNCIAS E ÀS PÁGINAS RELEVANTES	140
5.3 QUANTO AOS ASSUNTOS	145
5.4 QUANTO AOS GÊNEROS	148
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE A - LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM <i>Bravo!</i>	166
APÊNDICE B - LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM <i>Cult</i>	170

1 INTRODUÇÃO

Diversas publicações na área da cultura surgiram e desaparecem ao longo dos anos. Em sua história, as revistas literárias e culturais apresentaram algumas características comuns como: existência efêmera, tiragem reduzida, escassez de recursos financeiros (TSUTSUI, 2006).

Revistas como *Bravo!* e *Cult* podem ser consideradas excecionalidades no contexto brasileiro, tendo em vista seus mais de quatorze anos de existência. Não tenho registro de nenhuma outra publicação existente ainda hoje com tiragem, expressão nacional e período de circulação semelhantes à *Bravo!* e à *Cult*.

As duas possuem periodicidade mensal e sede em São Paulo. Pretendem realizar a cobertura nacional de “grandes” temas, personalidades e obras do meio cultural. *Bravo!* é atualmente um veículo da editora Abril, e *Cult*, da editora Bregantini.

Ambas datam do ano de 1997 e circulam até hoje — o que permite sua aproximação e um estudo comparativo. As duas possuem tiragem significativa para o mercado editorial brasileiro, situando-se entre as principais do país — dados que serão retomados e detalhados ao longo do trabalho.

Dentro desse contexto, os dois veículos constituem-se de uma amostra significativa do mercado editorial brasileiro e da imprensa cultural contemporânea. Por isso, os escolhi como base material de pesquisa.

Entre os temas abordados na cobertura de periódicos culturais, a literatura é um dos destaques. Dentro da literatura, tenho interesse especial em investigar a recorrência da temática da Poesia. Trata-se de um gênero importante dentro da literatura e, ainda hoje, pouco estudado enquanto pauta de revistas culturais.

Não tenho registro de outras dissertações ou teses que investiguem a temática da Poesia dentro do jornalismo cultural contemporâneo. Constitui-se esse, portanto, de um campo de pesquisa que precisa ainda ser ampliado dentro do Jornalismo e da Literatura.

Como bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e tendo iniciado a graduação no curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — sem concluí-lo por logo ter ingressado no mestrado —, sempre tive grande interesse na aproximação e na inter-relação entre essas duas áreas do

conhecimento (o Jornalismo e a Letras, em especial, a Literatura Brasileira). Busco, assim, relacionar o jornalismo cultural e a temática da Poesia.

Minha proximidade com as questões que cercam o jornalismo cultural e meu interesse por elas deram-se desde a graduação. Minha monografia de conclusão de curso, orientada pelo professor Francisco Rüdiger, já versava sobre o tema: “*Aplauso e Bravo!:* análise comparativa de dois veículos de jornalismo cultural brasileiro” (SOARES, 2007).

Tenho como objetivo geral dessa dissertação verificar a recorrência da temática da Poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult*.

Dessa forma, estudarei a presença (ou ausência), bem como a importância (ou desimportância), da temática da Poesia nos dois veículos. O período de análise vai de 1997 — ano em que surgem ambos — até 2010, visto que a pesquisa é realizada ao longo de 2011.

Opto por um período amplo de análise (14 anos de circulação de *Bravo!* e de *Cult*) a fim de obter resultados representativos e abrangentes da configuração da incidência da temática da Poesia no jornalismo cultural brasileiro na contemporaneidade.

Pretendo levar em consideração nesse estudo fatores externos — tais como a contextualização histórica, econômica e social das revistas em análise —, em prol da melhor interpretação e identificação de elementos internos e próprios da produção jornalística sobre a temática da Poesia durante o período analisado (1997 a 2010).

Como problema de pesquisa da dissertação trago o questionamento: “Qual a recorrência da temática da Poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult*?”.

Esse trabalho, intitulado “Poesia em revista: o apagamento do tema nos periódicos *Bravo!* e *Cult*”, está dividido em seis capítulos. Após a introdução, divido o segundo capítulo – intitulado “O jornalismo cultural e as etapas da pesquisa” – em duas seções: 2.1) Contexto histórico e 2.2) Etapas da pesquisa. Na primeira seção, faço uma breve contextualização histórica acerca do jornalismo cultural no mundo e no Brasil.

Na segunda seção, trato da metodologia e das etapas da pesquisa. Descrevo de forma detalhada os procedimentos e caminhos que segui para a execução e a viabilização dessa dissertação. São cinco etapas que constituem a pesquisa: 2.2.1) Levantamento do conteúdo e delimitação do *corpus*; 2.2.2) Planilha de dados; 2.2.3) Objetivos específicos investigados; 2.2.4) Geração dos gráficos; 2.2.5) Análise dos resultados.

Opto por dividir o terceiro e o quarto capítulos — intitulados, respectivamente, 3. A revista *Bravo!* e 4. A revista *Cult* — em duas grandes seções: Trajetória e Estrutura. Em cada um deles, abordo, na primeira seção, o perfil do leitor e a proposta editorial, a troca de editora (visto que ambas as revistas passaram por isso) e os aspectos gráfico-visuais.

Na segunda seção de tais capítulos, tematizo os cinco gêneros de ocorrências sobre a temática da Poesia (explicados no primeiro capítulo) na cobertura das revistas: Nota, Entrevista, Crítica, Matéria e Criação.

No quinto capítulo, por fim, trago a “Análise comparativa da recorrência da temática da Poesia em *Bravo!* e em *Cult*”. Nesse momento faço uma aproximação entre os dois veículos, comparando dados e informações apresentados individualmente, nos capítulos anteriores sobre cada revista.

Divido esse capítulo em quatro seções: 5.1) Quanto à natureza e à proposta editorial, 5.2) Quanto às ocorrências e às páginas relevantes, 5.3) Quanto aos assuntos e 5.4) Quanto aos gêneros.

Na sequência, estão as “Considerações finais” e os Apêndices. Nas minhas “Considerações finais” trago algumas reflexões e observações sobre o que foi apresentado ao longo do trabalho, Não se constituem propriamente de uma “conclusão”, pois diversas questões permanecerão em aberto.

Nos Apêndices trago a listagem completa das 198 ocorrências sobre a temática da Poesia identificadas em *Bravo!* e das 397 ocorrências sobre o mesmo tema encontradas em *Cult* no período de análise (1997 a 2010).

2 O JORNALISMO CULTURAL E AS ETAPAS DA PESQUISA

Divido esse capítulo em duas grandes seções: 1.1) Contexto histórico e 1.2) Etapas da Pesquisa. Na primeira, trago um breve panorama acerca do jornalismo cultural no mundo, desde seu surgimento até os dias de hoje e a realidade brasileira. Trata-se de uma breve contextualização histórica, que indica alguns pontos principais, mas deixa de fora tantos outros por não se constituir de meu foco principal de análise.

Na segunda seção, explico detalhadamente todas as etapas e caminhos percorridos para a realização dessa pesquisa.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Ao longo de sua história, o jornalismo cultural perde seu cunho político e adquire caráter comercial. As empresas jornalísticas incorporaram cada vez mais as características de companhias e organizações como quaisquer outras. A indústria cultural galga, cada vez mais, espaço na imprensa contemporânea.

A produção de notícias, críticas, resenhas, reportagens e notas também sofreu transformações. O jornalismo contemporâneo é resultado de modificações históricas do papel da crítica cultural.

Com o neoliberalismo e a reificação da subjetividade, o conteúdo jornalístico e noticioso está, cada vez mais, entremeado por produtos da indústria cultural recente. Tais produtos caracterizam-se pelo alto poder persuasivo, capaz de disseminar o consumo - em detrimento da informação.

As “agendas culturais” passam a dominar o espaço destinado originalmente à notícia e à crítica. Nesse sentido, a temática da Poesia – meu objeto de análise nas revistas culturais *Bravo!* e *Cult -*, também recebe as influências dessa configuração mercadológica da produção cultural.

O que caracteriza fundamentalmente uma imprensa de indústria cultural é a subordinação da mensagem jornalística à lógica da indústria cultural. As

notícias, as informações, são concebidas integralmente como mercadorias, não apenas porque são produzidas com o emprego de técnicas próprias da indústria cultural, mas também porque estão sujeitas à sua lógica. (FONSECA, 2002, p.132)

O aumento do caráter comercial e do tratamento capitalista dado ao jornalismo, antes de cunho político e ideológico, pode ser observado ao longo da história, com a expansão da crítica na Europa a partir dos séculos XVIII e XIX. Os escritores e intelectuais, inseridos no contexto econômico, necessitam de recursos para sustentar sua produção, o que acaba influenciando e pautando os rumos da arte, da literatura e da crítica desde então.

No início do século XVIII, como postula Arnold Hauser (1982), o centro intelectual transfere-se da França para a Inglaterra. A partir disso, acontece a expansão do público leitor na Europa e, conseqüentemente, em todo o mundo.

A substituição da França pela Inglaterra na sua função de detentora da cultura, segue passo a passo a decadência do poder da Casa real francesa, do país que fora a principal potência europeia, e daí o fato de o século XVIII assistir à ascensão da Inglaterra, tanto nas atividades políticas como nas artes e ciências. (HAUSER. 1982, p.685)

A expansão do público leitor se deve ainda ao nascente regime republicano, ao aumento de eleitores, à diminuição do analfabetismo e ao crescimento do nível de escolaridade da população. O processo de nivelamento cultural, na Inglaterra, diz o autor, tem a sua expressão mais significativa no aparecimento de um novo público com hábitos de leitura regular. Isto é, um círculo relativamente largo conhecimento, que lê e compra livros com regularidade” (HAUSER, 1982, p.690).

Segundo Daniel Piza (2003, p.12), o marco inicial do jornalismo cultural moderno, como é entendido hoje, é 1711. Nesse ano os ensaístas ingleses Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719) fundam a revista diária *The Spectator*. Montaigne, com seus famosos ensaios — capaz de mesclar o conteúdo mundano e erudito —, é uma das matrizes evidentes das ideias da dupla de fundadores do veículo.

Os dois [Steele e Addison] decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: “Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas, e faculdades e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafés”. E assim seria. (...) Addison e Steele se tornaram famosos: o que escreveram nos quatro anos em que fizeram a revista era discutido, tal como queriam, nas mesas dos cafés,

clubes e casas. Até hoje as antologias de seus ensaios são encontradas nas livrarias e estudadas em vários países (PIZA, 2003, p.11).

A publicação trata de temas diversos: livros, óperas, festivais de música e teatro, política e costumes. Destinada ao leitor moderno, vindo para Londres, exaltado com as mudanças e novidades na sociedade, na política e no comportamento das pessoas. Na concepção da publicação, o conhecimento é divertido, e não mais algo sisudo e sacerdotal.

Essa conjuntura propiciou uma expansão cultural e literária, sempre vinculada à sustentabilidade econômica, conforme observa Hauser (1982).

A existência deste público deve-se, em primeiro lugar, à proeminência cada vez maior da classe média abastada, que rompe as prerrogativas culturais da aristocracia e manifesta um interesse vívido e cada vez maior pela literatura. Os novos detentores da cultura não podem produzir indivíduos com personalidade, ambiciosos e suficientemente ricos que bastem para desempenhar o papel de grandes patronos, mas são suficientemente numerosos para garantir um mercado de livros que assegure a manutenção aos escritores. (HAUSER, 1982, p.690)

Mais recentemente, Renato Ortiz (2001) sintetiza o desenvolvimento do mercado de bens simbólicos no Brasil. Ele afirma que “se os anos 40 e 50 podem ser considerados como momentos de incipiência de uma sociedade de consumo, as décadas de 60 e 70 se definem pela consolidação de um mercado de bens culturais” (ORTIZ, 2001, p.113).

A televisão se concretiza como veículo de massa em meados de 60, enquanto o cinema nacional somente se estrutura como indústria nos anos 70. Outras esferas da indústria popular de massa, aponta Ortiz (2001), também se estabelecem como indústria apenas nessa década, tais como a indústria do disco, a indústria editorial, a publicidade etc.

Conforme Piza (2004), as revistas culturais se multiplicaram a partir dos anos 20 e as seções ligadas à essa temática na grande imprensa diária ou semanal se tornam obrigatórias a partir dos anos 50. As publicações acompanham, portanto, a ampliação da indústria cultural, numa escala que hoje converte o setor de entretenimento num dos mais ativos e ainda promissores da economia global. O jornalismo é, ele mesmo, personagem importante dessa “era da reprodutibilidade técnica”, como dizia Walter Benjamin (PIZA, 2004, p.43-44).

Renato Ortiz (2001, p.14) observa que no final da década de 60 as revistas brasileiras de crítica cultural passam a conter certa unidade, mas que nesse período ainda não há uma preocupação e um interesse mais profundo com a inserção das mesmas no mercado de consumo.

“Se nos voltarmos para revistas críticas de caráter mais abrangente, percebemos que é somente no final dos anos 60 que se desenvolve um maior interesse pela temática da sociedade de massa” (ORTIZ, 2001, p.14).

Ao perderem o caráter político e ideológico, a partir da segunda metade do século XX, a crítica literária e o jornalismo cultural configuram-se pelo caráter econômico. Seus posicionamentos tornam-se mais flexíveis, variando conforme o momento e os interesses comerciais mais imediatos.

Assim, o jornalismo moderno consolida-se com a indústria cultural: o conteúdo noticioso é orientado pelo mercado. A publicidade e o marketing adquirem espaço e poder cada vez maiores sobre a informação.

Nesse contexto surgem inúmeras revistas supostamente culturais. A maioria delas apresenta nitidamente conteúdo ligado somente à agenda cultural, sem investir em reportagens, crítica de maior teor analítico e conteúdo aprofundado, como observa Hohlfeldt (1996).

Corremos a terrível condenação, nos dias que enfrentamos hoje de, num futuro próximo, ao quisermos buscar nas páginas dos jornais da época os registros das peças estreadas, dos livros lançados, ou das exposições promovidas, encontrarmos apenas escassos registros e, o que é pior, sem qualquer dado que nos permita avaliar sua real importância à época. (HOHLFELDT. 1996, p. 61)

Segundo Ortiz (2001, p.113-114), o desenvolvimento da indústria cultural inicia no Brasil com mais intensidade no período militar. Contrariando o senso comum, “isso se deve ao fato de ser o próprio Estado autoritário o promotor do desenvolvimento capitalista na sua fase mais avançada” (ORTIZ, 2001, p.115).

O regime não censura toda e qualquer forma de expressão ou gêneros específicos de manifestação popular, pontua Ortiz (2001). Censura, sim, transmissões de ideologias políticas e sociais que contrariassem as bases da ditadura – o que, mesmo assim, proporciona espaço para o vasto desenvolvimento cultural no período.

Esse mercado, hoje estabelecido, é capaz de alterar a realidade social do país e as concepções estéticas da população. A temática da Poesia – meu objeto de análise dentro das revistas culturais – pode, assim, ser estudada dentro desta perspectiva de transformação da cultura em um bem cultural ao qual é preciso pagar para se ter acesso.

Conforme Francisco Rüdiger (2004), a crítica à indústria cultural objetiva decifrar as contradições sociais e problemas do homem moderno. Assim, representa proposições históricas e filosóficas que podem servir de embasamento para uma ciência social crítica.

Os estudos de crítica à indústria cultural, que têm como base os pressupostos da Escola de Frankfurt, examinam como a sociedade se expressa através das suas várias mídias. O programa desses estudos se centra nos processos através dos quais a produção e a recepção são mediadas em conjunto pelas comunicações enquanto mercadorias, as quais as pessoas estão dispostas a pagar direta ou indiretamente.

Segundo Adorno, a crítica à indústria cultural constitui parte de uma teoria crítica da sociedade. Os fenômenos de mídia não podem ser estudados de maneira autônoma. O problema, para ele, consiste em saber como esses fenômenos se inserem na crise da cultura moderna provocada pelo progresso do capitalismo. (RÜDIGER, 2004, p.240)

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (1976) aproxima-se, em alguns aspectos, dos postulados da Escola de Frankfurt no que diz respeito ao estudo dos fenômenos em análise sob uma perspectiva história, crítica e reflexiva. Candido (1976) não acredita no estudo da obra literária fechada em si mesma. Ou seja, ele considera importante avaliar as questões sociais e o contexto em que essa produção se insere.

De acordo com o autor (1976), a análise do sistema literário (composto pelo triângulo autor, obra e leitor) é essencial para o estudo e compreensão crítica de uma obra ou produção literária. “Saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimila a dimensão social como fator de arte” (CANDIDO, 1976, p.7).

Ele defende ainda uma interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto os fatores externos, quanto internos “se combinam como momentos necessários do processo interpretativo” (CANDIDO, 1976, p.4). No caso da crítica literária – estendendo aqui seus postulados ao estudo da temática da Poesia em periódicos culturais -, Candido (1976) afirma:

Levamos em conta o elemento social não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de um a sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção

artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 1976, p.7)

Desse modo, os postulados de Antonio Candido (1976) constituem-se de uma das bases teóricas fundamentais de minha pesquisa. Utilizarei tanto aspectos do contexto histórico e social em que se inserem as revistas *Bravo!* e *Cult*, quanto elementos internos – como trechos de seus textos, declarações de seus editores e características próprias de cada veículo.

2.2 ETAPAS DA PESQUISA

Como já disse na Introdução, minha dissertação tem como problema de pesquisa a seguinte questão: “Qual a recorrência da temática da poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult*?”.

Para investigar essa questão, divido o trabalho em cinco fases ou etapas que permitiram minha execução. São elas: 1.2.1) Levantamento do conteúdo e delimitação do *corpus*; 1.2.2) Planilha de dados; 1.2.3) Objetivos específicos investigados; 1.2.4) Geração dos gráficos; 1.2.5) Análise dos resultados. Explico cada uma dessas etapas na sequência.

2.2.1 Levantamento do conteúdo e delimitação do *corpus*

Realizo o presente estudo a partir da pesquisa documental das revistas *Bravo!* e *Cult*. Para tanto, consultei todas as edições dos periódicos desde 1997, ano de surgimento de ambos, até dezembro de 2010.

Delimitei esse período de pesquisa a fim de acompanhar a trajetória dos periódicos, desde sua fundação em 1997, até a atualidade. A pesquisa estende-se até 2010 porque desenvolvi esse estudo ao longo do ano de 2011, não sendo possível, assim, agregar esse último ano ao *corpus*.

A consulta aos exemplares constituiu-se de um trabalho extenso que demandou o acesso a acervos de quatro bibliotecas diferentes: do Instituto de Artes da UFRGS, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Dr. Romeu Ritter dos Reis, do UniRitter, e da

Faculdade Porto-Alegrense (Fapa). Foi necessária a consulta a diversos acervos porque em nenhuma das bibliotecas havia a coleção completa dos dois veículos. Outros 30 exemplares, entre os de *Bravo!* e de *Cult*, já constam em meu acervo pessoal.

Ainda assim, não encontrei seis edições da revista *Bravo!* e nove da *Cult*. Excepcionalmente, para as essas edições, solicitei o serviço de Comut, através da Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. O serviço consiste na solicitação do material a outras bibliotecas do país, que o digitalizam e enviam por email - mediante pagamento de uma taxa que varia conforme o número de páginas.

Contei com a participação fundamental dos bolsistas do Programa *Incluir* da UFRGS, que escanearam todo o material encontrado entre 1997 e 2010 e o adaptaram em fontes ampliadas para viabilizar minha melhor leitura e compreensão, visto que possuo deficiência visual parcial (baixa visão). A biblioteca do UniRitter facilitou a consulta ao material autorizando a retirada das revistas da instituição (geralmente destinadas apenas à consulta local).

Os exemplares da Fapa não puderam ser retirados, mas foram xerocados e, posteriormente, digitalizados com o auxílio dos bolsistas do Programa *Incluir* da UFRGS. Na biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, consultei o material com o auxílio de uma lupa eletrônica disponível a usuários com baixa visão.

Essa fase — de coleta e seleção de todas as ocorrências referentes à temática da Poesia nos dois veículos — dura cerca de cinco meses. Nesse período fiz visitas sistemáticas diariamente aos acervos das instituições citadas para seleção do *corpus* de análise.

Já antecipando alguns resultados, identifiquei 198 ocorrências sobre Poesia na revista *Bravo!* e 397 na *Cult*. Todas essas ocorrências encontram-se listadas em tabela contida nos Apêndices dessa dissertação.

2.2.2 Planilha de dados

A segunda fase constitui-se da organização de uma planilha em que listei todas as ocorrências sobre a temática da Poesia no período em questão. Tal planilha contém as seguintes informações referentes a cada uma das ocorrências encontradas (organizadas na forma de nove

colunas): edição, mês, ano, páginas, número de páginas, relevância, título, gênero e assunto. Desse modo, cada ocorrência sobre Poesia ocupa uma linha da tabela, com todas essas informações a seu respeito.

A concepção, a organização e o preenchimento da planilha tiveram duração aproximada de três meses. Cada uma das 198 ocorrências de *Bravo!* e das 397 ocorrências de *Cult* foi categorizada individualmente dentro das nove colunas — o que demandou uma análise atenta de cada uma das ocorrências.

Eis agora o modo como concebi a estrutura das planilhas e o significado da representação de cada coluna. O item “Páginas” indica as páginas do periódico que a ocorrência ocupa (exemplo: páginas 5 a 10). O item “Número de Páginas” é aquele que considere para fins de cálculos do espaço destinado à Poesia (exemplo: das páginas 5 a 10 constam seis páginas no item “Número de Páginas”).

A coluna “Relevância” indica se a ocorrência possui ou não chamada de capa. Essa chamada pode ser principal (manchete) ou secundária (chamada menor que consta na capa, com menor destaque).

Assim, dividi a relevância em três possibilidades, indicadas pelas letras “P”, “S” e “C”. Respectivamente: ocorrência com chamada principal de capa, com chamada secundária de capa e comuns (sem chamada de capa).

O item “Gênero” diz respeito ao gênero de cada ocorrência dentro do periódico. Identifiquei cinco gêneros em *Bravo!* e em *Cult*. Eles encontram-se na tabela identificados pelos números de 1 a 5. São eles, respectivamente: 1) Nota; 2) Entrevista; 3) Crítica; 4) Matéria; 5) Criação.

O gênero Nota diz respeito a pequenos textos informativos, com extensão variável de um parágrafo até meia página. Caracteriza-se por trazer o fato ou a informação de maneira sucinta, sem maiores aprofundamentos.

Entendo por Entrevista a ocorrência em que aparece a pergunta elaborada pelo veículo seguida pela resposta dada pelo entrevistado. São as Entrevistas “pingue-pongue” na gíria jornalística.

Essa modalidade de texto geralmente dá maior espaço ao entrevistado para exposição e construção de ideias. Embora outros gêneros pressuponham a realização de entrevistas (consulta

a diferentes fontes, diálogos, perguntas), considero pertencentes ao gênero Entrevista somente as ocorrências que apresentam o formato e configuração descritos.

O gênero Crítica engloba todos os textos com teor crítico, apreciativo e opinativo. Percebe-se um posicionamento evidente do autor ou do periódico em relação a determinado tema ou obra em análise. Categorizei dentro do gênero todo conteúdo considerado de opinião, resenhas, críticas e ensaios.

Matéria, por sua vez, representa as ocorrências de caráter noticioso e informativo, mas com maior profundidade e extensão que a Nota. Geralmente a Matéria apresenta mais de uma fonte (entrevistados, pesquisas, documentos etc) e situa a informação em um contexto mais amplo.

Por fim, Criação refere-se à produção literária propriamente dita. Trata-se do espaço nas revistas destinado à publicação de Poemas de autores novos ou consagrados.

Dividi o “Assunto” também em cinco categorias, representadas na tabela sob a legenda das letras “A”, “B”, “C”, “D” e “E”. São eles, respectivamente: A) Lançamento; B) Evento; C) Efeméride/ Contexto do autor; D) Poema E) Outro.

O tópico “A” (Lançamento) diz respeito à divulgação de obras de Poesia, tanto livros de um único autor quanto coletâneas com diversos escritores. Ou ainda, lançamentos de obras teóricas ou críticas sobre Poesia.

A letra “B” representa o assunto Evento, tal como seminário, congresso, feira do livro, bienal, concurso literário, entre outros ligados ao campo da literatura que englobam a temática da Poesia. Os eventos geralmente são promovidos por universidades, empresas, livrarias, bibliotecas, editoras ou centros culturais.

Alguns deles são organizados e promovidos pelas próprias revistas *Bravo!* e *Cult*, que muitas vezes patrocinam atividades culturais como forma de propaganda ou divulgação de sua marca. São Eventos que, de alguma forma, se relacionam com a Poesia, seja por tratarem de determinado período literário, seja pela abordagem de um autor ou obra específica.

O item “C” (Efeméride/ Contexto do autor) diz respeito a datas marcantes e representativas — tais como o centenário de nascimento de determinado autor, o aniversário de publicação de uma obra, o cinquentenário de morte de algum poeta, entre outros. O “contexto do autor” pertence ao mesmo item (“Efeméride”) porque os dois aparecem sempre diretamente relacionados na cobertura das revistas.

Sempre que se fala, por exemplo, do centenário de nascimento de um autor os veículos tratam também do contexto em que ele viveu. Entende-se aqui por “contexto do autor” tanto pelos aspectos biográficos (ligados à sua trajetória, história de vida, obras publicadas, seus pensamento e ideais) quanto pelos aspectos artístico-culturais (período histórico e literário em que produziu, movimentos e escolas literárias que se relaciona, influências recebidas etc.

O item “D” (Poema) relaciona-se exclusivamente com o item 5 dos gêneros (Criação). Ao fazermos o cruzamento entre gêneros e assuntos, esses são os únicos itens que se relacionam exclusivamente entre si. Ou seja, o gênero “Criação” estará sempre vinculado ao assunto “Poema”.

Por fim, o item “E” (Outro) engloba todos os demais assuntos que não puderam ser classificados em nenhuma das categorias anteriores. Geralmente aparecem curiosidades, comentários sobre determinada obra ou tema, divulgação de periódicos, projetos ou instituições ligados à culturas e à arte.

Tenho ciência da dificuldade e dos riscos que se corre ao optar pela categorização das ocorrências e que essa classificação pode parecer hermética ou limitadora em alguns momentos. Cabe ressaltar, contudo, que concebi as opções de categorias presentes nessa pesquisa (no que diz respeito a gêneros e a assuntos) a partir da análise e observação empírica do meu *corpus* já delimitado dentro das revistas *Bravo!* e *Cult*, sendo, portanto, opções condizente ao conteúdo apurado entre 1997 e 2010.

Somente a partir do *corpus* já definido é que elenquei as opções de gêneros e de assuntos possíveis. Além disso, sempre que houve dúvida quanto à determinação do gênero ou do assunto de alguma ocorrência, optei por classificá-la naquele que se observa predominante em relação aos demais.

2.2.3 Objetivos específicos investigados

Na tentativa de responder e aprofundar a discussão sobre o problema de pesquisa dessa dissertação (Qual a recorrência da temática da poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult?*), elaborei

também outros questionamentos. Eles constituem-se de objetivos específicos a serem investigados.

A partir da planilha que continha todas as informações organizadas sobre as ocorrências em *Bravo!* e em *Cult*, defini as possíveis combinações entre elementos a serem investigados. Elaborei 13 perguntas. Tais questionamentos constituem-se dos meus objetivos específicos investigados nessa pesquisa.

As 13 perguntas versam sobre a distribuição, a importância e as características das ocorrências sobre a temática da Poesia identificadas nos dois periódicos ao longo da série histórica (1997 a 2010). Desse modo, as questões investigadas são as seguintes:

- 1) Qual o número de edições em que a temática da Poesia se faz presente (com, pelo menos, uma ocorrência)?
- 2) Qual o total de ocorrências sobre a temática poesia entre 1997 e 2010 em cada veículo?
- 3) Qual a média mensal de ocorrências relevantes (sobre a temática da Poesia) em cada veículo ao longo da série histórica?
- 4) Qual o índice de páginas relevantes (sobre a temática da Poesia) em relação ao total de páginas da revista?
- 5) Qual a média mensal de páginas relevantes em cada veículo ao longo de toda a série histórica?
- 6) Qual a distribuição das ocorrências sobre a temática da Poesia em “gêneros”?
- 7) Qual a distribuição das ocorrências sobre a temática da Poesia em “assuntos”?
- 8) Qual a distribuição de gêneros por assuntos em cada veículo?
- 9) Qual o índice de páginas sobre a temática da Poesia que possuem chamada principal de capa, chamada secundária de capa e comuns (que não possuem chamada de capa) em relação ao total de páginas da revista?
- 10) Dentre as páginas que tratam da temática da Poesia, qual a proporção entre as que possuem chamada principal de capa, chamada secundária de capa e as comuns (que não possuem chamada de capa)?
- 11) Dentre as ocorrências sobre a temática da Poesia, qual a proporção entre as que possuem chamada principal de capa, chamada secundária de capa e as comuns (que não possuem chamada de capa)?

- 12) Entre as ocorrências com chamada de capa (principal e secundária), como ocorre a distribuição por gêneros?
- 13) Entre as ocorrências com chamada de capa (principal e secundária), como ocorre a distribuição por assunto?

Todas essas treze perguntas serão respondidas ao longo da pesquisa, com a utilização de gráficos e tabelas que permitirão a divulgação de forma sintética e objetiva dos resultados. O aspecto mais importante da análise, contudo, constitui-se da contextualização e da interpretação atribuída aos resultados..

2.2.4 Geração dos gráficos

Com base na planilha inicial de dados (contidos em Apêndices) e nas 13 perguntas específicas, criei gráficos no Excel que revelam os primeiros resultados. A cada pergunta correspondem um ou mais gráficos que apontam os respectivos resultados investigados. Em alguns casos, substituí os gráficos posteriormente por tabelas para facilitar a visualização.

Para geração dos gráficos, foi considerado que *Bravo!* possui 110 páginas e *Cult*, 66 páginas. Cabe observar que *Bravo!* possui uma variação maior no número de páginas de uma edição para outra (podendo oscilar entre 98 e 120 páginas), enquanto *Cult* mantém um padrão mais constante.

Consultei todos os exemplares regulares (excluindo-se somente eventuais edições especiais) entre 1997 e 2010 dos dois periódicos, o que soma 160 edições de *Bravo!* e 153 de *Cult*. Tal diferença acontece porque, embora ambas tenham surgido em 1997, *Bravo!* iniciou no mês de outubro e *Cult* em julho.

O ano de 1997 não pode ser considerado típico porque *Bravo!* tem seu primeiro exemplar em outubro e *Cult*, em agosto. A primeira apresenta apenas três edições (de outubro a dezembro) e a segunda, cinco (agosto a dezembro desse ano). Desse modo, os números absolutos de ocorrências em 1997 não podem ser comparados aos demais anos. Os dados percentuais, nesse caso, levam em consideração o número de meses que as revistas de fato existiram.

Outro aspecto que é preciso destacar é que *Cult*, embora se proponha a ser uma revista mensal, não publica edição em alguns meses específicos ao longo de sua história. Em 2002 — ano em que ocorre a troca de editoras (tema que será abordado mais adiante) —, não há publicação nos meses de abril e maio, resultando disso apenas 10 edições naquele ano. Em 2005, não há edição em fevereiro: 11 edições no ano.

Em 2006, não há edição em fevereiro, mas em dezembro há a publicação de dois números (edições 109 e 110): 12 edições no ano (embora não obedecendo a distribuição regular de uma edição a cada mês). Em 2007, não há edição em janeiro e fevereiro: 10 edições. Em 2008 e 2009, *Cult* não é publicada em fevereiro: 11 edições em cada um desses anos. Em 2010, não há edição em janeiro: 11 edições no ano.

Já em *Bravo!*, há 13 edições no ano de 2005, pois em dezembro a revista publica uma edição extra (antecipando para dezembro a edição de número 100 que sairia em janeiro do ano seguinte). Nos demais anos não se observam oscilações, e há continuidade na publicação mensal.

Assim, *Bravo!* soma 160 edições analisadas e *Cult*, 153. Cabe ressaltar que essa variação no número de edições anuais é respeitada na geração dos gráficos. Dessa forma, é possível esquematizar essas informações através da seguinte tabela

	Número de edições da <i>Bravo!</i>	Número de edições da <i>Cult</i>
1997	3	5
1998	12	12
1999	12	12
2000	12	12
2001	12	12
2002	12	10
2003	12	12
2004	12	12
2005	13	11
2006	12	12
2007	12	10
2008	12	11
2009	12	11
2010	12	11
total	160	153

Quadro 1: Número de edições *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

O termo “páginas relevantes” será com frequência empregado para designar páginas que tratam de meu foco de investigação: a temática da Poesia. Não digo, com isso, que as demais páginas não tenham sua relevância ou importância, seja dentro da revista ou junto ao público leitor. Aqui a palavra “relevante” refere-se ao meu problema de pesquisa. Ou seja, trata-se de “páginas relevantes” para essa dissertação — páginas que se constituem de meu *corpus* de análise.

O termo “ocorrência” é utilizado para referir genericamente qualquer conteúdo relevante (sobre a temática da poesia), pertencente a um dos cinco gêneros possíveis (Nota, Entrevista, Crítica, Matéria e Criação). Cada ocorrência, assim, não obedece a um padrão quanto ao número de páginas, ao assunto ou ao gênero a que pertença.

Cabe comentar ainda que arredondei valores nas tabelas para utilizar apenas uma casa decimal após a vírgula. Por esse motivo, em alguns momentos a soma dos resultados pode não fechar exatamente 100,0% (mas 99,9% ou 100,1%, por exemplo).

Considero que esses pequenos desvios (em função da utilização de apenas uma casa decimal após a vírgula) não representam grandes desvios ou riscos ao resultado da pesquisa.

2.2.5 Análise dos resultados

A partir dos dados obtidos, apresento e comento os gráficos e as tabelas gerados. Cabe salientar que apenas tais gráficos por si só não se constituem do cerne da dissertação, sendo apenas um instrumento para o desenvolvimento da análise e reflexão crítica.

Meu objetivo principal é verificar a recorrência da temática da Poesia nas duas publicações, bem como a dinâmica e a forma como isso ocorre ao longo da série histórica. Não está tanto em questão quem são os autores e obras abordados e de que maneira (apesar de eu ter presente a importância desse debate a partir dessa perspectiva).

Embora Ferreira Gullar e Carlos Drummond de Andrade sejam autores diferentes e possuam características muito distintas, as ocorrências sobre cada um possuem, dentro dessa abordagem, o mesmo valor. Proponho um mapeamento das ocorrências sobre a temática da

Poesia nos periódicos entre 1997 e 2010 e, posteriormente, um debate sobre os dados encontrados.

Considerando a grande extensão do *corpus* e evitando o desvio de enfoque, não realizo a análise de conteúdo de todas as ocorrências identificadas (um total de 198 em *Bravo!* e de 397 em *Cult*).

Desse modo, trago apenas como exemplos ilustrativos duas ocorrências significativas dentro de cada gênero (Nota, Entrevista, Matéria, Crítica e Criação) nos dois veículos. A totalidade de ocorrências foi analisada e categorizada através da planilha de dados que deu origem aos gráficos.

O primeiro critério para escolha das duas ocorrências que servirão de exemplo é o ano em que aquele gênero se faz preponderante ao longo da série histórica (1997 e 2010). Por exemplo, como mostro nos resultados apresentados adiante, o ano de 1998 é aquele com maior índice de Nota na revista *Bravo!*. Escolhi, portanto, duas Notas dentro de 1998.

O segundo critério é a predominância dos assuntos dentro de cada gênero. Ainda com base no exemplo anterior, as Notas de *Bravo!* referem-se em sua maioria, aos assuntos Lançamento (81,7%) e Outro (12,5%). Desse modo, além de as duas ocorrências tidas como exemplo pertencerem a 1998, uma pertence ao assunto Lançamento e outra, ao assunto Outro.

A partir do próximo capítulo, portanto, inicio a apresentação e a análise de dados referentes ao problema de pesquisa, seguindo as etapas agora detalhadas. Primeiro, trago a história e a estrutura da revista *Bravo!*. Depois, a história e a estrutura da revista *Cult*. Por fim, a comparação entre as duas publicações.

3 A REVISTA *Bravo!*

Destino este capítulo à apresentação e ao debate sobre recorrência da temática da Poesia na revista *Bravo!*. A publicação será estudada tanto em seu contexto mais amplo quanto em suas especificidades. Divido o capítulo em duas grandes seções: 2.1) Trajetória de *Bravo!* e 2.2) Estrutura de *Bravo!*.

3.1 TRAJETÓRIA DE *Bravo!*

A revista *Bravo!*, concebida pela Editora D'Ávila, é hoje uma publicação da editora Abril e circula em todo Brasil com periodicidade mensal. Sua tiragem foi crescendo ao longo dos anos.

De acordo com o site *Observatório de Imprensa* (13/01/2004) : “No nicho de publicações periódicas voltadas à cultura, a *Bravo!* tem poucas concorrentes. A que está mais bem colocada, prestes a completar sete anos nas bancas, é a *Cult*”.

Conforme o site, em 2004, a tiragem de *Bravo!* é de 27,7 mil exemplares mensais e a de *Cult*, de 30 mil. A edição de *Bravo!* de junho de 2009 exalta, na seção “Carta ao leitor”, o recorde de 30 mil exemplares mensais.

Nestes tempos turbulentos para os mercados mundiais, *Bravo!* contraria o que seria tido como normal e previsível pelos pessimistas. Desde o início do ano, a circulação da revista não vem apenas se sustentando como, nos dois últimos meses, avançou de maneira inédita, atingindo um patamar de 30 mil exemplares de circulação (*Bravo!*, edição 142, 06/2009, p. 8).

Em 2011, são 44 mil exemplares, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC). Fundada em outubro de 1997, é vendida para a Editora Abril em janeiro de 2004. Atualmente possui uma média de 110 a 120 páginas e é impressa em papel couché colorido. Ao lado de *Cult*, trata-se um dos mais conhecidos e antigos periódicos do país na área da cultura.

Nesta seção, será apresentada a história do veículo e sua trajetória no mercado editorial brasileiro. Divido a seção em três partes: 2.1.1) o perfil do leitor e a proposta editorial, 2.1.2) a troca de editora e 2.1.3) os aspectos gráfico-editoriais.

Discuto todos esses temas na sequência, tendo em vista o problema de pesquisa: Qual a recorrência da temática da Poesia na revista *Bravo!*?

3.1.1 O perfil do leitor e a proposta editorial

A distribuição e circulação predominante de *Bravo!*, de acordo com Livia Meimes (2003, p. 42), acontece no sudeste brasileiro (67%). Em segundo e terceiro lugares estão, respectivamente, as regiões sul (13%) e nordeste (11%). Segundo a autora (2003, p. 41), o veículo está voltado para as classes A (54% dos leitores de *Bravo!* pertencem a esse grupo) e B (38%), enquanto a classe C corresponde a 8% do público da revista. Entre o total de leitores, 52% são mulheres e 48%, homens.

Conforme o site PubliAbril (2005 citado por RACHEL BARRETO, 2005) como fonte, a maior parcela do público (86%) tem mais de 26 anos (34% entre 26 e 33 anos, 25% entre 33 e 41 anos e 27% acima de 41 anos). Além disso, 78% do público possui graduação completa, pós-graduação, mestrado ou doutorado. Ou seja, o nível de escolaridade dos leitores é alto dentro da realidade brasileira.

Para Bento de Abreu (2009, p.98), a interação com a produção cultural extrapola a questão de classes sociais. Segundo ele, a revista possibilita o acesso a conteúdos ligados à arte, à música, à literatura ou ao teatro, no que diz respeito tanto ao público que de fato frequenta tais espaços, quanto ao público que toma contato com essas temáticas exclusivamente através das páginas de *Bravo!*

De acordo com Ligia Chaves Vieira (2011), o conteúdo da revista possivelmente, não satisfaça completamente um público mais intelectualizado, até porque, embora os textos sejam bem escritos, bem elaborados e de leitura agradável, nunca são textos aprofundados, que exijam uma apuração mais precisa. “Na maior parte das vezes, as grandes reportagens da revista sequer trazem uma entrevista com o artista ou a pessoa reportada” (VIEIRA, 2011, p.141).

Na comparação com *Cult*, ela acredita que *Bravo!* é a que “melhor traduz a horizontalidade cultural”. A autora aponta que “temas da chamada cultura erudita convivem com personagens do entretenimento na mesma edição” (VIEIRA, 2011, p.141).

Na verdade, o público da revista pode ser qualquer pessoa, desde o fã do artista, um mero curioso, até alguém que realmente queira se manter informado sobre as novidades no campo da cultura. E por trazer em sua capa personalidades midiáticas, consagradas no mundo do entretenimento, a *Bravo!* adquire maior potencial comercial que a *Cult*. (VIEIRA, 2011, p.141)

O fato de cultura dita “erudita” e personagens midiáticos coexistirem no mesmo periódico nos parece talvez constituir-se da base da estratégia de vendas e de *marketing* adotada por *Bravo!* Partindo de uma concepção moderna de cultura, o periódico entende a cultura dentro de um leque cada vez maior de possibilidades.

Essa perspectiva agrega novos públicos, novas possibilidades comerciais e novos consumidores do produto *Bravo!* e dos demais produtos comercializados e divulgados através de sua cobertura jornalística — embora em muitos momentos prepondere uma visão publicitária e propagandista dos temas tratados.

De acordo com Veiga-Neto (2003), a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. “Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade” (VEIGA-NETO, 2003, p.7).

No século XVIII, resgata o autor, alguns intelectuais alemães passaram a chamar de *Kultur* a sua própria contribuição para a humanidade. O termo dizia respeito a suas maneiras produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos — especialmente todo aquele conjunto de coisas que eles consideravam superiores e que os diferenciava do resto do mundo. Assim, a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. “Maiúscula porque era vista ocupando um *status* muito elevado; no singular porque era entendida como única” (VEIGA-NETO, 2003, p.7). Nessa condição de elevada e única, continua ele, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades:

Veio daí, por exemplo, a diferenciação entre *alta cultura* e *baixa cultura*. Simplificando, a alta cultura passou a funcionar como um modelo — como a cultura daqueles homens cultivados que “já tinham chegado lá”, ao

contrário da “baixa cultura” — a cultura daqueles menos cultivados e que, por isso, “ainda não tinham chegado lá” (VEIGA-NETO, 2003, p.7).

Nesse sentido, o autor comenta: “O *lá* é um mutante em constante mutação não em si mesmo, mas naquilo que se diz dele e, conseqüentemente, naquilo que se pensa sobre ele” (VEIGA-NETO, 2003, p.13). Ou seja, a ideia de cultura “alta” e “baixa” é relativa. A própria escolha desses termos e a categorização do mundo em tais parâmetros é questionável.

De acordo com os postulados de Veiga-Neto (2003), foi só nos anos 20 do século passado que começaram a surgir as rachaduras mais sérias no conceito moderno de Cultura. Os primeiros ataques, indica ele, vieram da antropologia, da linguística e da filosofia; e logo parte da sociologia também começou a colocar em questão a epistemologia monocultural.

Mais recentemente, a politicologia e especialmente os Estudos Culturais foram particularmente eficientes no sentido de desconstruir — ou, às vezes, no sentido até de detonar — o conceito moderno e nos mostrar a produtividade de entendermos que é melhor falarmos de culturas em vez de falarmos em Cultura (VEIGA-NETO, 2003, p.11).

Ana Carolina Escosteguy (2001) vai ao encontro desse entendimento:

Os estudos culturais compõem hoje uma tendência importante da crítica que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” ou “inferior”. (ESCOSTEGUY, Ana Carolina. 2001, p.20)

Segundo ela, a investigação da “cultura popular” suscita o remapeamento global do campo cultural:

A investigação da “cultura popular” que assume uma postura crítica em relação àquela definição hierárquica de cultura, na contemporaneidade, suscita o remapeamento global do campo cultural, das práticas da vida cotidiana aos produtos culturais, incluindo, é claro, os processos sociais de toda produção cultural. (ESCOSTEGUY, Ana Carolina. 2001, p.20)

Para Veiga-Neto, as conseqüências dessa “virada” no entendimento da existência de não uma única Cultura, mas de diversas culturas é imensa. “Ela estilhaça aos cacos e pluraliza não apenas a Linguagem, mas também a Cultura, e nos leva a falar em linguagens e em culturas” (Veiga-Neto, 2003, p.13).

Bento de Abreu (2009, p.98) segue na mesma linha. Para ele, “o que se percebe é que, cada vez mais, as fronteiras do que é considerado popular ou erudito se hibridizam e criam novos padrões de identidades culturais”. Considerando as mudanças históricas na concepção do termo, pode-se dizer que não há hoje uma padronização ou conceituação única do que venha a ser considerado cultura. Observa-se um alargamento e reinterpretação do entendimento sobre o significado de cultura.

Barreto (2005) afirma que o público de *Bravo!* são leitores que, por definição, se interessam pela cultura, ainda que as mudanças editoriais da revista (conforme veremos adiante) apontem para o fato de que não existe uma única, mas várias definições de cultura.

Dentro desse conceito de cultura numa perspectiva mais ampla, situa-se, entre outros assuntos e possibilidades, a temática da Poesia — meu objeto de análise em *Bravo!* e em *Cult.* Desse modo, sendo meu objetivo principal investigar a recorrência da Poesia nas revistas, cabe apresentar os primeiros resultados referentes à recorrência do tema em *Bravo!* no período analisado (1997 a 2010).

Entre as 160 edições analisadas de *Bravo!*, a Poesia está presente, com pelo menos uma ocorrência, em 110 edições (ou 68,7%). Em outras 50 (31,3%) não houve nenhuma referência à temática, conforme os dados a seguir:

Temática da Poesia em <i>Bravo!</i>		
	Número de edições	Percentual de edições
Presente	110	68,7
Ausente	50	31,3
Total	160	100

Quadro 2: Temática da poesia em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme o levantamento, são identificadas 198 ocorrências sobre a temática da Poesia entre 1997 e 2010. A distribuição dessas ocorrências por ano e sua média mensal em cada ano acontece conforme a tabela abaixo. Cabe lembrar que, para calcular a média mensal de ocorrências em cada ano, é considerado o número de edições da revista naquele ano (de acordo com dados já apresentados no primeiro capítulo).

Ocorrências de Poesia em <i>Bravo!</i>		
Ano	Anual	Média mensal
1997	9	3,0
1998	35	2,9
1999	20	1,7
2000	11	0,9
2001	22	1,8
2002	19	1,6
2003	8	0,7
2004	20	1,7
2005	16	1,2
2006	8	0,7
2007	11	0,9
2008	4	0,3
2009	11	0,9
2010	4	0,3
total	198	1,3

Quadro 3: Ocorrências de Poesia em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Bravo! apresenta diversas variações de aumento e de diminuição no número de ocorrências ao longo da série histórica. O ano 1997 (com apenas três edições) possui nove ocorrências. Depois, em 1998 (35), 1999 (20) e 2000 (11) há uma diminuição gradativa.

Em 2001 (22) ocorre uma recuperação, seguida de duas novas quedas nos anos seguintes: 2002 (19) e 2003 (8). Em 2004 (20) o índice sobe novamente, seguido de duas quedas em 2005 (16) e 2006 (oito). Em 2007 (11) e 2008 (quatro) ocorre o mesmo movimento (de ligeira recuperação seguida de queda) que é observado em 2009 (11) e 2010 (quatro).

Dessa forma, embora haja diversas recuperações no número de ocorrências sobre Poesia em *Bravo!* ao longo dos anos, o maior índice — como já foi dito —, aparece em 1998, sendo a longo prazo percebida uma diminuição gradativa na recorrência da temática. Mesmo havendo diversas recuperações no número de ocorrências (em relação ao ano imediatamente anterior), nenhum supera o valor atingido em 1998.

Chama atenção que em sete dos 14 anos analisados a média mensal de ocorrências fica abaixo de uma. A maior média mensal aparece em 1997 (três ocorrências mensais), ano no qual a revista teve somente três edições. Nos demais anos, a variação da média de ocorrências mensais está entre 0,3 e 2,9.

Ao avaliar o número de páginas relevantes (sobre a temática da Poesia), trago os dados que constam na tabela abaixo. A primeira coluna indica o número absoluto de páginas relevantes. A segunda indica o percentual dessas páginas em relação ao total de páginas da revista (no caso, 66 páginas, conforme já indiquei no primeiro capítulo).

Páginas relevantes em <i>Bravo!</i>			
Ano	Anual	Média mensal	% do total de páginas
1997	29	9,7	8,8
1998	97	8,1	7,3
1999	43	3,6	3,3
2000	19	1,6	1,4
2001	59	4,9	4,5
2002	42	3,5	3,2
2003	21	1,8	1,6
2004	35	2,9	2,7
2005	29	2,2	2,0
2006	21	1,8	1,6
2007	30	2,5	2,3
2008	9	0,8	0,7
2009	32	2,7	2,4
2010	22	1,8	1,7
<i>Média geral</i>	35	3,4	3,1

Quadro 4: Páginas relevantes em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Em *Bravo!*, o ano de 1998 foi aquele com o maior número absoluto de páginas relevantes: 97 páginas sobre Poesia. Considerando 12 edições no ano, equivale a 8,1 páginas por edição em 1998. O ano de 2008 foi o ano com menos páginas relevantes (apenas nove), o que representa média de menos de uma página por edição.

De modo geral, o número de páginas sobre poesia foi drasticamente reduzido em *Bravo!* ao longo dos anos. A queda mais acentuada ocorreu de 1998 a 2000, havendo 97 páginas relevantes em 1998, 43 em 1999 e só 19 em 2000.

Em termos percentuais, 1997 teve 8,8% de páginas relevantes do total de páginas da revista. A queda foi acentuada até 2000, quando encontramos 1,4% de páginas sobre poesia. Em 2001 há uma recuperação no índice (4,5%), com nova queda em 2002 (3,2%) e 2003 (1,6%). O

ano de 2004 registra um novo aumento — atingindo, porém, apenas 2,7% —, seguido de nova queda nos dois anos seguintes: 2005 (2,0%) e 2006 (1,6%).

Na sequência, 2007 indica aponta pequena elevação (2,3%), seguida de queda acentuada no ano seguinte — apenas 0,7%. Em 2009 são 2,4% de páginas relevantes, e em 2010, 1,7%. É interessante notar que *Bravo!* mantém percentuais de páginas relevantes abaixo dos 5,0% ao longo de 12 anos. Só registra índices superiores a esse em 1997 e em 1998.

A média mensal de páginas sobre Poesia indica uma ampla variação, que vai do índice mais alto de 9,7 páginas relevantes (em 1997) ao mais baixo de 0,8 páginas relevantes (em 2008). Cabe lembrar, porém, que o 1997 tem somente três edições e 29 páginas relevantes.

Em segundo lugar nesse mesmo critério, vem 1998, com média de 8,1 páginas relevantes mensais e total de 97 páginas no ano. A média mensal ao longo de toda a série histórica é de 3,4 páginas por edição, o que equivale a 3,1% das páginas da revista.

Para entender melhor o acesso às obras de arte e aos bens culturais através da revista, cabe recorrer ao texto de Walter Benjamin, “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

Segundo Benjamin (1955), a obra de arte perde seu valor de ritual, de culto e magia que tinha na Pré-História e adquire, na atualidade, outra configuração na medida em que constitui-se a partir de sua própria reprodutibilidade técnica e de seu valor de exposição a um público cada vez mais amplo. Conforme o mesmo autor, em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível artesanalmente. Ou seja, aquilo que os homens faziam sempre era passível de ser imitado por outros homens. A novidade está justamente na reprodutibilidade técnica e em grande escala.

Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. (BENJAMIN,1955, p.1)

Um exemplo disso é o que ocorre com a fotografia, arte em que “o valor de culto começa a recuar, em todas as frentes, diante do valor de exposição” (BENJAMIN, 1955, p.4). Trazendo também a xilogravura, que tornou o desenho pela primeira vez tecnicamente reprodutível (muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita), Benjamin (1955, p.2)

afirma que, mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra.

Para ele, a reprodutibilidade técnica da obra de arte ocasiona a perda de sua “aura”. A “aura”, diz Benjamin (1955, p.3), “é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja”.

Fazer as coisas "ficarem mais próximas" é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da sua reprodutibilidade. Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução. (BENJAMIN, 1955, p.3)

O aqui e agora do original, diz Benjamin (1955, p.2), constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. “A esfera da autenticidade, como um todo, escapa a reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas à técnica” (BENJAMIN, 1955, p.2). A arte passa por uma “refuncionalização”:

Ao se emancipar dos seus fundamentos no culto, na era da reprodutibilidade técnica, a arte perdeu qualquer aparência de autonomia. Porém a época não se deu conta da refuncionalização da arte, decorrente dessa circunstância. (BENJAMIN, 1955, p.5)

Nesse sentido, “em vez de fundar-se no ritual, ela [a arte] passa a fundar-se em outra práxis: a política” (BENJAMIN, 1955, p.3). Essa “refuncionalização” faz com que a arte perca o valor estrito em si mesma, passando a induzir, condicionar e gerenciar o olhar do espectador.

Sintetizando de forma simplista, em um primeiro momento a obra de arte tem um caráter ritualístico e mágico. Depois, adquire um caráter político e ideológico, na tentativa de direcionar a leitura do público.

Com base no que já apresentei sobre história do jornalismo cultural no mundo no primeiro capítulo dessa pesquisa, posso dizer que atualmente vivemos um terceiro momento: aquele no qual se perde o caráter político e reitera-se o caráter meramente comercial das produções culturais e artísticas. Em alguns momentos se sobrepõe na lógica capitalista contemporânea a mescla de um caráter ideológico a objetivos comerciais, sempre com a prevalência desses últimos.

A arte passa a orientar a recepção num sentido amplo predeterminado. As fotografias, no exemplo de Benjamin (1955), inquietam o observador, que deve seguir um caminho previamente definido para aproximar-se delas. Ao mesmo tempo, as revistas ilustradas começam a mostrar-lhe indicadores de caminhos de leitura e de interpretação .

Nas revistas, as legendas explicativas se tornam pela primeira vez obrigatórias” (Benjamin, 1955, p.5). O sujeito perde sua autonomia interpretativa e fica refém de práticas dominantes, que “legendam” ou induzem sua própria subjetividade.

Para Umberto Eco, na leitura de Kirchof e Silveira (2010), atualmente a estética está a serviço do consumo. A arte se vale cada vez mais de estratégias de mercado,

As análises pioneiras de Eco permitem perceber que uma grande parte do que foi e continua sendo produzido para o chamado “público de massa” possui alguns traços estruturais e estéticos reconhecíveis, já que são construídos sob a diretriz maior de propiciar um consumo fácil e agradável. Em última análise, na era industrializada, a *obra* transforma-se em *produto* ou *mercadoria*, cujo fim é algum tipo de consumo, de preferência a um consumo em larga escala. (KIRCHOF e SILVEIRA, 2010, p.69)

Ou seja, a arte que objetiva ser vendável tem sempre que trazer sensações positivas - de conteúdo ameno e com o qual os leitores se identifiquem. Para atingir tal fim, afirmam Kirchof e Silveira (2010, p.69), desde seu início, grande parte da indústria cultural tem investido em uma estratégia de endereçamento bastante eficiente: dirige-se a “uma massa de consumidores genérica, em grande parte estranha à complexidade da vida cultural especializada” (ECO, 2000, citado por KIRCHOF e SILVEIRA, 2010 p.76), vendendo, a esse público imaginário, *efeitos já confeccionados*.

Desse modo, o produto que tem denominado de “massificado” já contém, em si, as reações estéticas que deve provocar, geralmente amenas, agradáveis, enfim, sensações positivas, que estimulem o consumo do artefato como uma forma simultânea de entretenimento, por um lado e, por outro, de criação da ilusão de estar participando do que se considera “alta cultura”, na mesma medida em que se consome o produto. (KIRCHOF e SILVEIRA, 2010, p.69-70).

Por isso, nas revistas sobre cultura as matérias sobre a temática da Poesia nelas contidas têm sempre que parecer familiares e agradáveis ao público. A obrigatoriedade de “legendas” em

imagens de revistas é eloquente, pois facilita esse processo de tornar a leitura agradável e compreensível a todos.

De acordo com Benjamin (1955, p.3), “toda a função social da arte se transforma”. A arte reproduzida tecnicamente precisa ser explicada e indicada ao leitor, que, por não ter acesso ao exemplar “autêntico”, fica refém de mediações de terceiros — no caso, os veículos de comunicação. A autonomia e a liberdade de interpretação, assim, deixam de ser uma característica do espectador, sendo inerente também ao emissor.

Para o autor, enquanto o autêntico preserva toda a sua autoridade com relação à reprodução manual, em geral considerada uma falsificação, o mesmo não ocorre no que diz respeito à reprodução técnica, e isso por duas razões. “Em primeiro lugar, relativamente ao original, reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual” (BENJAMIN, 1955, p.2).

É o caso, aponta Benjamin (1955), da fotografia — que pode acentuar certos aspectos do original, não percebidos pelo olhar humano convencional — ou ainda do cinema — que pode fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural através de procedimentos como a ampliação ou a câmera lenta. “Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original” (BENJAMIN, 1955, p.2).

Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma da fotografia, seja do disco. Aatedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador; o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto. (BENJAMIN, 1955, p.2)

Num passo adiante, a obra de arte contemporânea já é concebida e pensada com o objetivo de ser amplamente reproduzida, não havendo uma preocupação em fixar sua “autenticidade” no sentido de mantê-la única em determinado local ou espaço físico. “A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida” (Benjamin, 1955, p.3).

Tal fenômeno pode ser observado através das páginas de revistas culturais, em que o público tem acesso a imagens, fotografias e textos — reproduzidos tecnicamente — relativos a eventos ou obras a cujos exemplares “autênticos” não possuiria acesso (por distância, falta de acesso, tempo, etc.). Publicações como *Bravo!* e *Cult*, enquanto agentes dessa reprodutibilidade

técnica da arte, têm o potencial de diminuir as barreiras (seja físicas ou de outras ordens) entre a obra e o espectador.

Este pode estar em sua casa ou escritório e, ao mesmo tempo, ter acesso a uma determinada exposição que acontece em outro estado ou país através da cobertura das revistas. “A reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da massa com a arte” (BENJAMIN, 1955, p.10).

Mas será que, na prática, isso acontece? Será que as revistas culturais contemporâneas, em especial *Bravo!* e *Cult*, realmente aproximam o leitor da obra de arte e do conteúdo a que ele não teria acesso?

A cobertura de *Bravo!*, diz Vieira (2011), com a peculiaridade do foco informativo muitas vezes recai sobre a personalidade, ator ou escritor em detrimento da produção cultural e artística propriamente dita. Para ela, contudo, tal fato acontece devido a “um olhar diferente”, conforme o trecho: “Como sempre busca trazer um olhar diferente ao produto cultural em questão, os textos acabam mostrando a pessoa (ator, autor, diretor, cantor), passando superficialmente pelo produto” (VIEIRA, 2011, p.120).

Segundo a autora, analisando somente as matérias que tiveram destaque na capa, essa tendência da revista fica bastante clara. Como exemplo, ela aponta as reportagens de capa de janeiro a maio de 2010. Em janeiro, próximo à estreia do longa “Nine”, ao invés de uma crítica ou análise do filme, a revista publica uma reportagem sobre Penélope Cruz, a protagonista.

Em fevereiro, quando seria lançada uma nova biografia do escritor Gabriel García Márquez, a publicação desvia o foco da obra em si, para trazer uma abordagem mais voltada para um único aspecto do livro, que foi a relação do escritor com o governante cubano Fidel Castro.

Em março, quando todos os jornais falavam sobre a vinda ao Brasil da maior exposição sobre as obras do artista plástico Andy Warhol, *Bravo!* publica uma longa reportagem sobre ele e sua contribuição para se pensar a cultura contemporânea, falando pouco sobre a exposição. Em abril, o enfoque é em Paulo José. Já em maio, a cantora Lady Gaga é o tema central da edição, com um texto que comenta muito de sua trajetória e referências, o que vai repercutir em sua obra (VIEIRA, 2011, p.120).

E essa tendência de focar nas personalidades em detrimento da obra acompanha a revista ainda hoje e revela outra característica de sua cobertura: os personagens midiáticos. Todos estes artistas que a revista

trouxe na capa nos seis primeiros meses de 2010 são amplamente conhecidos do público e com forte apelo comercial. O próprio Paulo José, que atua no teatro e no cinema na reportagem, já atuou também em diversas telenovelas (VIEIRA, 2011, p.121).

Esse “olhar diferente” sobre a produção artística ao qual se refere Vieira (2011), na minha opinião, nada mais é do que um desvio de foco gerado pela preocupação com as possibilidades comerciais das pautas. O enfoque na protagonista de um filme ao invés da análise do filme em si, contém maior apelo para as vendas, chamando atenção de um público maior.

Assim, embora aproximar o leitor da obra de arte seja uma das possibilidades do jornalismo cultural, é preciso indagar se, na prática, isso ocorre — e de que forma. Informações secundárias e periféricas — mas relacionados — à obra de arte não são, em si só, algo negativo.

Questiono essa abordagem, contudo, na medida em que ela torna-se recorrente em todas as reportagens de capa citadas por Vieira (2011). Ocorre a substituição da apresentação e da análise das produções artísticas propriamente ditas por temas relativos a personalidades ou eventos relacionados às obras de arte.

De acordo com Benjamin (1955, p.5), “nunca as obras arte foram reproduzíveis tecnicamente, em tal escala e amplitude, como em nossos dias”. Na proporção em que se multiplica, a reprodução da obra de arte substitui-se sua existência única por uma existência serial. “E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido” (BENJAMIN, 1955, p.2).

Essa “atualização” do objeto ou obra engendra novas interpretações e recepções diferenciadas. A cobertura jornalística de modo geral — sem avaliarmos, nesse momento, seu posicionamento — possui papel fundamental nessa “atualização” das obras a que Benjamin se refere. A divulgação de um evento pela imprensa viabiliza, de certa forma, o acesso a tal espetáculo ao público que, não necessariamente, estará presente no acontecimento.

Os críticos e repórteres disseminam e perpetuam a obra de arte, imprimindo-lhe, cabe lembrar, elementos de sua própria subjetividade. Desse modo, acabam de alguma forma reconstruindo e recriando a própria obra com elementos de sua visão de mundo.

De alguma forma, apesar da reprodutibilidade técnica ser uma trivialidade nos dias de hoje, o público parece perseguir o sentido mágico da obra artística. Utilizando-se de suas reportagens como meio que proporcionar o acesso a produções culturais, os próprios periódicos adquirem um caráter, em alguma medida, “aurático”.

Não é mais uma novidade o contato com uma obra de arte através da mídia. Em sua função de viabilizar esse acesso, os periódicos adquirem diante do público uma dimensão não apenas informativa, mas também transcendental.

Afinal, são eles os responsáveis pela aproximação da arte com o público. Possuir uma revista cultural — ou os produtos e obras por ela divulgados — traz ao público uma sensação de saciedade e de satisfação. A obra torna-se tangível à realidade do leitor, seja ela qual for.

Para Theodor Adorno (1998), a mercantilização crescente de produtos culturais permite a gratificação psicológica das pessoas com posse desses bens. O caráter artístico é subordinado às necessidades do mercado. A distração e o preenchimento de vácuos na consciência tornam-se mais relevantes que a cultura em si. O avanço das forças produtivas transforma o conhecimento em valores os quais as pessoas se dispõem a pagar, como observa Rüdiger (2004).

Retomando as considerações de Abreu (2009), o leitor de *Bravo!* caracteriza-se por relacionar informação e cultura com algum tipo de consumo. Embora em diferentes medidas, tanto o leitor que já tem acesso à cultura quanto o que se utiliza de *Bravo!* (ou de *Cult*) para isso, precisam de recursos (intelectuais e financeiros) para concretizar tal acesso.

Em ambos os casos, o indivíduo será persuadido a recorrer aos bens culturais propriamente ditos, indicados exaustivamente através do conteúdo da publicação (além da própria revista que, por si só, já se constitui de um bem de consumo).

As matérias relativas à literatura, à música e ao cinema, e lançamentos de DVD, por exemplo, têm sempre relação com a comercialização desses produtos. Assim, essa forma de produzir matérias culturais vem ao encontro de um público/leitor que identifica e relaciona informação com algum tipo de consumo. (ABREU, 2009, p 99)

Na medida em que enfoca personalidades famosas em detrimento da obra ou produção artística propriamente dita, como coloca Vieira (2011, p.121), a revista também corrobora seu posicionamento comercial.

A relação de interdependência entre informação e consumo é explorada ao máximo pelas editoras de revistas culturais. Preocupadas com a manutenção de seus periódicos no mercado, elas investem em estratégias de marketing para fidelizar e ampliar seu público consumidor.

Conforme Abreu (2009), entre as estratégias adotadas pela Editora Abril é possível citar as campanhas publicitárias de suas diversas revistas, a manutenção do site da publicação, a promoção de eventos ligados à literatura e à filosofia, cursos que se propõe a tratar do conteúdo

abordado na revista e edições especiais (que tratam, por exemplo, de filmes, livros ou lugares essenciais da cultura).

A Editora Abril, no posto de maior editora do país, investe de maneira expressiva nessa estratégia ao criar para cada uma de suas revistas um sítio específico para reforçar a imagem dessas publicações e promover suas vendas. (ABREU, 2009, p 99)

O próprio conteúdo de *Bravo!* vai ao encontro dessa tendência de mercantilização da informação e do conhecimento. Em diversas reportagens observo a presença de pequenos boxes destacando o livro, obra ou espetáculo que está sendo noticiado — ou, em última instância, vendido. Esses boxes estão organizados em tópicos que facilitam a visualização, contendo os seguintes pontos: “O que?”, “Quando?”, “Onde?”, “Onde comprar?” e “Quanto?”.

Para Vieira (2011), no caso de *Bravo!* o que se vê em maior escala nos textos é a informação. “Isso porque toda a sua cobertura se pauta no agendamento proposto pelo campo cultural, como estreias de exposições, shows, espetáculos e lançamentos de álbuns e livros” (VIEIRA, 2011, p.139). Desse modo, a construção do conteúdo está condicionada e vinculada diretamente aos lançamentos e acontecimentos na área cultural.

A distribuição das ocorrências de *Bravo!* por assuntos comprova essa tese, visto que Lançamento é o item que aparece em primeiro lugar absoluto, com 147 ocorrências sobre Poesia de um total de 198, conforme a tabela:

Assuntos em <i>Bravo!</i>	
Assunto	Ocorrências
Lançamento	147
Evento	5
Efeméride/ Contexto do autor	22
Poema	4
Outro	20
Total	198

Quadro 5: Assuntos em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela indica ainda que, em segundo lugar entre os assuntos está Efeméride/ Contexto do autor (com 22 ocorrências). Em terceiro está Outro (com 20 ocorrências). Na sequência, Evento tem cinco ocorrências e Poema, quatro.

Segundo declarações do editor da revista, em 2003, Almir Freitas, em entrevista a Livia Meimes (2003), a proposta do veículo, entretanto, não corresponde a tal tendência. Conforme o editor, o debate e a crítica são o enfoque do veículo. Ele afirma que muitas vezes tal proposta exige que a revista tome uma posição sobre determinada produção artística não favorável ao evento ou obra em questão.

[Segundo Freitas], não basta dizer que determinado espetáculo está em cartaz, que certo filme estreou, que um livro foi lançado. É preciso usar esse “fato” como gancho para uma discussão maior, que sempre colocará no centro do debate, no fim de tudo, os rumos da cultura brasileira. (MEIMES, 2003, p. 44)

Wagner Carelli (2004), primeiro diretor de redação da revista, vai ao encontro dessa afirmação ao dizer que a cultura não aparece no periódico apenas de forma expositiva e informativa. “O espírito da *Bravo!* foi “o ensaístico-crítico que não deixava de lado a agenda — só que a agenda era ensaístico-crítica também” (CARELLI, 2004).

No entanto, discorda Meimes (2003, p. 43): pelo menos no que tange às reportagens com chamada de capa, o conteúdo raramente recebe enfoque crítico ou contestador. Geralmente, afirma ela, as matérias enaltecem e supervalorizam o acontecimento tratado.

Apesar do projeto gráfico ser uma das melhores coisas da publicação, ainda falta muito para a revista conseguir focalizar a cultura de uma maneira mais realista, apontando os melhores e piores aspectos sem muito elogio gratuito (MEIMES, 2003, p. 42-43).

O que Meimes chama de “elogio gratuito” é recorrente ao longo da cobertura de *Bravo!* O enfoque do periódico é a exaltação das pautas apresentadas. Marcelo Coelho (1998) destaca a maneira como livros e filmes são indicados ao leitor na publicação: “não perca” ou “fique de olho”. Por outro lado, afirma ele, não há nada equivalente a “fuja”, “desista” — nenhuma crítica dizendo: “é porcaria”. Tudo o que *Bravo!* seleciona é bom ou pelo menos vale a pena, aponta Coelho (1998).

Apesar de seus editores reiterarem que a proposta do veículo é dedicar-se à análise e ao conteúdo ensaístico-crítico (e não apenas à agenda cultural), na prática ocorre o contrário. Ou seja, a agenda cultural de eventos e de lançamentos tem muito mais espaço do que a análise e o conteúdo ensaístico.

A mediação informativa se mostrou a categoria predominante na revista *Bravo!*, não somente em quantidade de matérias, mas também no espaço dedicado pela revista às matérias e reportagens com poucos elementos de crítica e ensaio. As matérias predominantemente informativas ocupam em média oito páginas na revista, enquanto as críticas apenas uma e as ensaísticas, em média, duas. (VIEIRA, 2011, p.119)

Tal desproporção em termos de espaço dedicado à informação e à crítica chama atenção pela incoerência em relação ao discurso dos editores. A impressão que se tem é a de que a proposta do veículo é uma, mas o que se observa na prática é outra. A publicação dedica-se à exaltação e ao engrandecimento dos fatos que noticia em detrimento de sua proposta inicial - de trazer análise e de reflexão crítica.

O próprio título “Bravo!” remete a tal configuração. Conforme Abreu (2009), distanciando-se do primeiro conceito que nos fornece o dicionário - que associa a palavra "bravo" aos adjetivos "feroz", "valoroso", "intrépido", "exaltado," e "furioso" – identifica-se outra linha de conotações que conceitua a palavra como "aplausos" ou ainda com interjeições de aprovação como "apoiado" e "muito bem". “Essas últimas estariam mais próximas do que a revista pretende evocar, já que “bravo” (ainda seguido se um ponto de exclamação) é a interjeição mais utilizada quando o público aprova um determinado espetáculo” (ABREU, 2009, p.121).

Portanto, o nome *Bravo!* presentifica o conceito de estar aplaudindo o melhor que há na produção cultural. A revista pode comunicar-se tanto com o público que frequenta e consome produtos culturais quanto com aquele que se identifica e busca informação sobre o universo cultural por não ter acesso direto a essas produções. (ABREU, 2009, p.121)

Outra possibilidade, levanta Abreu (2009, p.122), seria a de que, ao adquirir esse título, o leitor também estaria adquirindo a possibilidade de acessar e aplaudir as diversas produções culturais ali reportadas e, de alguma forma, comungar da experiência de participar da vida cultural e artística, mesmo não frequentando efetivamente a produção cultural ali apresentada. Seria como uma participação imaginada (ABREU, 2009, p 122).

Para Marcelo Coelho, *Bravo!* explicita, de forma “meio ridícula”, o dilema entre a alta cultura e o mercado. A publicação, segundo ele, destaca o "top de linha" em termos culturais, abordando personalidades como Léger, Woody Allen, Clarice Lispector, Richard Serra, Arvo Paart:

Mas todo esse apuro, todo esse formato, toda essa seleção, em que coisa ruim não entra, confere a *Bravo!* um ar de revista de bordo. É como se fosse uma espécie de *Ícaro*, a publicação gratuita da Varig, tanto do ponto de vista gráfico, quanto do ponto de vista editorial. *Bravo!* tem por norma não pichar ninguém. (COELHO, 1998)

Ao não “pichar ninguém” reforça-se o significado do título *Bravo!* como aplauso ou elogio. “Até aí, tudo bem. Estamos no espírito de uma revista de bordo, que seleciona só o que há de bom para se ver na cidade em que seu avião vai pousar” (COELHO, 1998).

O incoerente, aponta o autor, é que, contudo, antes do leitor começar sua “leitura de bordo” *Bravo!* apresenta uma seção intitulada “Ensaio”, escrita por colaboradores como Bruno Tolentino, Olavo de Carvalho, Sérgio Augusto, Jorge Caldeira, Fernando de Barros e Silva e Sérgio Augusto de Andrade.

Aí é que a coisa complica. Quase todos [os colaboradores] se colocam "contra o mercado". Há um espírito de contestação, de polêmica, de insulto no ar. A aeromoça é solícita, serve salgadinhos, promete uma culinária de primeira, mas o piloto, o co-piloto, o comissário de bordo estão de mau humor e se entregam a vagas acusações. (COELHO, 1998)

Nessa perspectiva, diz Coelho (1998), os ensaístas se comportam como altos contestadores da "cultura estabelecida" numa publicação que expressa a pura cultura de mercado elitizada. Há aqui, segundo ele, um “caso de esquizofrenia”. Isso porque “teatraliza-se o inconformismo, o contracultural, a "oposição", num veículo que nada tem de partidário, de ideológico ou de opositor. Sua reação ao mercado é mercadológica também” (COELHO, 1998). Assim, *Bravo!* recai na contestação do “mercado que sustenta o sucesso da revista” (COELHO, 1998).

E mais adiante o autor conclui: “Digo tudo isso porque, em parte, me reconheço nos ensaístas de *Bravo!* Cabe fugir desse ridículo, em que todo crítico cultural cai frequentemente” (COELHO, 1998). Essa última declaração de Coelho é, sem dúvida, um argumento de defesa, visto que seu texto, em que critica *Bravo!*, está publicado nas páginas do caderno *Ilustrada* do jornal *Folha de São Paulo*, um dos maiores grupos de comunicação do país.

Tendo em vista esse contexto — e o próprio dilema admitido por Coelho na condição de crítico e funcionário de um dos maiores jornais do Brasil —, parece haver dois pólos opostos: cultura, de um lado, e mercado, de outro. Tais extremos parecem muitas vezes incompatíveis de conviver e existir simultaneamente.

O crítico, dentro de suas atribuições, quer contestar, manifestar-se e questionar a cultura, a literatura, as artes, a sociedade. Contudo, encontra-se submisso ao próprio veículo que lhe emprega e, conseqüentemente, pauta seus textos e exerce influência sobre o conteúdo. Dessa forma, sua autonomia e liberdade criativa existem apenas até certo ponto — até o momento em que não fira os interesses de seu financiador, chefe ou empregador.

Conforme o conceito de indústria cultural, presente na obra *Theodor Adorno e a Crítica da Indústria Cultural* (RÜDIGER, 2004), há uma relação predominantemente mercantil entre as formas de cultura. Para Horkheimer e Adorno, expoentes da Escola de Frankfurt, o capitalismo adicionou a cultura ao campo da economia e da administração.

Se por um lado os avanços tecnológicos promovem o desenvolvimento, por outro impõem sujeições e dependências. A racionalização instrumental, segundo Rüdiger (2004), constitui um paradoxo, no qual essa racionalidade domina todas as esferas sociais. A competição econômica, apesar das mudanças no suporte tecnológico, continua presente e em ascensão.

A competição econômica se perpetua e reproduz de maneira cada vez mais severa através — e não ao invés — do progresso tecnológico. As circunstâncias apenas redimensionaram sua escala, reservando seus principais lances para os grandes e poderosos. (RÜDIGER, 2004, p. 47)

Eis uma difícil equação que parece desafiar a sociedade. Escritores, professores, leitores, jornalistas, críticos, comentaristas, de um lado; empresas e interesses econômico-administrativos, de outro. Uma esfera não vive sem a outra, uma depende da outra para existir.

Contudo, parece haver uma barreira intransponível, um abismo, que as distancia e impede que convivam em harmonia. Aliás, tendo em vista que o crítico ou articulista geralmente é a esfera mais fraca desse processo, dificilmente essa dinâmica será equacionada, de fato, de forma equilibrada, sem subjugar o lado mais fraco.

3.1.2 A troca de editora

Tendo em vista a proposta editorial recém apresentada, em 1996, Luiz Felipe D'Ávila cria a editora que leva seu sobrenome. A empresa ficou responsável pela publicação das revistas

Bravo! e *República*. Conforme Rubia Figueiredo (2008, p.60), Luiz Felipe D'Ávila, bem relacionado com o mundo empresarial, levanta patrocínio e, após cinco cotas vendidas, arrecada o valor suficiente para iniciar seu projeto.

Começa então a agilizar o trabalho para cumprir o prazo prometido aos patrocinadores, de lançar o produto em outubro de 1997. O nome da revista foi dado por Luis Carta, que já havia registrado *Bravo!*, e seu filho Andrea foi quem autorizou os criadores a nomear o periódico. Em 23 dias, todo material gráfico e editorial, reportagens, fotolitos, estava pronto para ir às bancas (FIGUEIREDO, 2008, p.60).

Wagner Carelli, que trabalha na concepção da *Bravo!* número 1, diz que é com muito pesar que viu fechar a Editora D'Ávila, empresa que descreve como sua “mãe” em termos profissionais (aquela onde aprendera seus maiores conhecimentos jornalísticos). Carelli (2004) comenta a trajetória do fundador da editora, Luiz Felipe D'Ávila, que culmina com o lançamento de *Bravo!*:

O Felipe foi o primeiro e único *publisher* do país a querer fazer revista cultural. Ele tinha acabado de voltar da Europa, onde completara anos de uma formação da maior qualidade, e queria fazer revistas como as que ele gostava de ler lá fora — aqui ele não tinha revista para ler. (CARELLI, 2004)

A primeira equipe de redação de *Bravo!* é constituída por profissionais vindos da revista *República*. Além do próprio Luiz Felipe (dono da editora) e do diretor de redação Wagner Carelli, tem participação importante na consolidação do periódico os jornalistas Noris Lima e Edu Simões. Para Carelli (2004), a importância desse grupo é tanta que “se uma dessas pernas se quebrasse, a mesa jamais voltaria a ficar em pé”.

Enquanto esteve sobre o comando da Editora D'Ávila, “a *Bravo!* incomodou a [editora] Abril de uma forma impensada” (Carelli, 2004). Em sua crítica à Abril, Carelli afirma de forma incisiva que, com a aquisição do veículo, talvez a editora possa se “redimir” da “pasteurização a que submeteu o mercado editorial brasileiro”, conforme a passagem:

Quem sabe a *Bravo!* venha a redimir a Abril da pasteurização a que submeteu o mercado editorial brasileiro de revistas. É difícil, mas o Felipe está lá, e quem sabe a minha obstinada fé calabresa na D'Avila não venha a fazer sentido, ainda? Vai ver a *Bravo!* acaba por encampar a Abril.

Concretamente — ou em espírito, que seja. Seria bom pra todo o mundo.
(CARELLI, 2004)

A última edição de *Bravo!* pela Editora D'Ávila é a de fevereiro de 2004. Após o fechamento dessa edição no dia 19 de janeiro daquele ano, a Abril passou a ser responsável pela publicação. O primeiro número sob gestão da Abril saiu em março de 2004 — sem nenhuma interrupção na publicação das edições —, com capa sobre o filme *Kill Bill*, de Quentin Tarantino.

Ao avaliar os dados sobre as páginas relevantes de *Bravo!* (que constam na página 34 dessa seção) sobre a perspectiva da troca de editoras que ocorre em 2004, quando a revista deixa de ser comandada pela Editora D'Ávila e passa para a Abril, percebo que as oscilações a partir dessa data são menos drásticas. Ou seja, acontecem oscilações menores após a troca de editoras.

Uma hipótese que talvez justifique esse quadro é o fato de que, sobre o comando da Abril, a revista consegue manter uma mesma linha editorial, padronizando melhor o modelo de sua cobertura (sem tantas modificações como ocorria sobre o comando da D'Ávila).

Sobre o comando da primeira editora (de 1997 a 2003), o índice varia entre 1,4% (em 2000) e 8,8% (em 1997). Já sob o comando da segunda (entre 2004 e 2010) a oscilação dá-se entre 0,7% (em 2008) e 2,7% (em 2004). Sobre o comando da Abril, há menos amplitude na variação de pontos percentuais.

Ao mesmo tempo, após a troca de editora, *Bravo!* mantém os índices de páginas sobre Poesia em um patamar muito mais baixo (se comparado em relação à primeira fase), não ultrapassando os 2,7%. Com a Editora D'Ávila, o percentual de páginas sobre Poesia fica abaixo desse valor somente nos anos 2000 (1,4%) e 2003 (1,6%), mas chega ao topo em 1997 (8,8%) e 1998 (7,3%).

A revista é amparada no seu processo de criação pelas facilidades da Lei Rouanet, fator que, segundo Figueiredo (2008, p.70-71), sustentou sua permanência no mercado editorial ao longo dos anos. A partir de 1995, resgata a autora, diante do cenário político vigente, responsável pela simplificação do processo de leis de incentivo à cultura, ocorre a ampliação do mercado de produtos culturais e a transferência de patrocínio do Estado para o setor empresarial.

De acordo com Figueiredo (2008, p.71), entre os anunciantes predominam as empresas estatais, editoriais e culturais, instituições universitárias, organizações não-governamentais, além

de empresas prestadoras de serviços (hotéis, bancos, montadoras de veículos), certamente atraídos pelo perfil de leitor do periódico.

Na constituição da equipe editorial de *Bravo!*, há a ausência de colaboradores fixos. O veículo “trabalhava, em 2008, com 11 pessoas responsáveis por todo o processo de produção (editorial e gráfico), auxiliadas por colaboradores externos na produção de matérias, críticas, reportagens e resenhas” (FIGUEIREDO, 2008, p.66).

Segundo o diretor de redação João Gabriel Lima (2010 citado por VIEIRA, 2011), em entrevista realizada por Ligia Chaves Vieira, *Bravo!* passou por quatro fases distintas em sua história, as duas primeiras sobre o comanda da Editora D’Ávila e as duas últimas já com a Editora Abril. “Na primeira, quando a publicação era editada por Wagner Carelli, falava de cultura e não falava de televisão, música popular e cinema comercial, explica Lima” (VIEIRA, 2011, p.63-64).

De acordo com Lima (2010, citado por VIEIRA, 2011), o discurso da revista parece destacar a existência de dois tipos de cultura, uma mais erudita e uma mais “popular”, voltada para o entretenimento. *Bravo!* seria um veículo dessa cultura erudita. Vieira (2011, p.65) sintetiza essa primeira fase em três características: foco na cultura erudita — em especial a cobertura de música erudita e literatura —, orçamento editorial alto e projeto gráfico diferenciado.

Na segunda fase, o periódico muda um pouco seu foco e passa a abordar alguns fenômenos da cultura de massa. Para Vieira (2011, p.65), a mudança de rumos ocorre devido a uma possível crise financeira, decorrente de perda de receita e de assinaturas.

Foi então que a revista publicou, em fevereiro de 2004, uma capa que, segundo João Gabriel Lima, chocou alguns leitores. Sobre um fundo cor de rosa, o pagodeiro Zeca Pagodinho aparece sorridente em uma fotografia, sinalizando positivamente com o dedo polegar, com a manchete: “Zeca Pagodinho?”. A pergunta na capa talvez sugira o que Lima descreveu como um “caminho envergonhado” assumido pela revista, que foi a abertura para temas e personagens midiáticos e do mundo do entretenimento. (VIEIRA, 2011, p.65)

A mudança de editora, em 2004, também altera um pouco o perfil da revista, inaugurando, conforme Vieira (2011), sua terceira fase. “*Bravo!* passa, segundo Lima, a buscar uma aproximação maior com a agenda cultural, com o objetivo de ser um instrumento para o

leitor que gosta de cultura manter-se informado sobre eventos nacionais e cultura brasileira” (VIEIRA, 2011, p.65). Nas palavras de Lima (2010, citado por VIEIRA, 2011, p.65): “Então, passamos a fazer uma revista útil para o brasileiro que tem vida cultural e a *Bravo!* se torna mais jornalística nesse sentido”.

Foi nesse período em que suas capas adotam, abaixo do título da revista, o *slogan*: “O melhor da cultura em (mês da publicação)”. Ao buscar uma aproximação com a agenda cultural brasileira, *Bravo!* acaba tornando-se parecida com os cadernos culturais de jornal, o que provoca o surgimento, segundo Lima (2010, citado por VIEIRA, 2011, p.65), de uma quarta fase, que seria a fase atual da revista.

Para o diretor de redação, nessa fase *Bravo!* aposta em grandes perfis, reportagens, entrevistas e ensaio jornalístico. Vieira (2011) assume, nesse momento, um discurso que se assemelha ao da própria equipe da revista: “As pautas são, de acordo com ele [João Gabriel Lima], selecionadas com foco na “relevância cultural”, que é avaliada a partir de sua “capacidade de provocar alguma reflexão sobre o cenário cultural contemporâneo” (VIEIRA, 2011, p.66).

Para João Gabriel Lima (2010 citado por VIEIRA, 2011), o “objetivo da publicação é ser uma espécie de guia para pessoas que têm vida cultural e que consideram a cultura um aspecto importante, tendo-a como valor”. Segundo ele, a fronteira entre a alta e a baixa culturas — dualidade que faz paralelo com a cultura e o entretenimento — não mais sustenta uma lógica vertical, apresentando-se de forma horizontal:

A gente trata com o mesmo respeito, com a mesma exigência, e ao mesmo tempo crítica todos os pormenores da cultura”, afirma. E essa noção de cultura, como veremos, aparece na cobertura da *Bravo!*, que mescla cultura e entretenimento, buscando sempre dar um enfoque mais aprofundado ao segundo, na tentativa de justificar sua presença nas páginas da revista. (VIEIRA, 2011, p.63)

De acordo com os dados já apresentados nessa seção (página 33), a queda no índice de ocorrências sobre a temática da Poesia - um dos principais gêneros dentro da literatura -, com o passar dos anos, é imensa. Ao mesmo tempo em que há essa redução na recorrência da temática, é evidente que outros assuntos e outras pautas ocupam seu lugar nas páginas do veículo. Nesse sentido, *Bravo!* vai ao encontro do entendimento de cultura numa perspectiva mais ampla, como apontada por Veiga-Neto (2003) e outros autores já citados.

O que coloco aqui em questão não é a opção editorial da revista por tratar do entretenimento ou mudar o enfoque de sua cobertura (inicialmente focado em música erudita e literatura, conforme Vieira). Questiono, prioritariamente: Que cobertura é essa? Que mudanças são essas? O que representam em termos de conteúdo? Que preço o público acaba pagando pelo acesso a temas supostamente mais abrangentes (conforme afirmam os editores)?

Quanto às quatro fases apresentadas por Vieira (2011) na trajetória de *Bravo!*, todas trazem características que a inserem na lógica do mercado. De modo geral, a publicação distancia-se de sua proposta original de enfoque apenas na literatura e na música erudita. Na segunda fase, há uma ampliação nas temáticas pautadas, passando a comportar uma gama maior de temas.

Na terceira fase, já sobre a direção da Editora Abril, há uma aproximação considerável de seus textos com a agenda cultural. Já na quarta fase, através do discurso do editor, percebe-se que a proposta permanece a mesma da fase anterior, embora haja uma tentativa de atenuar o enfoque restrito na agenda cultural. Ocorre uma tentativa incipiente de resgatar o aspecto crítico-reflexivo do veículo.

Ao salientar que a revista traz os principais fatos e eventos culturais, destinando-se a um público que tem a “cultura como valor”, Lima reafirma a relevância editorial do agendamento e da informação jornalística factual. Não percebo, assim, qualquer mudança evidente na proposta editorial na transição da terceira para a quarta fase. Aliás, o veículo foi concebido com um perfil erudito e acadêmico, em sua primeira fase, e depois, a partir da segunda fase, adota a agenda cultural e o entretenimento como alicerce de seu conteúdo.

Ao avaliar a variação de temas tratados ao longo da série histórica, noto que Lançamento é primeiro lugar em relação aos demais assuntos em todos os anos. Com exceção de 1997, em que Lançamento empata com Efeméride/ Contexto do autor com 33,3%, em todos os demais anos apresenta índices superiores a 57,1%. Em 2002 e 2008, Lançamento ocupa 100% da cobertura de *Bravo!*. conforme a tabela:

Proporção de Assuntos (%) entre as ocorrências de Poesia em <i>Bravo!</i>					
Ano	Lançamento	Evento	Efeméride/ Contexto do autor	Poema	Outro
1997	33,3	22,2	33,3	0,0	11,1
1998	57,1	2,9	22,9	0,0	17,1
1999	90,0	0,0	5,0	0,0	5,0
2000	81,8	0,0	0,0	0,0	18,2
2001	90,9	0,0	9,1	0,0	0,0
2002	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
2003	87,5	0,0	0,0	12,5	0,0
2004	70,0	5,0	5,0	15,0	5,0
2005	43,8	0,0	12,5	0,0	43,8
2006	75,0	0,0	25,0	0,0	0,0
2007	72,7	9,1	9,1	0,0	9,1
2008	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
2009	81,8	0,0	18,2	0,0	0,0
2010	75,0	0,0	0,0	0,0	25,0
Média geral	74,2	2,5	11,1	2,0	10,1

Quadro 6: Proporção de Assuntos (%) entre as ocorrências de Poesia em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

No geral de todos os anos, o item Lançamento tem 74,2% das ocorrências. Em segundo lugar está Efeméride/ Contexto do autor, com 11,1%. Depois, aparecem, respectivamente, Outro (10,1%), Evento (2,5%) e Poema (2%).

Ao contrário do que diz Lima (2010 citado por VIEIRA, 2011) — que a proposta atual de *Bravo!* seria fazer uma publicação próxima da americana *The New Yorker*, abordando assuntos atuais de maneira aprofundada —, entendo que a revista não atinge esse objetivo. Seu jornalismo ainda está preso à agenda cultural e à simples resenhas e resumos das obras.

Na média geral de todos os anos da revista *Bravo!*, Lançamento tem 74,2% das ocorrências; Efeméride/ Contexto do autor, 11,1%; Outro, 10,1%; Evento, 2,5% e Poema, 2%.

3.1.3 Os aspectos gráfico-visuais

Conforme Vieira (2011), a publicação destaca-se dentre as demais revistas brasileiras — mensais, semanais, de assuntos gerais ou segmentadas — pelo seu projeto gráfico. “A

organização interna e a valorização das fotografias — que muitas vezes não são apenas ilustrativas do texto em questão, mas falam por si mesmas e complementam a informação — são algumas destas características” (VIEIRA, 2011, p.71).

A preocupação com o aspecto gráfico e a apresentação visual são percebidos desde o primeiro número da revista. Quanto à aceitação do periódico, é eloquente o comentário de Wagner Carelli (2004) ao afirmar que, logo em seu lançamento, *Bravo!* é o título que mais chamava a atenção do público nas bancas.

A revista foi pras bancas numa segunda-feira. Na terça-feira, as bancas da região dos Jardins ligavam pra pedir reposição de muitas centenas de exemplares, que eram exibidos à frente de todas as outras revistas. Os jornalheiros eram unânimes em dizer que aquela era a revista mais bonita já feita no Brasil (CARELLI, 2004).

A preocupação com o projeto gráfico é notável, sendo buscado elementos modernos que tornem a leitura atraente. O veículo possui uma funcionalidade que possibilita um fácil entendimento e uma simples compreensão dos elementos gráficos tanto da capa quanto das páginas internas.

Essa funcionalidade é o que Guimarães (2003) chama de “**cor-informação**”. Os aspectos visuais, segundo ele, não se encontram isolados. A diagramação também contribui com a informação e relaciona-se com coerência com os demais elementos dentro da publicação.

Abreu (2009) observa que a concepção das capas de jornais e de revistas utiliza recursos de comunicação visual semelhantes — logotipo, títulos, fotografias, legendas. A principal diferença entre ambos é que enquanto a revista apóia-se mais na valorização da imagem como principal elemento estético da capa, o jornal utiliza várias imagens e já apresenta - através de textos curtos, pequenos gráficos e tabelas - uma prévia das matérias mais importantes do dia (ABREU, 2009, p.131).

A capa de um periódico é o elemento que seduz o leitor a adquirir o produto. “É através dela que a revista inicia a comunicação mais imediata com seu público, atraindo-o para o conteúdo no interior das páginas. (ABREU, 2009, p.112). A capa possui papel fundamental na medida em que estabelece a primeira ligação entre o leitor e o interior da revista.

Percebe-se que a capa cumpre um papel que vai além de apenas identificar determinada publicação. Ela seria o elemento que se comunica primeiro com o leitor, criando um elo entre o externo e o interno da revista.

(ABREU, 2009, p.118)

A temática da Poesia é um dos assuntos que ocupa índices muito pequenos de páginas no veículo. O gráfico abaixo indica o percentual de páginas relevantes com chamada principal de capa, chamada secundária de capa e comuns (que não possuem chamada na capa) em relação ao total de páginas da revista.

Porcentagem (%) de páginas relevantes de <i>Bravo!</i> (do total de páginas)				
	Chamada principal	Chamada secundária	Comum	Total
1997	0,0	5,5	3,3	8,8
1998	0,6	2,3	4,4	7,3
1999	0,0	0,9	2,3	3,2
2000	0,0	0,5	1,0	1,5
2001	1,5	0,0	3,0	4,5
2002	0,0	0,6	2,6	3,2
2003	0,0	1,2	0,4	1,6
2004	0,0	0,5	2,1	2,6
2005	0,0	0,6	1,5	2,1
2006	0,0	0,0	1,6	1,6
2007	0,6	0,5	1,1	2,2
2008	0,0	0,0	0,7	0,7
2009	0,6	0,6	1,2	2,4
2010	1,5	0,0	0,2	1,7
Média geral	0,3	0,9	1,8	3,1

Quadro 7: Porcentagem (%) de páginas relevantes de *Bravo!*
(do total de páginas)

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme a tabela, *Bravo!* não apresenta nenhuma chamada principal de capa dedicada à Poesia nos anos de 1997, 1999, 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2008. Ou seja, ao longo dos 14 anos de revista analisados, em nove deles a Poesia não recebe o destaque principal na capa.

Em 1998, há 0,6% de páginas com chamadas principais de capa; em 2001, 1,5%; em 2007, 0,6%; em 2009, 0,6%; em 2010, 1,8%. Trata-se, assim, de um índice muito pequeno. Em nove anos do periódico as chamadas principais sobre Poesia são ausentes. Quando aparecem,

ainda atingem valores muito baixos, sendo em 2010 o índice mais elevado: 1,8% de páginas sobre Poesia.

Quanto às chamadas secundárias de capa, *Bravo!* não apresenta nenhuma em 2001, 2006, 2008 e 2010. Ou seja, em quatro dos 14 anos analisados não constam chamadas secundárias de capa sobre Poesia.

Em 1997 há 5,5%; em 1998, 2,3%; em 1999, 0,5%; em 2000, 0,5%; em 2002, 0,6%; em 2003, 1,2%; em 2004, 0,5%; em 2005, 0,6%; em 2007, 0,5%; em 2009, 0,6%.

O maior índice de chamadas secundárias aparece em 1997, sendo que nesse ano a revista possui somente três edições. Nos demais anos em que há chamadas secundárias de capa, o maior valor é observado em 1998 (2,3%).

As páginas comuns sobre Poesia (sem chamada de capa) aparecem em todos os anos da publicação. Em 1997 (3,9%) e 1998 (4,6%) constam os índices mais altos, seguidos de quedas sucessivas em 1999 (2,3%) e 2000 (1,0%).

Em 2001 (3,0%) há uma recuperação, seguida por duas sucessivas quedas em 2002 (2,6%) e 2003 (0,4%). Em 2004 (2,1%) uma nova recuperação é seguida por quatro anos consecutivos de queda: em 2005 (1,6%), 2006 (1,6%), 2007 (1,1%) e 2008 (0,7%). Em 2009 (1,2%), uma pequena elevação, seguida por outra queda em 2010 (0,2%) - ano com o menor índice da série histórica.

Desse modo, o percentual de páginas comuns (sem chamada de capa) tem quatro picos de recuperação nos seus índices (1998, 2001, 2004 e 2009), seguidos por novas quedas acentuadas nos anos seguintes. Mesmo nos anos em que ocorre essa recuperação, avaliando toda a série histórica, a nova elevação é cada vez menor — nunca superando o valor máximo, alcançado em 1998 (4,6%).

Assim, as chamadas principais de capa sobre Poesia são exceções na cobertura do periódico. As chamadas secundárias de capa são mais recorrentes, não estando presentes em todos os anos, mas tendo uma frequência três vezes maior do que as chamadas principais.

Entretanto, ao longo dos anos até o índice de chamadas secundárias diminui. As páginas comuns também sofrem queda durante a série histórica, sendo 2010 o ano com menor recorrência.

Ao considerar a média geral de páginas relevantes (sobre Poesia) em relação ao total de páginas da revista, ao longo da série histórica, são apenas 1,8% de páginas relevantes comuns,

0,9% de páginas com chamada secundária de capa e 0,3% de páginas com chamada principal. No total, só 3,1% das páginas de *Bravo!* tratam da temática da Poesia.

Ao avaliar a oscilação do total de páginas relevantes ao longo dos anos, a variação é bem grande. O menor índice é registrado em 2008 (só 0,7% de páginas relevantes). O maior índice aparece em 1997 (8,8%). Mas como 1997 é um ano atípico, cabe considerar o segundo ano com maior índice, que é o de 1998 (com 7,3% de páginas sobre Poesia).

Dentre as páginas sobre a temática, a proporção entre as que possuem chamada principal, chamadas secundária e as comuns é a seguinte:

Proporção (%) entre as páginas sobre Poesia em <i>Bravo!</i>			
	Chamada principal	Chamada secundária	Comum
1997	0,0	62,0	38,0
1998	8,0	32,0	60,0
1999	0,0	28,0	72,0
2000	0,0	32,0	68,0
2001	34,0	0,0	66,0
2002	0,0	19,0	81,0
2003	0,0	76,0	24,0
2004	0,0	20,0	80,0
2005	0,0	28,0	72,0
2006	0,0	0,0	100,0
2007	27,0	23,0	50,0
2008	0,0	0,0	100,0
2009	25,0	25,0	50,0
2010	91,0	0,0	9,0
Média geral	11,2	30,4	58,4

Quadro 8: Proporção (%) entre as páginas sobre Poesia em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

As páginas com chamada principal de capa são preponderantes em relação às chamadas secundárias e às comuns (sem chamada de capa) apenas em 2010 — ano em que as páginas com chamadas principais totalizam 91,0% das páginas relevantes.

As chamadas secundárias de capa se destacam sobre aquelas com chamadas principais e as páginas comuns em 1997 e 2003 — com respectivamente, 62,0% e 76,0% do total de páginas relevantes.

Em todos os demais anos as páginas comuns são preponderantes (em relação às páginas com chamadas de capa) na cobertura do periódico: 1998 (60,0%), 1999 (72,0%), 2000 (68,0%), 2001 (66,0%), 2002 (81,0%), 2004 (80,0%), 2005 (72,0%), 2006 (100,0%). 2007 (50,0%), 2008 (100,0%) e 2009 (50,0%). Nos outros anos, as páginas comuns tiveram 38% em 1997, 24,0% em 2003 e 9,0% em 2010.

Ao considerar a média de páginas relevantes de todos os anos avaliados, tem-se 58,4% de páginas comuns, 30,4% de páginas com chamada secundária de capa e 11,2% de páginas com chamada principal de capa.

Se ao invés de considerar a proporção entre as páginas relevantes que possuem chamada principal, chamada secundária e as comuns, avaliar a média do número de ocorrências mensais (para o mesmo quesito), trago o seguinte gráfico:

Média mensal de ocorrências sobre Poesia em <i>Bravo!</i>			
	Chamada principal	Chamada secundária	Comum
1997	0,0	0,7	2,3
1998	0,2	0,3	2,6
1999	0,0	0,2	1,5
2000	0,0	0,1	0,8
2001	0,2	0,0	1,7
2002	0,0	0,1	1,5
2003	0,0	0,3	0,4
2004	0,0	0,2	1,5
2005	0,0	0,1	1,2
2006	0,0	0,0	0,7
2007	0,1	0,1	0,8
2008	0,0	0,0	0,3
2009	0,1	0,1	0,8
2010	0,2	0,0	0,2
Média geral	0,1	0,2	1,2

Quadro 9: Média mensal de ocorrências sobre Poesia em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Em todos os anos da série histórica as ocorrências comuns sobre Poesia são preponderantes em relação àquelas com chamada principal ou secundária. A maior média mensal de ocorrências comuns aparece em 1998 (média de 2,6 ocorrências mensais).

O menor índice é em 2010 (média de 0,2 ocorrências comuns mensais). Nos demais anos, ocorre a seguinte média mensal de ocorrências comuns: 1997 (2,3), 1999 (1,5), 2000 (0,8), 2001 (1,7), 2002 (1,5), 2003 (0,4), 2004 (1,5), 2005 (1,2), 2006 (0,7), 2007 (0,8), 2008 (0,3) e 2009 (0,8).

As ocorrências com chamadas principais de capa aparecem somente nos anos de 1998 (média de 0,1 ocorrências mensais), 2001 (0,2), 2007 (0,1), 2009 (0,1) e 2010 (0,2).

Quanto às ocorrências com chamadas secundárias, constam em dez dos 14 anos analisados: 1997 (média de 0,7 ocorrências mensais com chamada secundária), 1998 (0,3), 1999 (0,2), 2000 (0,1), 2002 (0,1), 2003 (0,3), 2004 (0,2), 2005 (0,1), 2007 (0,1) e 2009 (0,1).

A média geral de ocorrências mensais de toda a série histórica é de 0,1 ocorrências com chamada principal de capa, de 0,2 ocorrências com chamada secundária e de 1,2 ocorrências comuns.

Entre as ocorrências com chamadas de capa (principal e secundária), acontece a seguinte distribuição por assuntos:

Assuntos na capa de <i>Bravo!</i>		
Assunto	Ocorrências	% (do total de 24 ocorrências na capa)
Lançamento	15	62,5
Evento	0	0,0
Efeméride/ Contexto do autor	7	29,2
Poema	2	8,3
Outro	0	0,0
Total	24	100

Quadro 10: Assuntos na capa de *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Lançamento é o primeiro lugar absoluto, com 15 ocorrências e 62,5% entre os assuntos com chamadas de capa. Efeméride/ Contexto do autor está em segundo lugar, com sete

ocorrências sobre Poesia na capa ou 29,2%. Em terceiro, Poema com duas ocorrências e 8,3%. Os assuntos Evento e Outro não aparecem nas capas de *Bravo!* durante todo o período.

A distribuição das ocorrências com chamadas de capa (principal e secundária) em gêneros obedece a seguinte distribuição:

Gêneros na capa de <i>Bravo!</i>		
Gênero	Número de ocorrências na capa	% (do total de 24 ocorrências na capa)
Nota	0	0,0
Entrevista	2	8,3
Crítica	0	0
Matéria	20	83,3
Criação	2	8,3
Total	24	100

Quadro 11: Gêneros na capa de *Bravo!*
Fonte: Elaborado pela autora

O periódico possui 20 Matérias com chamadas de capa (ou 83.3% das ocorrências com chamadas de capa). Em segundo lugar estão empatados os gêneros Entrevista e Criação. Ambos constam em duas ocorrências de capa cada um — ou 8,3% das chamadas de capa sobre Poesia.

No que diz respeito às páginas internas de *Bravo!*, em sua maioria, apresentam duas colunas, mas podendo variar bastante. A revista utiliza-se muito de imagens, fotos grandes e cores intensas. O fundo das páginas colorido é um recurso frequente. É constante a presença de pequenos boxes ou quadros explicativos.

Para Abreu (2009, p.115), *Bravo!* apresenta soluções visuais que se relacionam aos temas culturais e dialogam com os leitores:

As mais diferentes estratégias de comunicação visual são exploradas, tais como fotografias, detalhes de obras de arte, ilustrações ou composições gráficas (...). Nesse sentido, a concepção do layout da revista *Bravo!* estabelece uma inter-relação entre o design gráfico com outras linguagens (pintura, fotografia, gravura) para a construção da sua narrativa. (ABREU, 2009, p.116-117)

As imagens e as soluções visuais em *Bravo!* não são meras ilustrações do texto. “Os ensaios fotográficos são presença constante na revista e sempre abrem as edições, mostrando os bastidores de um espetáculo, uma exposição, uma apresentação musical” (VIEIRA, 2011, p.132).

Para o autor, a valorização das fotografias e imagens faz com que a mediação ensaística tenha uma expressão que vai além das palavras.

Ao comparar o projeto gráfico de *Bravo!* ao de *Cult*, Vieira (2011, p.149) não hesita em dizer que *Bravo!* se mostra superior. “O formato, a diagramação e a preocupação da revista com as imagens que ilustram as matérias são um diferencial, que também contribui para atrair leitores” (VIEIRA, 2011, p.149).

De modo geral, percebo que *Bravo!* mantém ao longo de sua história uma maior unidade no seu projeto gráfico-visual do que na própria proposta editorial. Essa última sofre transformações e modificações mais significativas durante sua trajetória.

O veículo busca uma ampliação no seu público-alvo, o que acaba interferindo nos rumos de seu conteúdo editorial. O projeto gráfico, por sua vez, é desde o início mantido como um dos carros-chefe entre os diferenciais da publicação. Mesmo com a troca de editoras e tenha sofrido alterações, o projeto gráfico permanece como um dos principais elementos de *Bravo!*.

3.2 ESTRUTURA DE *Bravo!*

Destino essa seção a apresentar a estrutura interna da revista *Bravo!* Num primeiro momento, apresento as editorias, as seções e os espaços que constituem a revista. Depois, trago dados referentes à recorrência da temática da Poesia em cada um dos cinco gêneros (Nota, Entrevista, Crítica, Matéria e Poema). Analiso também dois exemplos de ocorrências dentro de cada gênero.

Bravo! ao longo dos anos segue uma uniformidade na forma mais ampla como divide e apresenta seu conteúdo. A revista mantém cinco grandes editorias. Essa divisão fica bem clara ao olharmos o índice de qualquer exemplar, onde encontramos as cinco editorias gerais: Cinema, Teatro e Dança, Livros, Artes Plásticas e Música.

Em 2001, é acrescida uma editoria — Televisão —, totalizando seis editorias (as outras cinco permanecem as mesmas). “Televisão” vem a desaparecer em 2005, voltando a revista a trabalhar com as cinco editorias iniciais.

Em 2008 surge a editoria “Arquitetura”, que ocupa o lugar de “Artes Plásticas” em algumas edições, mas no mesmo ano “Artes Plásticas” retoma seu espaço e “Arquitetura” deixa de existir. Com poucas mudanças ao longo da série histórica, a estrutura básica de *Bravo!* e a divisão em cinco editorias (eventualmente seis) se manteve a mesma.

Dentro de cada uma dessas editorias há uma seção de “Notas”, uma de “Crítica” e outra de “Lançamentos”. Existe ainda, dentro de cada editoria, reportagens diversas que recebem títulos, apresentação visual e configurações de conteúdo variadas a cada edição.

A seção “Notas”, assim, aparece cinco vezes em cada exemplar, acompanhando cada uma das editorias. O espaço pode ocupar de uma a cinco páginas em cada editoria.

Cada Nota, especificamente, constitui-se de uma notícia de pequena extensão, com tamanho que varia de um parágrafo até duas páginas. Costuma registrar eventos recentes ou de ocorrência num futuro próximo ao lançamento da edição. Ou ainda, trata de alguma curiosidade, lançamento de alguma obra, prêmio ou exposição de arte.

Quanto à seção “Crítica”, trata-se de um espaço fixo de uma lauda, no qual o autor mescla informação e suas impressões ou opiniões. Na editoria “Livros”, o espaço “Crítica” geralmente não se constitui de um texto muito aprofundado, mas de uma apresentação ou comentário a respeito de determinada obra. A seção acaba cumprindo o papel de trazer uma pequena resenha ou dado ilustrativo para que o leitor se familiarize com o tema proposto e eventualmente possa se interessar por sua leitura.

O espaço “Lançamentos na seleção de *Bravo!*”, também fixo dentro de cada editoria, ocupa duas laudas. Na editoria Livros, logo abaixo do título, em forma de tabela, são apresentados geralmente dez livros, com informações organizadas em itens, como autor, referências, valor, tema, trecho da obra e “por que ler”.

Existem ainda outras seções que não estão atreladas a nenhuma das cinco grandes editorias. Funcionam como espaços que independem das editorias principais e podem tratar de qualquer tema. São, por exemplo, os espaços “Ensaio”, “Bravograma” e “Gritos de *Bravo!*”

Visto que apresentei um panorama geral da estrutura interna da revista *Bravo!*, cabe apresentar agora dados referentes à divisão das 198 ocorrências sobre a temática da Poesia identificadas entre 1997 e 2010 nos cinco gêneros. Ao dividir as ocorrências nos gêneros Nota, Entrevista, Crítica, Matéria e Criação, trago os seguintes dados:

Gêneros em <i>Bravo!</i>	
Gênero	Ocorrências
Nota	106
Entrevista	2
Crítica	24
Matéria	62
Criação	4
<i>Total</i>	<i>198</i>

Quadro 12: Gêneros em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

O gênero Nota, assim, está em primeiro lugar absoluto nas ocorrências sobre Poesia (106). O segundo lugar é Matéria, com 62 ocorrências, índice bem inferior. Na sequência, seguem-se Crítica (24), Criação (quatro) e Entrevista (duas).

Como já expliquei no primeiro capítulo (O Jornalismo Cultural e as Etapas da Pesquisa), essa pesquisa não se propõe a realizar análise de conteúdo de todas as ocorrências sobre a temática da Poesia identificadas em *Bravo!* e em *Cult.* Para exemplificar como a cobertura se processa na prática, apresento e comento a seguir duas ocorrências dentro de cada gênero. Também já apresentei os critérios para seleção dessas duas ocorrências em cada gênero.

3.2.1 Nota

A distribuição das Notas presentes em *Bravo!* a cada ano dá-se de acordo com a tabela seguinte:

Notas em <i>Bravo!</i>	
Ano	Ocorrências
1997	5
1998	17
1999	10
2000	5
2001	8
2002	10
2003	3
2004	12
2005	12
2006	5
2007	8
2008	3
2009	7
2010	1
<i>Total</i>	<i>106</i>

Quadro 13: Notas em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Todos os anos registraram ocorrências de Notas. O ano em que se observa a maior quantidade de Notas sobre a temática da Poesia é 1998, com 17 ocorrências. O ano em que há menos ocorrências é 2010, com somente uma.

Do total de 106 Notas que aparecem na revista entre 1997 e 2010, 81,7% referem-se a Lançamento, 12,5% a Outro, 2,9% a Evento e 2,9% a Efeméride/ Contexto do autor, conforme o gráfico:

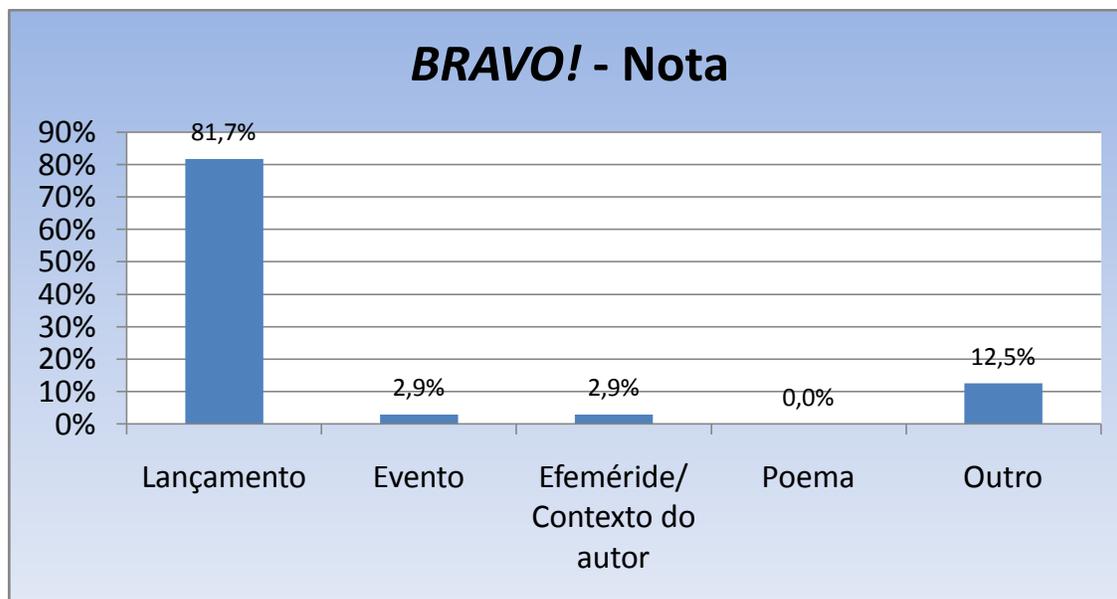


Gráfico 1: *Bravo!* - Nota
Fonte: Dados da pesquisa

Desse modo, conforme critérios já apresentados no primeiro capítulo, apresento como exemplos duas Notas de 1998 - o ano com maior recorrência de Notas -, sendo a primeira pertencente ao assunto Lançamento e a segunda a Outro - os dois assuntos mais recorrentes. São elas, respectivamente: “A volta da geração maldita” (*Bravo!*, edição 5, 02/1998, p.40) e “O verso nosso de cada dia” (*Bravo!*, edição 7, 04/1998, p.46).

A primeira trata do relançamento da obra póstuma da poeta Ana Cristina César, morta em 1983 e apontada no texto como a “Sylvia Plath brasileira”. A editora Ática relança *A Teus Pés, Inéditos e Dispersos* e *Crítica e Tradução*, que reúne os anteriormente publicados *Escritos do Rio*, *Escritos da Inglaterra* e *Literatura Não é Documento*.

O texto apenas cita as obras, não tecendo nenhum comentário apreciativo sobre elas. O enfoque é o contexto de seu relançamento e o destino dado pela família aos manuscritos da autora.

A família da autora doou ao Instituto Moreira Salles seus manuscritos, diários, cadernos e livros. Esse material ficará no novo Centro Cultural do instituto no Rio, que será aberto ao público ainda no primeiro semestre deste ano com uma grande mostra conjunta envolvendo os relançamentos da Ática. (*Bravo!*, edição 5, 02/1998, p.40)

A segunda Nota diz respeito a uma curiosidade: padarias da cidade catarinense de Blumenau aderem à publicação de trechos de poemas em saquinhos de pão. “Fragmentos de Fernando Pessoa, Cruz e Souza e Garcia Lorca, entre outros autores consagrados e desconhecidos, são veiculados em saquinhos de pão. Cada poema é reproduzido em aproximadamente 500 desses saquinhos” (*Bravo!*, edição 7, 04/1998, p.46).

Apesar da pequena extensão do texto, a revista dá espaço para a avaliação, mesmo que sumária, da iniciativa por um professor que coordena o projeto:

“Qualquer iniciativa na área de literatura não teria essa abrangência”, diz o professor Braulio Schloegel, presidente da Fundação Cultural da cidade e coordenador do projeto. Ele se refere ao sucesso da promoção: em três meses, foram impressos 150 mil embalagens, o que, numa cidade de 250 mil habitantes, é um número significativo. À comissão encarregada de selecionar o que vai ser publicado chegam, em média, 15 trabalhos de autores locais por semana. (*Bravo!*, edição 7, 04/1998, p.46)

Nos dois casos, o espaço dedicado a Notas é destinado a uma notícia curta, com informações diretas. No primeiro exemplo, o teor analítico da Nota é menor, visto que se refere ao relançamento de livros de Ana Cristina César sem trazer qualquer detalhe ou comentário sobre as obras propriamente ditas. Na segunda Nota, por sua vez, há um teor analítico um pouco maior, com espaço para a avaliação do professor responsável, que comenta a importância e a abrangência do projeto, em citação direta.

3.2.2 Entrevista

A distribuição das Entrevistas sobre a temática da Poesia em *Bravo!* ao longo dos anos segue a seguinte tabela:

Entrevistas em <i>Bravo!</i>	
Ano	Ocorrências
1997	0
1998	0
1999	1
2000	0
2001	0
2002	0
2003	0
2004	0
2005	0
2006	0
2007	0
2008	0
2009	1
2010	0
Total	2

Quadro 14: Entrevistas em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Ao longo de toda a a série histórica, *Bravo!* apresenta apenas duas Entrevistas relacionadas à temática da Poesia, uma em 1999 e outra em 2009, Ambas estão ligadas ao assunto Efeméride/ Contexto do autor, não havendo nenhuma Entrevista dentro dos demais assuntos, conforme o gráfico:

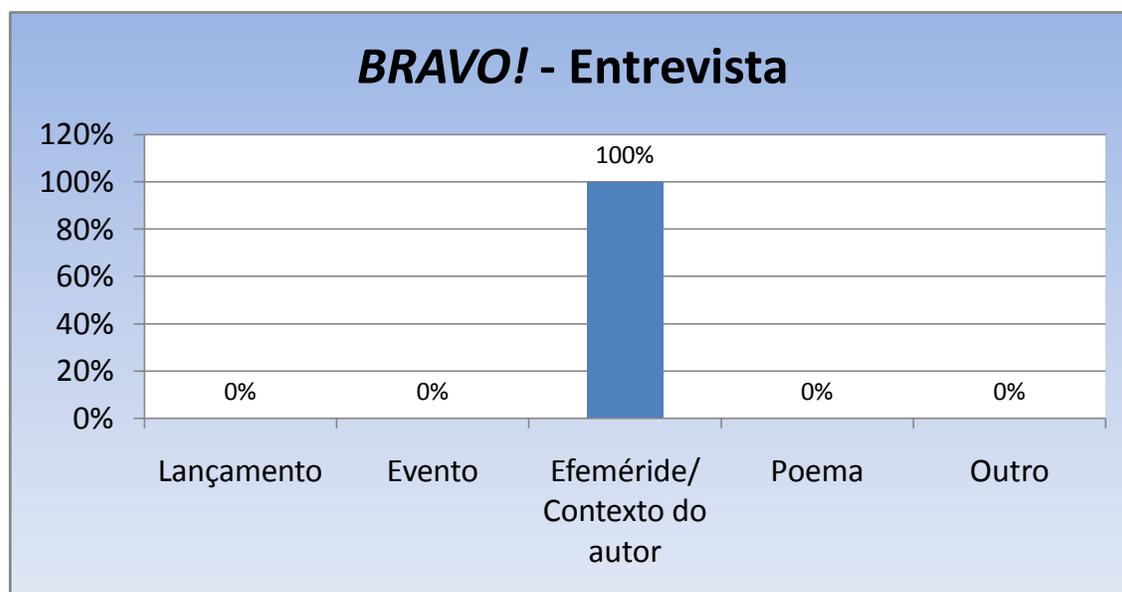


Gráfico 2: *Bravo!* - Entrevista

Fonte: Dados da pesquisa

“A luz tecida pelas palavras” (*Bravo!*, edição 26, 11/1999, p.96 a 99) traz um diálogo entre o poeta João Cabral de Melo Neto e o escultor Franz Weissmann. “O maior poeta do Brasil” (*Bravo!*, edição 139, 03/2009, p.52 a 59) tem como ponto de partida o aniversário de oitenta anos de Ferreira Gullar.

A primeira delas tem como mote a morte de João Cabral de Melo Neto, ocorrida no mês anterior à edição. Trata-se de um encontro entre Cabral e o escultor Weissmann, que “em formato de conversa, foi uma de suas derradeiras entrevistas”, conforme explica a abertura do texto:

Em setembro do ano passado, *Bravo!* reuniu João Cabral de Melo Neto, morto em 9 de outubro último, e o escritor austríaco naturalizado brasileiro Franz Weissmann. Os dois se conheceram na França, em 1960, época em que Cabral servia como cônsul em Marselha. Trinta e oito anos depois encontraram-se no apartamento de decoração neoclássica e pé direito privilegiado do poeta, na praia do Flamengo, de frente para a Baía de Guanabara, no Rio. (*Bravo!*, edição 26, 11/1999, p.97)

Na Entrevista, os dois respondem perguntas sobre a maneira como se conheceram, o sentido de suas produções, seus itinerários na Europa nos anos 40 e 50, suas concepções sobre a Arte no século XX, o Surrealismo, suas opiniões sobre outros autores etc.

Ou seja, falam sobre seu contexto, tanto histórico como biográfico, e suas produções. Um tema bastante explorado na Entrevista, que conecta João Cabral e Weissmann, é a aproximação da Poesia com as Artes Plásticas.

A sua poesia também tem um sentido construtivista, não?

João Cabral: Eu nunca senti necessidade de trabalhar a matéria. Não é uma poesia construtivista como a dos concretistas de São Paulo. Sinto uma grande atração pelo Concretismo nas artes plásticas. Por isso a Mary Vieira, uma escultora brasileira que vive na Suíça, me interessava muito. Meu poema não é concreto, mas é um poema construído. (*Bravo!*, edição 26, 11/1999, p.98)

A segunda Entrevista, também dentro do assunto Efeméride/ Contexto do autor, tem o aniversário de oitenta anos de Ferreira Gullar como chave para a apresentação de toda sua trajetória artístico-biográfica. Dessa forma, a reportagem explora a percepção do autor sobre a recepção de sua obra junto ao público e o modo como ele próprio se vê diante de sua posição de

poeta e escritor. No trecho a seguir, Gullar é interrogado sobre o *Poema Sujo*, uma das obras que o tornou mais conhecido junto ao público:

Você concorda quando os críticos apontam o *Poema Sujo*, de 1975, como sua obra máxima? Difícil responder, não me debrucei profundamente sobre o assunto... O Poema Sujo é, de fato, o que reúne o maior número de interrogações e descobertas — em parte, pela extensão (os versos se espalham por quase 60 páginas); em parte, pela febre criativa que me assaltou enquanto o redigia. Entre maio e outubro de 1975, fiquei imerso no que classifico de “estado poético”. Nada me tirava daquele clima. Eu comentava, brincando, que me tornara uma espécie de rei Midas. Tudo que botava a mão virava ouro, tudo virava poesia. Foi uma fase excepcional. Para mim, porém, trabalhos mais recentes podem ter importância idêntica à do *Poema Sujo*, por exprimirem reflexões novas, algo que não me ocorrera dizer antes. (*Bravo!*, edição 139, 03/2009, p.56 e 57)

A partir de uma reportagem sobre os oitenta anos do poeta, a revista aborda também a reedição e o lançamento de novos títulos. Na linha de apoio, logo abaixo do título, o tema é introduzido: “Reedição da obra e novos lançamentos preparam as comemorações dos 80 anos de Ferreira Gullar, um autor que atravessou todos os momentos da poesia brasileira e assegurou seu lugar entre os grandes do século 20” (*Bravo!*, edição 139, 03/2009, p.52).

Apesar de Efeméride/ Contexto do autor ser o assunto principal dessa ocorrência, identifiquei simultaneamente a presença de Lançamento. Isso mostra que muitas vezes é difícil categorizar uma ocorrência em um determinado assunto. Nesse sentido, para categorizar as ocorrências, procurei respeitar o assunto preponderante de cada uma delas — aquele que perpassa o texto e sobreponha-se em relação aos demais assuntos, constituindo-se de seu enfoque principal.

No caso da Entrevista com Gullar, o tema central é seu contexto e trajetória, embora a reedição de suas obras também esteja presente. Por isso, classifiquei o texto dentro do tema Efeméride/ Contexto.

3.2.3 Crítica

Quanto às Críticas com a temática da Poesia, apresento a seguinte divisão das ocorrências ao longo da série histórica:

Críticas em <i>Bravo!</i>	
Ano	Ocorrências
1997	1
1998	8
1999	2
2000	4
2001	3
2002	2
2003	2
2004	1
2005	0
2006	1
2007	0
2008	0
2009	0
2010	0
Total	24

Quadro 15: Críticas em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

A concentração mais elevada de Críticas aparece em 1998, ano que registra oito ocorrências. Em cinco dos 14 anos em análise não há nenhuma Crítica sobre Poesia: 2005, 2007, 2008, 2009 e 2010. Nos demais anos, as Críticas são poucas, variando entre uma e quatro ocorrências.

Do total de 24 Críticas identificadas no veículo, 75% referem-se a Lançamento e 25% a Outro, conforme o gráfico:

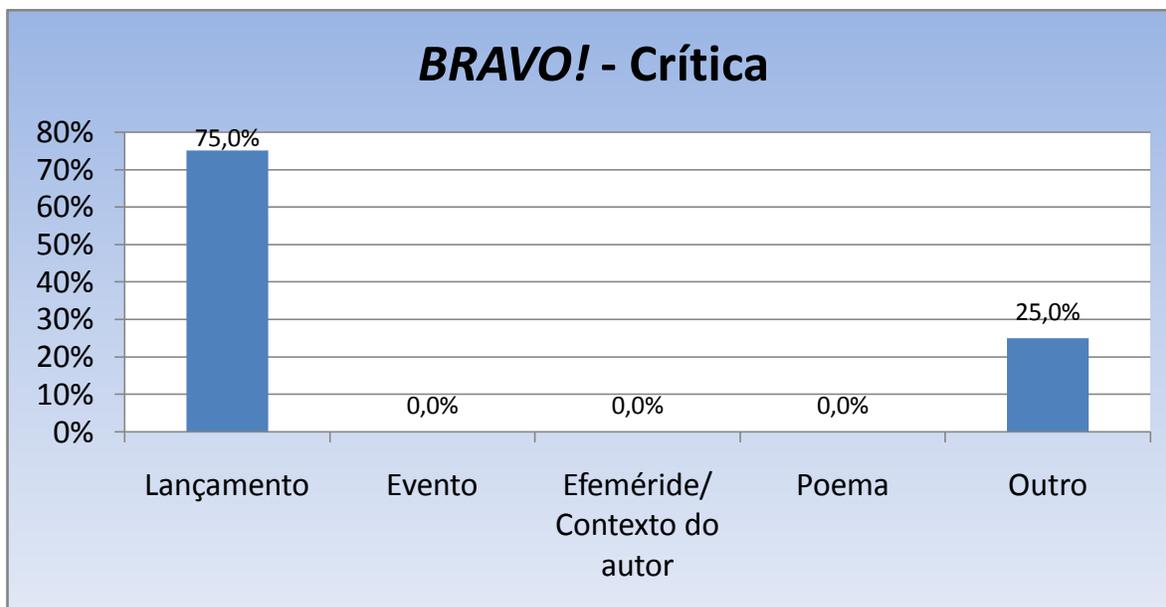


Gráfico 3: *Bravo!* - Crítica

Fonte: Dados da pesquisa

Ou seja, a maioria delas envolve a chamada “agenda cultural”, versando sobre obras lançadas no momento da edição da revista. Quantitativamente, segundo Vieira (2011), a vinheta “Crítica” aparece mais vezes listada em *Bravo!* do que em *Cult*. Isso porque *Bravo!* possui uma seção fixa com esse título.

A revista, ao final de cada editoria (Artes Plásticas, Teatro e Dança, Livros, Música e Cinema), antes da coluna “Os melhores lançamentos na seleção de *Bravo!*”, dedica uma página à resenha e à apresentação de obras, que ela identifica como “Crítica”.

Mas o pequeno espaço voltado para a crítica [em *Bravo!*] não é o único fator que leva à conclusão acerca da falência da crítica. Aliado a isso existe o fato de que os textos são leves, bem escritos como todos os textos da publicação, mas sem profundidade, sem correr riscos de apontar para uma tendência, ou qualificar a obra analisada. (VIEIRA, 2011, p.139-140)

Cabe lembrar que meu objeto de análise, aqui, são as Críticas sobre Poesia — e não a Crítica de modo geral presente no periódico, como se refere a autora. Nesse sentido, a quantidade de ocorrências do gênero Crítica sobre Poesia é maior em *Cult* do que em *Bravo!* São 24 ocorrências em *Bravo!* e 44 em *Cult* (como apresento adiante em capítulo específico).

Em *Bravo!*, as ocorrências desse gênero podem aparecer tanto na seção “Crítica” quanto na seção “Ensaio”. Para ilustrar a forma como o periódico aborda esse gênero tomo como exemplo dois textos de 1998 — ano que apresenta mais ocorrências do gênero.

O primeiro refere-se a Lançamento e está inserido na seção “Crítica”. O segundo relaciona-se a Outro e faz parte da seção “Ensaio”. São eles, respectivamente: “O Fukuyama da poesia” (*Bravo!*, edição 13, 10/1998, p.51) e “O silêncio das línguas” (*Bravo!*, edição 12, 09/1998, p.22 e 23).

O primeiro texto, que não é assinado, trata do lançamento do livro de poema *Crisantempo*, de Haroldo de Campos. Segundo o veículo, o poeta - apontado como “defensor intransigente da radicalidade” - dedica-se a fazer recortes da cultura, “recusando qualquer tipo de visão orgânica” (numa referência direta aos movimentos de vanguarda).

Haroldo de Campos, conforme *Bravo!*, dentro de um conceito formalista de literatura e operando entre várias línguas e várias linguagens, dá “visibilidade à experimentação como fim último da arte”. A linha de apoio, logo abaixo do título, sintetiza o ponto central da Crítica: “O vanguardista que paralisou a produção lírica no país explora em *Crisantempo* a ideia equivocada de que versos são feitos só com palavras” (*Bravo!*, edição 13, 10/1998, p.51).

A concepção de modernidade, defendida pelo poeta, é questionada, e ele é apresentado dentro de uma perspectiva estética ultrapassada. “Os poemas figuram como notas de rodapé, alguns extremamente convencionais, do exercício teórico do poeta, funcionando como exemplário de velhas formulações críticas” (*Bravo!*, edição 13, 10/1998, p.51). Mais adiante, corroborando com essa ideia, o texto aponta o “posicionamento racional” do autor diante da literatura.

Essa falta de autonomia, visível até no recurso de recheiar os poemas com notas explicativas, é o preço de se conceber a literatura apenas como posicionamento racional diante de uma ideia de cultura, uma ideia equivocada, complementa-se, para a qual a poesia se faz só com palavras. A grande tarefa do poeta não é desorganizar um dicionário, mas dar-lhe uma configuração humana. (*Bravo!*, edição 13, 10/1998, p.51)

Assim, de acordo com a ocorrência, Haroldo de Campos manipula palavras enquanto exercício crítico de reação aos movimentos literários anteriores — sem a preocupação artística e criativa de lhes conferir um sentido, “uma configuração humana”. Mais do que isso, a revista

afirma que não se trata de um autor adepto a mudanças e a transformações estéticas, estando ele preso a “velhas formulações críticas”.

Trata-se, nesse caso, de uma Crítica predominantemente contrária ou negativa ao autor, permanecendo a obra *Crisantempo* em segundo plano. O argumento principal — independentemente de concordar-se ou não com ele — está claro, bem articulado e exposto ao leitor. Chama atenção, contudo, que não existe qualquer citação ou referência direta a um verso ou trecho específico do livro, que comprove ou indique os pontos que estão sendo discutidos.

É compreensível que no espaço de uma página as referências sejam menores e pouco exploradas. Mas a impressão que tenho é que, com essa leitura, aprende-se mais sobre o posicionamento ideológico de Haroldo de Campos do que sobre *Crisantempo* em especial. É claro que os dois temas podem estar relacionados; porém, o lançamento da obra, que aparentemente é o foco inicial do texto, é desviado e a análise da obra em questão parece ter sido esquecida.

A Crítica foca-se na trajetória literária e no posicionamento do autor. Falta uma conexão entre o que é dito sobre Haroldo de Campos e o livro *Crisantempo*. Da forma como está colocado parece haver uma distância muito grande entre ambos.

Ou ainda, o texto poderia, sem problemas, propor-se a realizar uma Crítica da trajetória e do posicionamento do autor – o que seria legítimo com o leitor. O que questiono é o anúncio de uma crítica do livro *Crisantempo*, quando, na realidade, o que se faz é uma crítica sobre as ideias e as concepções de Haroldo de Campos.

A segunda Crítica que trago como exemplo (“O silêncio das línguas”, edição 12, 09/1998, p.22 e 23) está inserida na seção “Ensaio de *Bravo!*”. Trata-se de um comentário, assinado por Sérgio Augusto de Andrade, sobre a viabilidade da tradução de poesia. “Não é difícil — é impossível”, afirma o texto. Para o autor, que cita traduções de cânones da literatura, qualquer tradução de poesia é “frustrante”.

A poesia é a atitude mais impenetrável, majestosa e irredutível da linguagem — o que Mallarmé fez com Poe, Pound com Guido Cavalcanti e Confúcio, Hölderlin com Sófocles, ou Pope com a *Ilíada*, só comprova como toda tradução é uma utopia gentil, esforçada e frustrante; uma ilusão pródiga em dignidades fechadas. (*Bravo!*, edição 12, 09/1998, p.22 e 23)

A opinião de Andrade é evidenciada ao longo do texto: “Por mais que dobremos e redobremos nossos esforços, não há como conjugar a música, as vozes, os perfumes e as pausas de um poema para ajustá-los a paladares estrangeiros” (*Bravo!*, edição 12, 09/1998, p.23).

Mesmo sendo uma opinião clara e bem exposta, os argumentos adotados são um tanto subjetivos. O crítico cita diversos autores canônicos (Mallarmé, Pound, Cavalcanti, Pope) como exemplos de traduções de poesia mal sucedidas, porém sem detalhar as razões que o levam a defender esse ponto de vista.

Na comparação com a Crítica anterior (“O Fukuyama da poesia”), essa segunda, apesar de ser assinada (o que não ocorre com o texto anterior), é menos incisiva, apresentando um teor crítico e analítico bem menor. Especificamente nessa segunda Crítica, o comentário de Vieira (2011, p.126) me parece adequado ao afirmar que “a superficialidade é uma característica da crítica produzida em *Bravo!*”

Estamos, portanto, diante de dois textos com teor crítico distinto: um que aponta aspectos negativos ou questionáveis do autor (mas não da obra a que se propõe especificamente) e outro, que se mantém mais neutro, trazendo a visão do crítico sobre a impossibilidade de tradução de poesia (mas sem aprofundar seus motivos).

É notável que “O silêncio das línguas” contém menos detalhamento e aprofundamento que a ocorrência anterior. Não é necessário que o leitor concorde com o que é posto em uma Crítica; contudo, é preciso que o texto tenha densidade e sustentação suficientes para ser entendido, discutido e respeitado, mesmo por aqueles que discordem dele.

Não é possível, portanto, estabelecer aqui (apenas com a análise desses dois textos) qualquer tipo de generalização, seja quanto ao teor das Críticas de *Bravo!*, seja quanto à predominância de apontamentos positivos ou negativos nas obras analisadas ou quanto ao posicionamento adotado pelo periódico.

Nesse sentido, as duas ocorrências cumprem o papel de exemplificar as possíveis maneiras de abordagem do gênero Crítica nas páginas da publicação. Isso não significa que não haja outras formas que não foram aqui comentadas.

Posto isso, tendo em vista os limites da minha própria pesquisa, trago como adendo o estudo de Figueiredo (2008, p.79) no que diz respeito ao posicionamento crítico de *Bravo!*. A autora identifica, entre 1997 e 2006 (período de sua análise), 23 capas que abordam a Literatura como temática principal.

Segundo ela, os principais assuntos tratados nessas capas são: trajetória literária de autores (do passado e da atualidade), reedição de obras marcadas na história da Literatura, lançamento de livros, Bienal, discussões sobre gêneros literários e Festa Literária de Parati — o que vai ao encontro dos assuntos por mim levantados nas ocorrências sobre Poesia. Conforme os dados apurados por Figueiredo (2008), as reportagens de capa de *Bravo!*:

No que se refere à categoria crítica, ao analisar as capas, 15 reportagens receberam críticas positivas, sete críticas positivas associadas a algum comentário negativo e apenas uma reportagem recebeu crítica negativa. (FIGUEIREDO, 2008, p.80)

Partindo dos dados apresentados por Figueiredo (2008), a predominância de Críticas “positivas” é, na minha visão, sintomático de um posicionamento geral de *Bravo!*, que segue a lógica do enaltecimento dos temas tratados (conforme o próprio título da revista sugere) como estratégia comercial.

A partir desse estilo — baseado na supervalorização dos assuntos pautados — é possível agradar, ao mesmo tempo, ao leitor e aos anunciantes. Os primeiros têm suas expectativas satisfeitas na medida em que se sentem informados sobre o que há de “melhor” na área cultural.

Já os anunciantes, donos de editoras e demais patrocinadores percebem na publicação um espaço atraente para divulgação de seus produtos e lançamentos — sem o risco de que se tornem objeto de críticas “negativas”, que porventura venham a colocar em cheque sua qualidade.

Para Figueiredo (2008):

Bravo! foi idealizada em contrapartida à tendência geral do jornalismo e afirmou-se como veículo diferenciado por valorizar a cultura à parte da “indústria”, como era vista, utilizando intelectuais que publicavam artigos e ensaios causadores de debates e reflexões. (FIGUEIREDO, 2008, p.86)

Contrariando a visão da autora, percebo que as mudanças na pauta de *Bravo!* ao longo dos anos vão ao encontro da maior inserção de *Bravo!* no mercado de bens culturais. A diminuição expressiva das Críticas, até chegar à sua ausência, é sintomática dessa realidade. Prova disso é a tabela que consta no início dessa seção (página 68) em que é drástica a queda das Críticas ao longo dos anos. Em 2005 não há nenhuma ocorrência desse gênero sobre Poesia. Em 2006 aparece apenas uma. De 2007 a 2010 não há nenhuma ocorrência de Crítica.

Discordo, assim, da perspectiva de Figueiredo (2008) — que afirma que não há concessões do aspecto cultural às conveniências comerciais. O veículo, que já nasce inserido no contexto comercial, constantemente precisa readequar-se a tal universo para garantir sua própria sobrevivência.

Seus editores - e a própria proposta editorial - cedem espaço às demandas econômicas e às pressões do mercado cultural em expansão. O periódico consegue, assim, perpetuar-se ao longo dos anos, mesmo que, para isso, o conteúdo e a abordagem crítica não sejam mais uma prioridade.

Apresentando uma visão parcial dos dados por ela própria levantados, Figueiredo (2008, p.86) entende que o jornalista de *Bravo!* não utiliza esforços analíticos para uma obra que julgue sem importância, ou ainda, acreditando que a interpretação da obra já a introduz na esfera do sucesso. Segundo ela:

No caso da *Bravo!*, pelo critério de seleção das reportagens, nota-se que o fato do periódico se posicionar sempre de maneira positiva diante do tema abordado, traduz-se em imparcialidade enquanto que o papel da crítica seria primordialmente a abertura de espaço para que a discussão do tema em pauta seja ampliado, alimentando a produção cultural. (FIGUEIREDO, 2008, p.86-87)

Desse modo, a visão de Figueiredo (2008) me parece equivocada, visto que ela mesma comprova, numericamente, a predominância de Críticas “positivas” em comparação às “negativas” ou que apresentem qualquer indício de contestação no período de sua pesquisa.

Mais do que isso: as duas Críticas de *Bravo!* apresentadas por mim exercem um papel maior de notícia ou de comentário sobre determinado tema do que de uma Crítica propriamente. Elas informam o leitor a respeito de um lançamento (como em “O Fukuyama da poesia”). Ou ainda, funcionam como comentário simplista acerca de determinado tema (como em “O silêncio das línguas”).

São descrições gerais acerca das obras em questão, pontuando apenas algum aspecto como fator a ser aprimorado. Não se constituem de uma Crítica com muita efervescência e argumentação contrária a respeito de uma obra literária. São uma mescla de conteúdo informativo e descritivo com conteúdo mais apreciativo (de ordem pessoal) por parte do crítico — em que este coloca sua opinião, sem necessariamente embasá-la e debruçar-se sobre o livro em questão.

Para Vieira (2011), de acordo com a análise que faz dos textos que compõem a seção “Crítica” da revista, é possível concluir que se constituem de uma resenha, caracterizada pela adjetivação. “Na *Cult*, essa realidade não é tão diferente, mas os textos críticos publicados na revista podem ser considerados resenhas e têm um pouco mais de profundidade e rigor vocabular que as críticas publicadas na *Bravo!*” (VIEIRA, 2011, p.126-127).

Percebo que as duas ocorrências que analisei em *Bravo!* mantêm uma linguagem padrão, de tom comedido e sem exageros — tanto do ponto de vista linguístico (vocabulário, gírias, expressões), quanto do ponto de vista semântico (não assumindo posições demasiadamente contestadoras). Assim, as Críticas apresentam linguagem e conteúdo muito semelhantes às demais seções da revista.

3.2.4 Matéria

A divisão das ocorrências de Matérias ao longo dos anos pode ser sintetizada através da tabela:

Matérias em <i>Bravo!</i>	
Ano	Ocorrências
1997	3
1998	10
1999	7
2000	2
2001	11
2002	7
2003	2
2004	4
2005	4
2006	2
2007	5
2008	1
2009	3
2010	3
Total	62

Quadro 16: Matérias em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Em todos os anos da cobertura de *Bravo!* são registradas Matérias. O ano com mais ocorrências é 2001, com onze. O ano com menos ocorrências é 2008, com somente uma Matéria.

Do total de 62 Matérias identificadas em *Bravo!* entre 1997 e 2010, 68,8% referem-se a Lançamento, 26,6% a Efeméride/ Contexto do autor e 1,6% a Outro, de acordo com o gráfico:

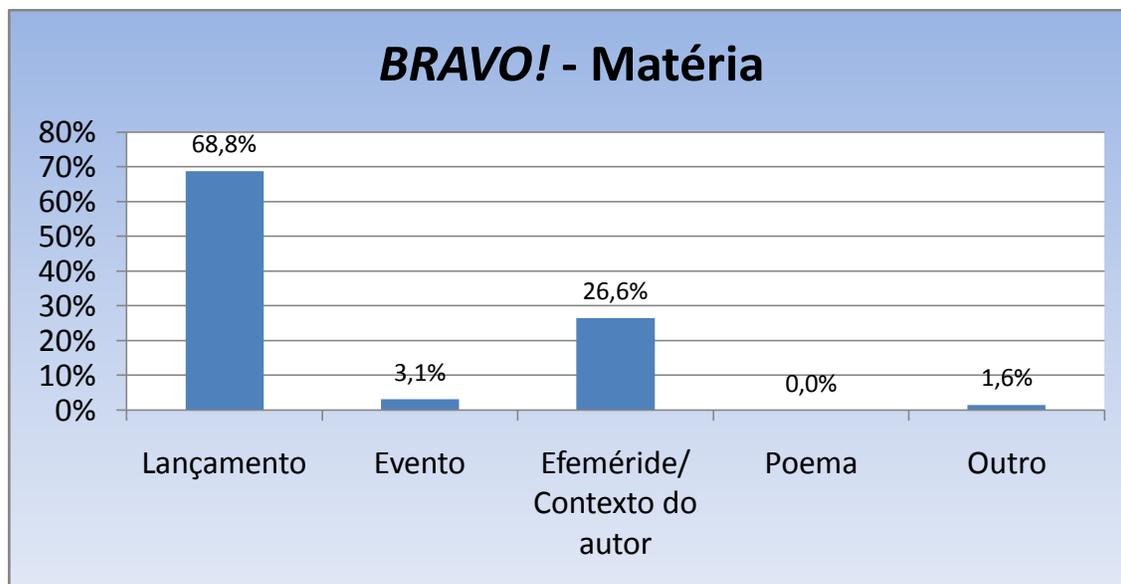


Gráfico 4: *Bravo!* - Matéria

Fonte: Dados da pesquisa

Os dois exemplos que trago para ilustrar as Matérias pertencem ao ano de 2001, referindo-se aos assuntos Lançamento e Efeméride/ Contexto do autor. São eles, respectivamente: “A magnitude de Carlos Drummond e Andrade” (*Bravo!*, edição 42, 03/2001, p.66 a 75) e “A lira do Modernismo” (*Bravo!*, edição 50, 11/2001, p.58 a 67).

A primeira Matéria, com chamada principal de capa, traz como manchete a pergunta: “O maior poeta?” (acompanhada da imagem de Drummond em tamanho grande, ocupando o principal espaço da capa). No interior da revista, o título já parece induzir à resposta da pergunta lançada (“A magnitude de Carlos Drummond e Andrade”).

A linha de apoio, na sequência, identifica a reedição de suas obras como tema central, ou ao menos como ponto de partida da reportagem: “Começa a ser reeditada a obra do renovador do Modernismo de 22 que se tornou o maior — e talvez mais superestimado — poeta brasileiro”.

A Matéria em questão está estruturada da seguinte forma: na primeira metade há um texto de abertura, que traz a trajetória do autor, focado na reedição da obra de Drummond. Na segunda parte, há três textos de teor analítico assinados por diferentes autores: “Gênio Prosaico” (Reinaldo Azevedo), “A linhagem essencial” (Hugo Estenssoro) e “Tradição em cartas” (Hélio Ponciano). Cada um desses pequenos textos dedica-se a analisar um aspecto da produção de Drummond.

Tal estruturação não é o comum na maioria das Matérias de *Bravo!*. Nesse caso, por tratar-se de uma chamada principal de capa - que recebe maior espaço e destaque dentro da edição -, são dedicadas dez páginas à reportagem, que conta com três diferentes críticos para comentar a obra de Drummond.

O texto discorre inicialmente sobre a trajetória artístico-biográfica do autor e a reedição de suas obras, trazendo alguns detalhes sobre sua carreira e a organização desses lançamentos, conforme o trecho:

Os títulos serão publicados individualmente, com novas capas, novos prefácios e novo projeto gráfico, tudo com a ajuda de dois netos do poeta, Pedro Drummond e Luis Maurício Graña Drummond, *A Obra Completa* da Nova Aguilar, que está fora de catálogo, será reeditada no ano que vem, por ocasião do centenário do autor de *Máquina do Mundo*, recentemente escolhido por intelectuais (em enquete do jornal Folha de S. Paulo) como o melhor poema brasileiro de todos os tempos. (*Bravo!*, edição 42, 03/2001, p.69)

O box “O que e quando” reforça e dá destaque às informações sobre os lançamentos. Segundo o box: “Até outubro de 2002, centenário de Drummond, a Record reeditará as suas obras que tem em catálogo (em verso e prosa, excluindo-se os infantis). Serão em torno de 35 títulos” (*Bravo!*, edição 42, 03/2001, p.72). Os primeiros lançamentos serão *A Rosa do Povo*, *Sentimento do Mundo*, *Brejo das Almas* e *Alguma Poesia*.

A reedição das obras, portanto, está relacionada ao centenário do poeta, sendo notável a exploração comercial da data pelas editoras como forma de incremento às vendas e de colocação de novos produtos no mercado. Com isso, as editoras precisam divulgar seus produtos. As revistas culturais desempenham, assim, um importante papel dentro desse sistema, pois são elas um dos principais agentes de disseminação da informação.

As revistas, por sua vez, também contam com os anúncios das editoras, tendo nelas uma de suas principais fontes de recursos e patrocínios. Forma-se, assim, uma rede de interdependência econômica entre os diversos agentes envolvidos: editoras, revistas culturais, autores, críticos e o público.

A segunda Matéria (“A lira do Modernismo”, edição 50, 11/2001, p.58 a 67) também possui chamada principal de capa, com a seguinte manchete: “Cem anos de Cecília Meireles, a militante lírica que levou poesia ao Modernismo”. No interior da revista, abaixo do título, a linha de apoio sintetiza o conteúdo da Matéria: “Há cem anos nascia Cecília Meireles, voz única da poesia brasileira do século 20”.

Entre as páginas 59 e 62, na parte inferior, há um box intitulado “Percurso e Memória”. Nesse espaço está descrita, em tópicos, a trajetória pessoal e artística da poeta desde seu nascimento em 1901 até a publicação de suas obras póstumas em 1968.

Na página 64, aparece outro box (“O Centenário”), em que constam informações sobre as novas edições da obra da autora — evidentemente em função da ocasião de seu centenário. “A Editora Nova Fronteira já iniciou o grande projeto de reeditar toda a obra de Cecília Meireles e reunir os textos dispersos escritos para vários periódicos ao longo de sua vida. Estes últimos totalizarão 23 volumes” (*Bravo!*, edição 50, 11/2001, p.64).

Em seu texto principal, a Matéria discorre sobre a adesão da poeta ao Modernismo de 22, bem como suas influências e filiações literárias, o contexto histórico e cultural brasileiro do início do século passado. O texto aponta a dificuldade de “encaixá-la” como filiada a determinado movimento literário, dada a pluralidade e riqueza de sua produção.

Cecília não pode ser pensada fora do Modernismo, mas também não apenas como simples filiada tardia a um movimento. De fato ela não passou pelo destroçamento às vezes pueril da métrica; ao contrário, manteve a fidelidade a uma poesia mais sensorial, musical e cromática, ligada à tradição poética portuguesa. Não há como encaixá-la, isolá-la e pensar sua obra dentro de cânones fixos, sejam eles de origem “parnasiana” ou “modernista” ou, na saída mais habitual, “neo-simbolista”. (*Bravo!*, edição 50, 11/2001, p.60)

Na sequência, uma retranscrição, assinada por José Mindlin (“A distância transponível”), traz observações pessoais do autor acerca de sua percepção e sua relação pessoal com a obra da poeta. “Sinto-me, portanto, muito ligado à Cecília, mas ela nunca soube disso, pois nunca cheguei a conhecê-la pessoalmente, e essa é uma das minhas frustrações na vida” (*Bravo!*, edição 50, 11/2001, p.63), comenta Mindlin.

Apesar de ser categorizada dentro de Matérias, a ocorrência possui também uma retranscrição ligada à Crítica. Contudo, tal trecho não se constitui do conteúdo principal, sendo um complemento ao texto em destaque. Como já expliquei anteriormente, sempre que surge mais de um gênero ou assunto possível dentro da mesma ocorrência, opto por categorizá-la dentro daquele item que considero preponderante.

Quanto ao assunto que classifiquei a ocorrência (Efeméride/ Contexto do autor), é também aquele considerado prioritário dentro da construção e apresentação do texto. Embora o assunto Lançamento se faça também presente, em sua maior parte a ocorrência aborda o tema Efeméride/ Contexto do autor.

Assim, as duas Matérias analisadas tratam dos assuntos Lançamento e Efeméride/ Contexto do autor. A primeira (“A magnitude de Carlos Drummond de Andrade”), embora tratasse também de Efeméride/ Contexto do autor, tem como enfoque principal o item Lançamento. Na segunda (“A lira do Modernismo”) ocorre o contrário: Efeméride/ Contexto do autor é o foco principal, embora apareça também o assunto Lançamento.

Em ambas as Matérias há retrancas ou textos menores, complementares ao texto principal, que poderiam ser classificados dentro de Crítica, mas estão diretamente relacionados à Matéria principal — sem autonomia ou desvinculação em relação a ele.

3.2.5 Criação

Dentro do gênero Criação, apresento a seguinte distribuição das ocorrências por ano:

Criação em <i>Bravo!</i>	
Ano	Ocorrências
1997	0
1998	0
1999	0
2000	0
2001	0
2002	0
2003	1
2004	3
2005	0
2006	0
2007	0
2008	0
2009	0
2010	0
Total	4

Quadro 17: Criação em *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

O gênero Criação se fez presente na cobertura de *Bravo!* em apenas quatro ocorrências (uma em 2003 e três em 2004). Tanto em *Bravo!* como em *Cult* o gênero Criação é o único que se corresponde 100% ao assunto Poemas. Trago como exemplos duas ocorrências de 2004: “Poemas de Mariana Ianelli” (*Bravo!*, edição 82, 07/2004, p.110 a 113) e “Livro de Visitas” (*Bravo!*, edição 87, 12/2004, p.118 a 121).

A primeira contém os seguintes poemas: “Instante”, “O outro lado”, “Vida” e “Voz de ninguém”. A única informação sobre a autora é uma nota sobre seu nome: “poeta de São Paulo, autora de *Passagens* (Iluminuras, 2003)”. A seguir trecho do poema “O outro lado”:

"A felicidade brota do cansaço,
Depois mancha uma aliança íntima,
Desbota cartas, retratos e viagens,
O temporal lava a carne gasta.

Nada se sabe a respeito do passado,
Ninguém se lembra,
Melhor não se lembrar,
Não revolver os despojos."
(*Bravo!*, edição 82, 07/2004, p.112)

O próprio título “O outro lado” já remete à morte. O que chama a atenção é o desprendimento do eu lírico com relação ao passado. Para ele, “melhor não se lembrar” do passado. Mais adiante: “Abandona-se toda a bagagem”. Os últimos versos encerram o poema indicando que é “leve” a “eternidade”:

"Acontece, enfim,
Tira-se a máscara.
E os olhos (cerrados) compreendem:
Aqui é leve a eternidade."
(*Bravo!*, edição 82, 07/2004, p.112)

A segunda ocorrência do gênero Criação contém o poema de Fabrício Carpinejar intitulado “Livro de visitas”. Sobre o autor, que é mais conhecido do público, também há apenas uma nota de rodapé. Segundo ela, Carpinejar é autor de *Terceira Sede* (2001), *Biografia de uma Árvore* (2002), *Cinco Marias* (2004), entre outros. O poema “Livro de Visitas” faz parte de livro com o mesmo título “que a Bertrand Brasil publicará em abril de 2005”, diz a nota. A seguir o trecho final do poema:

"O corpo não pede licença para envelhecer
São pequenas dores
que nunca se completam

As cicatrizes desaparecem na pele enrugada.
Decoro o caminha da ferida,
senão a perco.

Quem vive muito vai parecer pouco.
Quem vive pouco vai parecer muito."
(*Bravo!*, edição 87, 12/2004, p.121)

Creio que a partir das duas ocorrências apresentadas do gênero Criação não é possível estabelecer um parâmetro quanto à estrutura ou enfoque dos Poemas presentes em *Bravo!*. Alias, são somente quatro Poemas ao longo de 14 anos de história do periódico. Ou seja, o periódico não entende a publicação de Poemas e textos literários como elemento relevante dentro de sua linha editorial.

Analisando, por fim, a proporção entre os cinco gêneros (Nota, Entrevista, Crítica, Matéria e Criação) nas ocorrências de *Bravo!* sobre a temática da Poesia a cada ano do periódico, trago a seguinte tabela:

Proporção (%) dos gêneros entre as ocorrências sobre Poesia de <i>Bravo!</i>					
ano	Nota	Entrevista	Crítica	Matéria	Criação
1997	55,6	0,0	11,1	33,3	0,0
1998	48,6	0,0	22,9	28,6	0,0
1999	50,0	5,0	10,0	35,0	0,0
2000	45,5	0,0	36,4	18,2	0,0
2001	36,4	0,0	13,6	50,0	0,0
2002	52,6	0,0	10,5	36,8	0,0
2003	37,5	0,0	25,0	25,0	12,5
2004	60,0	0,0	5,0	20,0	15,0
2005	75,0	0,0	0,0	25,0	0,0
2006	62,5	0,0	12,5	25,0	0,0
2007	54,5	0,0	0,0	45,5	0,0
2008	75,0	0,0	0,0	25,0	0,0
2009	63,6	9,1	0,0	27,3	0,0
2010	25,0	0,0	0,0	75,0	0,0
Média geral	53,0	1,0	10,5	33,5	2,0

Quadro 18: Proporção (%) dos gêneros entre as ocorrências sobre Poesia de *Bravo!*

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, em onze dos 14 anos da revista, Nota ocupa o primeiro lugar entre os gêneros e Matéria, o segundo. Isso não acontece apenas nos anos 2000, 2001, 2003 e 2010.

No ano 2000, Nota é o primeiro, Crítica o segundo e Matéria, o terceiro. Em 2001 e 2010 Matéria está em primeiro lugar e Nota, em segundo. Em 2003, Crítica e Matéria aparecem empatadas em segundo lugar.

Na média geral entre 1997 e 2010, observa-se a seguinte proporção entre os gêneros: Nota (53,0%), Matéria (33,5%), Crítica (10,5%), Criação (2,0%) e Entrevista (1,0%).

Os resultados apresentados nessa seção indicam ainda que o assunto Lançamento é predominante nos gêneros Nota, Crítica e Matéria. O assunto Efeméride/ Contexto do autor é o único tema presente em Entrevista e o segundo tema mais recorrente em Matéria. O assunto Outro é o segundo lugar em Nota e em Crítica.

4 REVISTA *Cult*

Destino esse capítulo è apresentação da revista *Cult* – tanto em seu contexto mais amplo quanto em suas especificidades - e à discussão da recorrência da temática da Poesia em sua cobertura. Divido o capítulo em duas grandes seções: 3.1) Trajetória de *Cult* e 3.2) Estrutura de *Cult*.

4.1 TRAJETÓRIA DE *Cult*

Fundada em agosto de 1997, a revista *Cult* é uma publicação de circulação nacional sobre temas ligados à cultura. Assim como a *Bravo!*, é um dos veículos dessa área com maior tempo no mercado editorial brasileiro. Tendo sido mantida pela Lemos Editorial até fevereiro de 2002, a *Cult* é hoje uma publicação da Editora Bregantini, com sede em São Paulo e periodicidade mensal.

Como não é auditada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), os dados quanto à sua tiragem podem variar bastante dependendo da fonte. Conforme Tsutsui (2006), a primeira edição da revista tem tiragem de oito mil exemplares em bancas, mais os pacotes fechados destinados aos patrocinadores (no caso, os laboratórios farmacêuticos, tendo em vista a linha de publicações na área da saúde até então seguida pela Lemos Editorial).

Na segunda edição, a tiragem sobe para 15 mil exemplares. A partir do número 14, dobra para 30 mil exemplares. Segundo Tsutsui (2006), o periódico tem, em 2006, tiragem entre 25 e 30 mil exemplares. Conforme Vieira (2011, p.70), *Cult* tem uma circulação de 25 mil exemplares. O site da revista indica também tiragem de 25 mil exemplares.

Assim como apresentei a trajetória de *Bravo!*, destino esta seção à trajetória de *Cult* no mercado editorial brasileiro. Divido essa seção em três partes: 3.1.1) O perfil do leitor e a proposta editorial, 3.1.2) A troca de editora e 3.1.3) Os aspectos gráfico-visuais.

Todos esses temas serão abordados e discutidos na sequência, tendo em vista o problema de pesquisa: Qual a recorrência da temática da poesia na revista *Cult*?

4.1.1 A proposta editorial e o perfil dos leitores

No *site* da revista *Cult* consta que “*Cult* é reconhecida por trazer textos exclusivos, produzidos pelos maiores especialistas nacionais”. A revista divulga ainda em sua páginas na Internet, que estão disponíveis na forma digital o conteúdo integral das seções “Dossiês”, destinadas aos “interessados na obra e na biografia das grandes figuras do pensamento ocidental”.

Em uma análise sumária dos termos empregados – “grandes figuras do pensamento ocidental”, “maiores especialistas nacionais” – é possível identificar facilmente a exaltação e o engrandecimento dos temas tratados no veículo. Da mesma forma, o público que adquire o periódico adquire também um *status* de pessoa bem informada e bem relacionada com o universo da cultura.

Para Tsutsui (2006, p. 90), “a literatura ocupa lugar de destaque tanto na forma de textos ficcionais ou poemas, quanto por meio de textos teórico-analíticos”. Mas será mesmo que a literatura possui essa centralidade na cobertura de *Cult*, em especial no que diz respeito à temática da Poesia?

Para responder tal questionamento, cabe entender a história do periódico, a proposta editorial e o perfil do seu público para situá-lo em seu contexto atual. Segundo Tsutsui (2006), a história de *Cult* está intimamente ligada a trajetória de seu fundador, o jornalista Manuel da Costa Pinto — responsável pela concepção e realização do projeto.

Em 1990, Costa Pinto é editor do *Caderno de Leitura*, da Edusp — publicação bimestral e gratuita da editora da Universidade de São Paulo (USP). A revista dura apenas seis exemplares, mas, segundo ele, pode ser considerada o embrião da *Cult*.

Nesse período, Costa Pinto trabalha ainda como editor-executivo do Jornal da USP, canal pelo qual conhece Paulo Lemos (proprietário da Lemos Editorial). Em 1997, é chamado por Paulo Lemos para criar a *Cult*. A partir daí, os dois desenvolvem uma grande parceria, e Costa Pinto torna-se editor da publicação recém surgida.

Na sua opinião [de Costa Pinto], foram três os motivos que levaram o empresário [Paulo Lemos] a financiar a publicação. O primeiro teria sido o aspecto institucional, ou seja, a Lemos Editorial (especializada em publicações da área farmacêutica e médica) seria prestigiada por meio de uma revista de cultura. A segunda causa teria sido a oportunidade mercadológica. Através de uma pesquisa foi detectada a ausência de produtos com o perfil pretendido. (...) Por último, com o lançamento de *Cult*, Paulo Lemos concretizaria um antigo sonho pessoal. (TSUTSUI, 2006, p.91)

Conforme Tsutsui (2006, p.91), nas palavras de Costa Pinto o objetivo do veículo é “entender a literatura no sentido lato do termo”. Ou seja, a ideia é centrar o conteúdo “em tudo aquilo que se referisse à cultura por meio da palavra”.

Em 21 de julho de 1997, a *Cult — Revista Brasileira de Literatura* vem às bancas com o *slogan*: “o mundo das palavras, da cultura e da literatura”. Na seção “Ao Leitor” no primeiro número, Paulo Lemos e Manuel da Costa Pinto justificam a escolha pelo nome do periódico.

Partindo do mundo dos livros e seus autores, a *Cult* quer dar um retrato multifacetado do panorama cultural, um retrato necessariamente pluralista (embora seletivo) de uma realidade fragmentária como a nossa — e talvez por isso seja oportuno explicar, aqui, a ideia do nome *Cult*, fragmento da palavra “cultura” que procura traduzir a instantaneidade e a rapidez caleidoscópica da comunicação contemporânea. (LEMOS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor”. In: *Cult*, São Paulo, n1, p.2, julho 1997).

Segundo Camila Xicatto (2008, p.2), Costa Pinto afirma na seção “Ao Leitor” que o periódico busca “atingir um padrão de equilíbrio entre a atualidade jornalística das matérias e a profundidade ensaística” (edição 12, 08/1998, p.2). Segundo Xicatto (2008), os colaboradores de *Cult* são bem variados: pesquisadores, jornalistas, editores, professores universitários e críticos literários — que são chamados para contribuir especificamente a cada edição. Tsutsui (2006) complementa a informação e diz que, historicamente, cerca de 80% do conteúdo é redigido por colaboradores externos.

Ao comentar a “guerra” que coloca, de um lado, acadêmicos e, de outro, jornalistas e colunistas de jornais e revistas, o editor Costa Pinto (2000) chama atenção para a coexistência desses dois elementos dentro dos principais periódicos do país. Traz como exemplo o caderno “Mais!” (da *Folha de S. Paulo*), “Cultura” (de *O Estado de S. Paulo*), “Prosa e Verso” (de *O*

Globo) e “Ideias” (do *Jornal do Brasil*), além da própria revista *Bravo!*. Conforme o editor, esse cenário configura-se da seguinte maneira no jornalismo cultural brasileiro:

Os críticos atuantes nas universidades, preocupados com a sistematização “científica” dos conceitos de linguagem literária e com a renovação de seus instrumentos teóricos, estariam ecoando, no âmbito da reflexão, o projeto modernista de renovação da linguagem poética; em contrapartida, críticos desvinculados de instituições acadêmicas e nostálgicos da figura do jornalista polígrafo, do humanista intuitivo, do livre-pensador que atua em várias frentes da atividade intelectual, formariam barricadas contra a crescente especialização dos saberes que, do interior da universidade, procuram recompor. (PINTO, 2000, p.55)

Conforme Costa Pinto (2000, p.56), o grande marco dessa polarização é o surgimento do grupo *Clima*, formado nos anos 40 por um núcleo inicial composto por Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes e Lourival Gomes Machado.

Até então, a crítica literária brasileira se dava preferencialmente nos “rodapés” — espaços semanais reservados ao comentário de livros e acontecimentos da vida literária. Normalmente caracterizados pelo tom informal, pelas digressões de ordem pessoal, cotidiana, e pela percepção impressionista da obra poética ou ficcional, os rodapés eram geralmente assinados por intelectuais de formação pluralista e que atuavam em diferentes contextos. (PINTO, 2000, p.56)

São jornalistas, escritores, críticos de artes plásticas ou advogados, aptos a discutir literatura pela experiência e pela bagagem cultural que carregam. Não são, contudo, “especialistas no sentido que a divisão dos departamentos universitários viria a dar ao termo” (PINTO, 2000, p.56).

O próprio Antonio Candido é autor de rodapés intitulados “Notas de crítica literária” na *Folha da Manhã* e no *Diário de São Paulo*, além de responsável, em 1956, pelo projeto do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*, que seria o mais importante caderno de cultura da imprensa brasileira.

Retomando o caso específico de *Cult*, que se situa dentro desse cenário na imprensa cultural, trago a visão de duas autoras que comentam a vinculação da publicação ao academicismo em oposição à sua inserção no mercado jornalístico contemporâneo. São elas: Ligia Chaves Vieira (2011), já mencionada anteriormente, e Fabíola Silva (2003).

Para Vieira (2011, p.69), “a noção de cultura que a revista [*Cult*] emana está, de fato, muito próxima do academicismo”. Nas palavras da editora Daysi Bregantini, entrevistada por Vieira em maio de 2010: “A *Cult* só trabalha com especialistas. E onde eles estão? Na academia. Não nos jornais e revistas, mas nas universidades”.

Conforme a editora, “no jornalismo diário a crítica perdeu a qualidade porque não é feita por intelectuais, e em especial acadêmicos, mas por jornalistas despreparados, que escrevem sobre obras que sequer conhecem” (Bregantini citado por Vieira, 2011, p.70).

A editora reconhece que não se trata de um público tão “geral”, mas de pessoas intelectualmente preparadas. “Não dá para pegar, por exemplo, Lacan, e traduzir para qualquer pessoa. A *Cult* é uma revista para quem já tem um preparo intelectual” (BREGANTINI, 2011, citado por VIEIRA, 2011, p.69).

Além disso, segundo Daysi Bregantini, todos os jornalistas da revista têm alguma ligação com a academia, ora cursando uma segunda graduação, mestrado ou doutorado, ora como professores (Vieira, 2011, p.70).

Já Fabíola Silva (2003) identifica, através do estudo da estrutura da revista, uma escala de nuances entre a “superficialidade jornalística” e a “profundidade acadêmica”. Para ela, é possível comparar - ou até mesmo denominar - essa “superficialidade” a um caráter didático e informativo. E a “profundidade”, a um caráter reflexivo e crítico.

Ao estudar a estrutura de *Cult* em seus dois primeiros anos de existência (edições de número um a 24) — estrutura essa que, de modo geral, se mantém até hoje —, Silva (2003) identifica as seções fixas que, segundo ela, estão ligadas à tendência didática e informativa.

São elas: “Notas”, “Entrevista”, “Na ponta da língua” (seção assinada por Pasquale Cipro Neto, que discorre sobre questões da língua portuguesa) e “Memória em revista” (seção do colunista Cláudio Giordano, que resgata revistas, periódicos, livros culturais que marcam época). Tais seções, segundo Silva (2003), “parecem formar um tipo de guia ou roteiro para aqueles que pretendem mergulhar no mundo da literatura e da cultura”.

Outro ponto de destaque na estrutura da revista, também com caráter didático, são as notas paratextuais, que aparecem complementando algumas matérias. Tais notas, geralmente, surgem sob a forma de informações sobre um livro resenhado, uma cronologia sobre a vida de um escritor, uma listagem de obras sobre algum tema ou de determinado

autor. Esses dados anexos dão muitas vezes uma contextualização ao leitor leigo ou informações para futuras pesquisas. (SILVA, 2003)

Já as seções mais voltadas a reflexões ensaísticas, conforme Silva (2003), são as seguintes: “Turismo literário”, “Criação”, “Gaveta de Guardados” “Biblioteca imaginária” (seção assinada por João Alexandre Barbosa, que aborda questões de literatura, seja na forma de ensaio ou resenha) e o “Dossiê”.

Dessa forma, na visão de Fabíola Silva (2003), *Cult* apresenta-se ora como revista voltada ao ensaio e à crítica (num tom acadêmico e reflexivo), ora configura-se como revista de informação e agenda cultural (num tom de superficialidade e generalidades).

A revista tentou ser mais acessível aos leitores não familiarizados com a área da literatura, adquirindo um caráter didático; por outro lado, manteve um certo rigor acadêmico nos temas tratados. Em outras palavras, a *Culi* tenta agradar a gregos e troianos. Mas aí surge outra pergunta: essa tentativa de agradar a públicos diferentes não revela uma tendência comercial da revista? (SILVA, 2003)

Para ela, “seria ingenuidade dizer que tudo é pelo amor à arte e à sua democratização”. A tendência comercial, de acordo com suas palavras, não está presente só na forma dos textos do periódico, mas também no tipo de papel utilizado, na diagramação e na impressão, no sem número de iconografias excelentemente reproduzidas e na publicidade.

O diretor Paulo Lemos, no editorial da *Cult* número dois, de agosto de 1997, diz: “Algumas empresas clarividentes descobriram que a cultura é, a curto prazo, um bom negócio (pois efetivamente atrai o interesse do público) e, a longo prazo, um instrumento de qualificação humana que nenhum país pode menosprezar”.

Fugindo ao radicalismo, Silva (2003) sustenta: “Essa atitude comercial declarada pelo diretor da revista não é tão condenável assim, pois, sem auxílio do governo e de instituições, uma produção cultural, geralmente, está fadada ao fracasso, principalmente nos dias de hoje”.

Assim, é possível entender o veículo em um *status* intermediário entre o conteúdo acadêmico e o superficial ou genérico. “Não se deve conceber a revista como mera leitura de entretenimento e alienação, tampouco colocá-la no pedestal e sacralizá-la” (SILVA, 2003).

Tendo em vista os diferentes perspectivas de Vieira (2011) e de Silva (2003) quanto ao perfil crítico-ensaístico e acadêmico do veículo *versus* um perfil mais jornalístico, generalista e

informativo, não busco nesse momento defender uma ou outra visão, nem mesmo propor uma leitura distinta das que foram apresentadas.

As discussões apresentadas por essas duas autoras corroboram a visão de Costa Pinto (2000, p.54) de que “o armistício entre jornalistas e acadêmicos na verdade esconde uma situação beligerante”. Segundo ele, ao citar os suplementos literários dos principais jornais do país:

Em todos esses periódicos se repete, com graus diferentes de violência e passividade, o mesmo conflito: de um lado, jornalistas e editores saudosos da figura do humanista de saber enciclopédico e estilo franco atirador que, a contragosto, aceitam a colaboração de professores universitários e seus orientandos; de outro, acadêmicos e um número cada vez maior de jornalistas que cursam pósgraduação e querem dar igual peso, na edição dos periódicos, às obras de poesia e ficção e aos ensaios de teoria literária. (COSTA PINTO, 2000, p.59)

O conflito entre academicismo e não-academicismo (ou jornalismo contemporâneo) na cobertura de *Cult* vai ao encontro da indefinição do espaço destinado à temática da Poesia ao longo dos anos. Na medida em que o posicionamento editorial da publicação não está claro, fica difícil definir – ou compreender - a importância (ou “desimportância”) de determinado tema nas páginas do veículo.

Das 153 edições analisadas da revista *Cult*, a temática da Poesia —meu objeto de análise — está presente, com pelo menos uma ocorrência, em 138 edições (ou em 90,2% das edições). Em outras 15 edições (ou 9,8%) não há nenhuma ocorrência sobre a temática, conforme os dados:

Temática da Poesia em <i>Cult</i>		
	Número de edições	Percentual de edições
Presente	138	90,2
Ausente	15	9,8
Total	153	100,0

Quadro 19: Temática da Poesia em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

A próxima tabela indica o número de ocorrências sobre Poesia ao longo da série histórica, bem como a média de ocorrências mensais a cada ano. Para calcular a média mensal, considerei o número de edições da revista ao ano, conforme já indiquei no primeiro capítulo.

Ocorrências de Poesia em <i>Cult</i>		
Ano	Anual	Média mensal
1997	12	2,4
1998	37	3,1
1999	55	4,6
2000	51	4,3
2001	46	3,8
2002	25	2,5
2003	26	2,2
2004	27	2,3
2005	17	1,5
2006	26	2,2
2007	14	1,4
2008	14	1,3
2009	16	1,5
2010	31	2,8
Total	397	2,6

Quadro 20: Ocorrências de Poesia em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme a tabela, em 1997 são 12 ocorrências sobre Poesia. Nos anos seguintes há um aumento — 37 ocorrências (em 1998) e 55 ocorrências (em 1999). Os três anos seguintes são de queda: 2000 (51 ocorrências), 2001 (46) e 2002 (25).

Em 2003 (26) e 2004 (27) acontece uma variação pequena, seguida de diminuição em 2005 (17). No ano seguinte ocorre uma nova elevação (26 ocorrências), seguido de redução em 2007 (14) — índice que se mantém em 2008 (14). Em 2009 (16) e 2010 (31), uma nova elevação.

Mesmo ocorrendo uma certa recuperação entre 2007 e 2010, a tendência geral permanece de queda. O auge (atingido em 1999) não é superado em nenhum dos anos posteriores durante a série histórica.

A média de ocorrências mensais acompanha essas variações. A maior média mensal de ocorrências é em 1999 (4,6 ocorrências mensais). A menor média é a de 2008 (1,3 ocorrências mensais);

Ao identificar na revista *Cult* - assim como anteriormente em *Bravo!* - tantas oscilações na recorrência da temática da Poesia ao longo dos anos, eu me pergunto: Afinal, qual a importância do tema na cobertura de *Cult*? Dentro da linha editorial da revista (que aparentemente quer dialogar com as esferas do academicismo e do não-academicismo), seria essa temática relevante dentro do veículo?

Em um segundo momento, questiono-me também: O que o periódico entende por Poesia? Como crê que o tema deva ser abordado? Com qual frequência e com qual espaço? Ou ainda: Dentro da perspectiva de *Cult*, estaria o tema da Poesia aproximado da esfera acadêmica ou da não-acadêmica?

Nesse sentido, a variação na recorrência da temática da Poesia ao longo dos anos parece indicar a existência de um conflito anterior a esse — a indefinição do posicionamento e da linha editorial da própria revista.

Esse conflito, na minha opinião, não está ainda resolvido dentro da Redação de *Cult*. Na medida em que há um questionamento interno não esclarecido entre seus próprios editores e colaboradores (como sugere Costa Pinto) — quanto ao posicionamento da revista — aumentam as dúvidas e incertezas quando investiga-se a recorrência da temática da Poesia no veículo.

Assim, creio que a revista busque, ao mesmo tempo, uma inserção no mercado editorial brasileiro, com uma cobertura abrangendo lançamentos e acontecimentos da agenda cultural, e uma aproximação simultânea com o universo acadêmico da literatura, da crítica e da pesquisa científica desenvolvida em universidades.

Não acredito que a conciliação desses pontos seja impossível. É preciso, porém, que os objetivos e a própria linha editorial estejam claros entre toda a equipe responsável pela publicação — o que não me parece que esteja ocorrendo.

Se, ao invés de considerar o número de ocorrências sobre a temática da Poesia, contabilizar o número de páginas relevantes, terei a seguinte tabela:

Páginas relevantes em <i>Cult</i>			
	Anual	Média mensal	% do total de páginas
1997	45	9,0	13,4
1998	131	10,9	16,3
1999	206	17,2	25,6
2000	147	12,3	18,3
2001	191	15,9	23,8
2002	163	16,3	24,3
2003	110	9,2	13,7
2004	68	5,7	8,5
2005	19	1,7	2,6
2006	67	5,6	8,5
2007	23	2,3	3,4
2008	16	1,5	2,2
2009	18	1,6	2,4
2010	33	3,0	4,5
Média geral	88,4	8,0	12,0

Quadro 21: Páginas relevantes em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Em 1997 a publicação possui 13,4% de páginas relevantes. Em 1998, são 16,3% (ou média de 10,9 páginas relevantes mensais). O ano de 1999 é aquele com maior incidência de páginas sobre o tema: 25,6% (ou média de 17,2 páginas ao mês), Em 2000, há uma queda nas páginas relevantes (18,3% ou 12,3 páginas mensais), seguida por uma recuperação em 2001 (23,8% ou 15,9 páginas mensais) e 2002 (24,3% ou 16,3 páginas mensais).

Em 2003 (13,7% ou 9,2 páginas mensais), 2004 (8,5% ou 5,7 páginas mensais) e 2005 (2,6% ou 1,7 páginas mensais) há sucessivas diminuições nas páginas sobre Poesia em *Cult*. Em 2006 acontece uma nova recuperação (8,5% ou 5,6 páginas mensais), mas 2007 (3,4% ou 2,3 páginas mensais) e 2008 (2,2% ou 1,5 páginas mensais) indicam novas quedas. É 2008 o ano com menos páginas relevantes ao longo de toda a série histórica.

Em 2009 (2,4% ou média de 1,6 páginas mensais) e 2010 (4,5% ou três páginas mensais), uma nova recuperação, sendo a do último ano mais representativa. Na média geral de todos os anos (de 1997 a 2010), são 88,4 páginas ao ano, oito páginas mensais e 12,0% de páginas relevantes (do total de páginas da revista).

Os dados relativos à distribuição das ocorrências sobre a temática da Poesia em assuntos nos ajudam a entender, empiricamente, a linha editorial da revista. Dessa forma, temos a seguinte distribuição:

Assuntos em <i>Cult</i>	
Assuntos	Ocorrências
Lançamento	181
Evento	33
Efeméride/ Contexto do autor	58
Poema	86
Outro	39
Total	397

Quadro 22: Assuntos em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

A distribuição por assuntos acontece da seguinte forma: Lançamento (181 ocorrências), Poema (86 ocorrências), Efeméride/ Contexto do autor (58 ocorrências), Outro (39 ocorrências) e Evento (33 ocorrências).

Assim como em *Bravo!*, Lançamento é o primeiro lugar absoluto na cobertura de *Cult*, com 181 ocorrências de um total de 397. Posto isso, a aproximação do periódico à agenda cultural de lançamentos de produtos culturais é evidente.

Quanto ao perfil dos leitores de *Cult*, Tsutsui (2006) traz alguns dados que nos ajudam a compreender quem é o público do periódico. Segundo entrevista realizada por ela com o diretor de redação Marcelo Rezende, em 13 de agosto de 2004, 56,0% são do sexo masculino e 44,0% do sexo feminino. Quanto à faixa etária, 41,0% têm de 21 a 30 anos; 28,0% de 31 a 40 anos; 14,0% de 41 a 50 anos; 10,0% mais de 50 anos. Posso dizer, assim, que a maior parte dos leitores tem entre 20 e 40 anos (69,0%).

No item classe sócio-econômica, 58,0% dos leitores pertencem à classe A e 42,0% à classe B, sendo, assim, bem elevada. Na distribuição geográfica do público por regiões do país, 50,0% estão na região Sudeste; 23,0% no Nordeste; 15,0% no Sul; 8,0% no Centro-Oeste; 3,0% no Norte; 1,0% no exterior.

Quanto ao estado civil, um total de 60,0% são solteiros. A escolaridade é alta entre os leitores de *Cult*, sendo que 50,0% têm Ensino Superior completo e um terço do restante está cursando alguma universidade.

Outra informação apurada por Tsutsui (2006) é que 82,0% dos leitores colecionam a revista, utilizando-a para pesquisas. Ou seja, são leitores que entendem *Cult* não apenas como um bem de consumo instantâneo, que possa ser descartado como acontece com os jornais diários. O público, portanto, procura usar a revista não somente como entretenimento, mas como material acadêmico ou de pesquisa, dando um uso utilitário à cultura.

4.1.2 A troca de editora

A revista *Cult* é fundada em 1997, como já disse, por Paulo Lemos — dono da Lemos Editorial —, em parceria com o jornalista Manuel da Costa Pinto. A Lemos Editorial tem como foco publicações na área da saúde, ligada a laboratórios farmacêuticos, sendo a *Cult* uma inovação no seu espectro de produtos.

Conforme Tsutsui (2006, p.95), a empresa enfrenta momentos difíceis entre 2001 e 2002 em função das decisões econômicas tomadas pelo governo no setor da saúde. “Com a série de medidas aprovadas pelo então ministro José Serra (a principal delas a campanha dos genéricos), o mercado farmacêutico sofreu significativa retração. A Lemos Editorial, fortemente atrelada aos laboratórios, também foi atingida” (TSUTSUI, 2006, p.95).

A consequência imediata é a redução da receita da editora. Com isso, a *Cult*, sustentada pelas demais publicações da Lemos Editorial, acaba inviável economicamente. Sendo procurado pela empresária Daysi Bregantini, Manuel da Costa Pinto, ciente das dificuldades financeiras do veículo, atua como intermediário na venda de *Cult*.

A compra da publicação pela Editora 17 (que logo muda de nome para Editora Bregantini) ocorre em fevereiro de 2002. “A notícia foi recebida com entusiasmo pelos agentes culturais do país”, aponta Tsutsui (2006, p.95), citando reportagens publicadas no *Estado de S. Paulo* (em 24 de fevereiro de 2002) e no site *Digestivo Cultural* (em 12 de junho do mesmo ano).

Conforme o *Estado de S. Paulo*, “a ideia é ampliar o universo editorial da revista, com um foco maior na área de artes e espetáculos”. Além disso, “será o primeiro passo da Editora 17, que surge no mercado para lançar livros de reportagens, serviços e biografias”.

A matéria do *Digestivo Cultural*, publicada quatro meses após a venda do periódico, diz que a “*Cult*, antes publicação onde os acadêmicos da USP divulgavam o resultado de suas teses, depois da aquisição pela Editora 17 (gestão Daysi Bregantini), vem conquistando seu lugar ao sol nas bancas de revistas”.

O *site* da própria revista comenta sobre a atuação da editora Bregantini:

A editora Bregantini é uma das pioneiras em revistas customizadas. Criou e desenvolveu inúmeros títulos de revistas, jornais, *house organs*, catálogos e folhetos. Para isso, foram necessários investimentos em equipamentos e profissionais, o que foi feito, estruturando a editora para que pudesse atender com competência a demanda cada vez maior. Ao longo da década de 1990 foram confeccionados mais de 100 produtos editoriais (Revista *Cult*).

Desse modo, *Cult* torna-se um dos “produtos culturais” produzidos pela editora Bregantini. Na sequência, o *site* comenta especificamente sobre a revista:

Com a experiência acumulada e com o objetivo de investir em títulos próprios, a editora Bregantini adquiriu em 2002 a *Cult*. Hoje, a revista *Cult* tem uma circulação de 25 mil exemplares e é considerada a mais inteligente revista de cultura do Brasil. A distribuição é em âmbito nacional e, entre os assinantes, destacam-se, praticamente, todas as universidades e bibliotecas do país. (Revista *Cult*)

Durante o período de transição, aponta Tsutsui (2006, p.96), a ideia, conforme os profissionais da Redação, é “manter o DNA da revista”, ampliando ao mesmo tempo a abrangência de suas pautas. Assim, de “revista brasileira de literatura”, *Cult* passa a ser designada “revista brasileira de cultura”.

Na tentativa de dar mais “leveza” ao conteúdo do periódico, vários arranjos foram feitos. A estréia de três novas colunas (...): “Estante *Cult*” (sobre lançamentos de livros), “Fonotipia” (seleção de música/ lista de CDs) e “Instantâneos” (cobertura fotográfica dos eventos culturais mais importantes). Como se pode perceber, é nítida a intenção de aproximar a revista da indústria de produtos culturais. (TSUTSUI, 2006, p.96).

Desse modo, o enfoque deixa de ser a “literatura” para abranger a “cultura”, num entendimento de cultura como um leque cada vez maior de opções e de temas, conforme já comentado no capítulo sobre *Bravo!*. Essa ampliação da abrangência editorial de *Cult* em si não é bom ou ruim; é uma opção editorial que está a cargo do veículo.

Chama atenção que, paralelamente à mudança do *slogan* de “revista brasileira de literatura” para “revista brasileira de cultura”, ocorre a criação de três novas seções na publicação — todas ligadas a lançamentos de produtos culturais e a eventos. Tal fato indica que a mudança não acontece apenas na ampliação dos assuntos abordados, mas também na forma como o veículo os aborda.

Para Tsutsui (2006), a substituição da palavra ‘literatura’ por ‘cultura’ no subtítulo da publicação revela a clara intenção de atingir um maior número de leitores. “As tentativas de ‘popularização’ da revista com a formulação de textos mais simples e diagramação semelhante à das revistas de informação semanal caminham neste sentido” (TSUTSUI, 2006, p.102). A preocupação com a vendagem é evidente, e seu principal objetivo parece ser estritamente “manter-se no mercado”.

As alterações no espectro editorial e a maior “leveza” do texto revelam também uma tentativa de ampliação no número de leitores. Não há apenas uma maior quantidade de assuntos, mas modificações na forma e na profundidade com que a publicação os tematiza.

Ao comentar a transição entre a Lemos Editorial e a Editora Bregantini no comando de *Cult*, Tsutsui (2006) opina que, em sua visão, a qualidade do periódico se manteve ao longo dos anos.

Numa avaliação final, o fato é que, de uma para outra fase, independente das estratégias utilizadas, com algumas mudanças bem-sucedidas e outras não, entre erros e acertos, o espírito de *Cult* foi mantido. A essência e a qualidade do conteúdo felizmente permaneceram. (TSUTSUI, 2006, p.103)

Mais adiante, a autora diz ainda que: “É inegável que a revista triunfou — mantendo a qualidade de seu conteúdo — neste momento em que o mercado está saturado de produtos de consumo descartável, leitura fácil e rápida” (Tsutsui, 2006, p.105).

Mas será que a “qualidade de conteúdo” realmente mantém-se em padrões tão elevados e sem alterações ao longo dos anos (mesmo com a troca de editoras), como coloca a autora? Na minha visão, o entendimento de Tsutsui (2006), no que diz respeito a esse ponto, é equivocado na medida em que se percebe uma drástica mudança no conteúdo editorial de *Cult* a partir de 2002.

Ao avaliar a tabela sobre o número de páginas relevantes em *Cult* (presente nesse capítulo, página 93), sobre a perspectiva da troca de editoras ocorrida em 2002 (quando o veículo deixa de pertencer à Lemos Editorial e passa para a Editora Bregantini), percebo que em ambos os períodos a oscilação no percentual de páginas relevantes é grande. Sobre a gerência da Lemos Editorial, *Cult* apresenta variação entre 13,4% e 25,6%. Sobre o comando da Editora Bregantini, entre 2,2% e 24,3%.

A partir de 2002 (24,3% de páginas relevantes) até 2005 (2,6%) ocorre uma diminuição nas páginas relevantes. Em 2006, ocorre uma recuperação (8,5%), seguida de diminuição em 2007 e 2008, e nova alta nos dois últimos anos da série histórica.

Cabe salientar que em nenhum ano anterior à troca de comando da revista esse índice apresenta números tão baixos quanto os que aparecem após esse fato. Antes de 2002, o índice mais baixo apresentado por *Cult* é o de 1997 (13,4%) e de 1998 (16,3%). Após 2002, os índices mais baixos aparecem em 2008 (2,2%) e 2009 (2,4%) — bastante inferiores se comparados à fase anterior.

Com a troca de editoras, o “Editorial” - tradicionalmente assinado por Manuel da Costa Pinto - passa a ser assinado por Daysi Bregantini. A seção substitui um texto mais teórico e analítico por mensagens mais chamativas e até propagandistas, observa Tsutsui (2006, p.96). Nessa nova fase, a proposta editorial é “abordar temas culturais com uma visão jornalística contemporânea”.

Entre as estratégias de marketing adotadas, comenta Tsutsui (2006, p.99), está a distribuição de brindes (como livros e camisetas) e as promoções feitas em parceria com as editoras 34 e Record/Civilização Brasileira, que, após algum tempo, se estenderiam para as editoras Martins Fontes, Paulus, Loyola, Senac Rio, Objetiva, Cosac Naify, Globo, Bertrand Brasil e Zouk.

Todas as editoras citadas têm suas publicações amplamente divulgadas através das diversas seções de *Cult*. Portanto, existe uma dependência (ou, no mínimo, uma relação muito estreita) entre os patrocinadores/ apoiadores e o conteúdo veiculado.

Fica difícil imaginar que *Cult* consiga exercer uma interpretação crítica autônoma e independente das obras publicadas por seus patrocinadores, maiores responsáveis por sua sustentação econômica e, em última instância, sua sobrevivência no mercado.

Além disso, mesmo que busque exercer a análise de obras não editadas por nenhuma das editoras em questão, a independência editorial fica comprometida, visto que seus anunciantes são as principais empresas de publicação de livros no país.

É possível entender a permanência de *Cult* no mercado de revistas brasileiro, indica Tsutsui (2006), em um cenário de leis de incentivo à cultura, ampliação do mercado de produtos culturais e transferência de seu patrocínio do Estado para o setor empresarial. A autora comenta o funcionamento geral das leis de incentivo à cultura no país:

A década de 90 é caracterizada como uma nova fase no desenvolvimento de atividades culturais com a promulgação de Lei 8313/91 (a Lei Rouanet), que permitia aos projetos, aprovados por uma Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), receber patrocínios e doações de empresas e pessoas físicas, as quais se beneficiavam de isenções no Imposto de Renda devido. (TSUTSUI, 2006, p.105-106)

Se a publicação beneficia-se da Lei de Incentivo à Cultura, posso concluir que, indiretamente, toda a população brasileira - que paga elevados impostos - contribui, para a manutenção e a promoção da revista, que é mantida por uma empresa privada e não necessariamente defende os interesses públicos.

Muito mais do que o valor arrecadado com as assinaturas ou as vendas avulsas em bancas, os anúncios publicitários representam a maior parte da receita dos periódicos. Segundo Tsutsui (2006, p.106) entre seus anunciantes estão predominantemente empresas estatais, editoriais e culturais, organizações não-governamentais e instituições universitárias.

Além desses, diz a autora, constam anúncios de empresas da indústria farmacêutica (em função da herança de antigas parcerias da Lemos Editorial) e uma outra parcela de empreendimentos prestadores de serviços e/ou com perfil mais comercial (hotéis de luxo, bancos e escolas de idiomas) — estes certamente atraídos pelo perfil dos leitores da revista.

Na Redação de *Cult*, após a mudança de editoras, sob a gestão da Editora Bregantini, Manuel da Costa Pinto segue como editor e Luis Antonio Giron é contratado para dar conta da “grande reportagem” de cada mês. Tal projeto, entretanto, perdura apenas três edições (números 57 a 59, de junho a agosto de 2002), tornando-se inviável devido ao seu custo elevado.

Nas palavras de Manuel da Costa Pinto, “reportagem custa caro, pois demanda um trabalho de apuração, de deslocamento, enfim, de investimentos. Além disso, de acordo com ele, com a entrada de Giron,

era muito dispendioso para a editora arcar com dois salários de chefia. Após esse primeiro teste mal sucedido, Giron deixa a revista e *Cult* volta ao formato ensaístico anterior. (TSUTSUI, 2006, p.97)

Costa Pinto permanece como editor de *Cult* por mais um ano após a saída de Giron. Mesmo sem deixar transparecer para o público, desde a troca de editora as relações internas na Redação ficam estremecidas, sem um entendimento quanto aos novos rumos da publicação. “Ao longo de 2002, nos bastidores de *Cult*, diversas negociações entre diretoria e redação eram tentadas e, segundo Manuel da Costa Pinto, eram bastante conflituosos esses encontros” (TSUTSUI, 2006, p.99).

Sem um consenso sobre o destino que deveria tomar a revista, Costa Pinto abandona o periódico no número 72 (setembro de 2003), voltando para a *Folha de S. Paulo*. “Na ausência de um substituto interno, foi chamado de última hora, para preencher o cargo de diretor de Redação, o jornalista Marcelo Rezende” (TSUTSUI, 2006, p.100). A partir de então novas mudanças no conteúdo da publicação podem ser percebidas.

Há uma rearticulação das seções, porém importantes espaços como “Dossiê”, “Entrevista”, “Radar” (que se torna uma única seção, eliminando a divisão “Gaveta de guardados” e “Criação”) e “Agenda” (antiga seção “Notas”) são conservados, havendo acréscimos de seções como “Seleção Cult/ Livros”, “Seleção Cult/ Música”, “Ética e política”, “Cinema” e outras. (TSUTSUI, 2006, p.100)

A respeito das duas fases de *Cult* (primeiro sob o comando da Lemos Editorial e depois da Editora Bregantini), para Tsutsui (2006), no primeiro momento, percebe-se uma proposta “iluminista” por trás do projeto editorial. Em julho de 1998, Costa Pinto afirma no editorial que o periódico pretende ao mesmo tempo trazer informação (para o público que possui lacunas na formação cultural) e instigar o público mais habituado ao universo literário.

No segundo momento (sob o comando da Editora Bregantini), aponta a autora, o “espaço de produção cultural” é reduzido, com a extinção dos concursos literários e a diminuição das páginas destinadas à publicação de inéditos. Acontece uma maior aproximação entre o conteúdo do periódico e o acompanhamento de mercado de bens culturais - aproximação essa praticamente comemorada ou, ao menos, bem recebida por Tsutsui (2006), conforme o trecho:

Em contrapartida, percebeu-se a ampliação dos espaços destinados ao acompanhamento do mercado editorial, fonográfico e audiovisual que

passariam a ser explorados por meio de novas editorias, com foco em lançamentos. As próprias pautas refletem esta aproximação com a indústria cultural, ou seja, a seleção de assuntos passou a ter como fonte de inspiração ou justificativa os produtos recém-lançados: por exemplo, a nova edição de um livro, a reestrea de uma peça ou o filme em cartaz. (TSUTSUI, 2006, p.101-102)

Cult não persiste em sua proposta mais acadêmica, crítica e focada na divulgação de novos autores. Prova da maior aproximação do veículo com a indústria cultural são os dados a seguir sobre a distribuição das ocorrências sobre a temática da Poesia em assuntos ano a ano.

Proporção (%) de assuntos entre as ocorrências de <i>Cult</i>					
Ano	Lançamento	Evento	Efeméride/ Contexto do autor	Poema	Outro
1997	66,7	16,7	8,3	0,0	8,3
1998	54,1	16,2	10,8	10,8	8,1
1999	47,3	3,6	10,9	21,8	16,4
2000	41,2	7,8	13,7	29,4	7,8
2001	28,3	17,4	17,4	19,6	17,4
2002	16,0	12,0	40,0	24,0	8,0
2003	19,2	19,2	38,5	15,4	7,7
2004	55,6	3,7	7,4	22,2	11,1
2005	82,4	0,0	0,0	17,6	0,0
2006	53,8	0,0	15,4	23,1	7,7
2007	35,7	14,3	7,1	35,7	7,1
2008	35,7	0,0	7,1	50,0	7,1
2009	62,5	0,0	6,3	25,0	6,3
2010	67,7	0,0	9,7	16,1	6,5
Média geral	47,6	7,9	13,8	22,2	8,5

Quadro 23: Proporção (%) de assuntos entre as ocorrências de *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Para Vieira (2011), *Cult* não aborda prioritariamente temas ligados à agenda cultural, conforme o trecho:

A revista *Cult* pode ser considerada mais uma revista de ideias do que propriamente de jornalismo cultural, no sentido de não abordar, prioritariamente, temas relativos à agenda. As artes, principalmente a literatura, estão presentes na cobertura da *Cult*, mas a publicação possui

um interesse muito maior na tradução para o público do pensamento produzido na academia. (VIEIRA, 2011, p.109)

Os resultados levantados até aqui, contudo, indicam exatamente o contrário. O assunto Lançamento aparece em primeiro lugar entre as ocorrências de *Cult* sobre Poesia em onze dos 14 anos analisados da série histórica – com valores que variam entre 41,2% das ocorrências e 82,4%. Apenas em 2002, 2003 e 2008 Lançamento não é o tema predominante. Em 2002 e 2003, Efeméride/ Contexto do autor tem a maioria das ocorrências. Em 2008, Poema é o assunto predominante.

Cabe observar que Efeméride/ Contexto do autor muitas vezes acaba relacionando-se a Lançamento, visto que as empresas e editoras exploram comercialmente as datas relevantes dentro do universo cultural. Mesmo o assunto Poema — que não está diretamente relacionado à agenda cultural — conecta-se ao tema por divulgar autores (consagrados ou não), que lançam suas obras, publicam textos e buscam também sua inserção no sistema literário e o consumo pelo público.

Desse modo, mesmo nos três anos em que Lançamento não é o assunto predominante na cobertura de *Cult*, os temas que ocupam sua posição também se relacionam à agenda cultural.

Na média geral de distribuição dos assuntos na revista aparecem, pela ordem: Lançamento (47,6%), Poema (22,2%), Efeméride/ Contexto do autor (13,8%), Outro (8,5%) e Evento (7,9%).

O periódico acaba, assim, cedendo às demandas do mercado. Ocorrem adaptações internas, mudanças na estrutura do veículo e no seu próprio conteúdo ao longo dos anos. Um exemplo disso, traz Fabíola Silva (2003), é o fato de que em duas seções — “Entrevista” e “Dossiê”, que possuem mais páginas e destaque em relação a outros espaços — “se constatou uma tendência maior a afirmar e sacralizar o cânone literário e cultural, que romper com suas regras”.

De acordo com Silva (2003), “a seção “Entrevista” cede lugar a personalidades do âmbito cultural que já desfrutam de certo reconhecimento dentro de sua respectiva área de atuação”. A autora cita como exemplos, que aparecem nos dois primeiros anos do periódico, as entrevistas com os conhecidos Décio de Almeida Prado, Boris Schnaiderman, Nadine Gordimer, Bárbara Heliodora, Nelson Ascher, Dias Gomes, Hilda Hilst, Ricardo Piglia, Manoel de Barros, Augusto de Campos, Lygia Fagundes Telles, Régis Bonvicino e outros.

Para ela, “o Dossiê também confirma a tendência da afirmação do cânone literário, pois a maioria dos escritores ou intelectuais tratados nesta seção já são consagrados pela crítica”. Os

exemplos trazidos por ela, presentes na seção, são: Padre Antônio Vieira, Dostoiévski, Clarice Lispector, Cruz e Souza, Emilio Villa, Antonio Candido, Stéphane Mallarmé, Fernando Pessoa e Machado de Assis.

Porém, pondera Silva (2003), *Cult* também faz uma tentativa de abrir espaço para literaturas ditas “periféricas”, visto que foram realizados “Dossiês” sobre “Ficção científica brasileira”, “Futebol e literatura”, “Estudos Culturais” e “Literatura de testemunho”.

Apesar do esforço em tentar democratizar seu espaço e abri-lo aos novos escritores, ainda imperam nas páginas de *Cult* os valores canônicos, sustenta Silva (2003). Tal predominância vai ao encontro de uma proposta comercial, que se utiliza de nomes e de personagens conhecidos do grande público como estratégia para atrair leitores. O efeito de uma chamada de capa com uma personalidade famosa é essencial para a consolidação da venda da revista, principalmente dos exemplares vendidos em banca.

Já em 2006, o *Portal da Comunicação* publica notícia “Revista *Cult* supera dificuldades e chega ao número 100”, assinada por Victor Bianchin. Segundo a matéria, Daysi Bregantini diz que quando comprou o veículo em 2002 ele “estava prestes a falir” e as pessoas lhe questionavam muito a aquisição. “Mas não se tratava apenas de um negócio, se tratava de uma intervenção cultural. A *Cult* não podia acabar”, afirma Daysi ao *Portal da Comunicação* (2006).

Conforme a notícia, os incrementos comerciais de *Cult* após sua venda são diversos: a tiragem é ampliada de 15 para 25 mil exemplares, há a consolidação de oito mil assinantes, além de o veículo passar a chamar a atenção do mercado publicitário.

Apesar disso, Daysi Bregantini nega que a revista lhe traga lucro, mas admite que seja “um negócio interessante”, conforme o trecho:

"Antes, nós circulávamos sem nenhum anúncio. Hoje, temos pelo menos quatro por edição", afirma Daysi. Apesar disso, a revista ainda enfrenta dificuldades comerciais. "Não ganho nenhum dinheiro com a *Cult*. Na verdade, até o ano passado, a revista nem se pagava", diz editora, que, ainda assim, considera a revista um negócio interessante. "Não dá para fazer uma revista como a *Cult* pensando em dinheiro. Temos um trabalho de pesquisa e aprofundamento que é raríssimo no Brasil. Isso é o que vale", argumenta. (BIANCHIN, Victor. *Portal da Comunicação*, 2006)

As declarações da empresária parecem tentar velar o caráter comercial do periódico. Ela prefere destacar seu “trabalho de pesquisa e aprofundamento” do que assumir sua real

preocupação com a rentabilidade da revista no mercado brasileiro — quase como se a primeira opção fosse mais aceitável do ponto de vista moral.

A impressão que tenho é a de que há um constrangimento por parte da empresária em expor o caráter corporativo da Editora, bem como a constituição mercadológica da própria revista. Contraditoriamente, Daysi Bregantini reafirma que não busca lucro, mas comemora o aumento da quantidade de patrocinadores:

Para o futuro, a *Cult* pretende ganhar mais leitores e, quem sabe, até se tornar comercialmente interessante. "Vamos aumentar a circulação para quarenta mil unidades em agosto", anuncia Daysi. "Não sabemos como será a reação do público, mas estamos otimistas. Sempre há mercado para cultura". (BIANCHIN, Victor. *Portal da Comunicação*, 2006)

Daysi diz que pretende ainda aumentar as vendas e a tiragem de *Cult* como forma de ampliar a “cultura” no país. Tal fato, contudo, pode ter uma outra leitura. Afinal, não necessariamente, o aumento da tiragem de *Cult* irá promover e ampliar a cultura no país. É preciso levar em consideração a qualidade do conteúdo que está sendo disseminado através da publicação e o público ao qual a publicação está atingindo.

Para Vieira (2011, p.70), “a editora [Daysi Bregantini] se mostra bastante romântica com relação ao mercado, embora reconheça as dificuldades de manter uma revista de cultura no país”. As declarações de Daysi em entrevista a Vieira (2011) corroboram o texto de Bianchin (2006). A editora utiliza um discurso que relaciona a revista a uma “aventura intelectual” e diz que não investe em publicidade de assinaturas porque os leitores devem ter sua “motivação própria”:

A editora confessa não investir em campanhas de assinaturas. “É de propósito. Porque quem quer assinar, tem que assinar por motivação própria. Eu não quero nenhum assinante que venha por sedução nenhuma. (...) É um ideal bem romântico mesmo, mas é lindo e eu não me queixo. É a aventura intelectual” [afirma Daysi Bregantini]. (VIEIRA, 2011, p.71)

O interesse cultural e a necessidade comercial de *Cult* e da Editora Bregantini são legítimos. Por si só não me parecem problemáticas ou alvo de questionamentos. É intrigante, contudo, a tentativa por parte da proprietária e editora de afastar a imagem de *Cult* de uma revista comercial.

O esforço demonstrado por Daysi Bregantini no sentido de desvincular a publicação do jogo do mercado é incoerente e, em última instância, falso. Afinal, todos percebem claramente que tal distanciamento não acontece na prática – aliás, sequer seria viável. Assim, qualquer esforço nesse sentido acaba sendo vão e gerando dúvidas e estranhamento entre seu público - que conhece o caráter comercial da revista, mas vê o fato negado constantemente no discurso do periódico.

4.1.3 Os aspectos gráfico-visuais

A preocupação com a apresentação visual é percebida em *Cult*, porém em menor dimensão que em *Bravo!* Possui um projeto gráfico que segue uma linha mais clássica, sem tantas tentativas de mostrar ousadia e modernidade através da identidade de suas páginas, como é notável em *Bravo!*.

Sua apresentação visual é agradável e sóbria, sem chamar muita atenção. As páginas são funcionais, permitindo uma leitura fluida e uma boa organização espacial. Ao contrário de *Bravo!*, que privilegia cores intensas e uma diagramação arrojada, *Cult* opta por uma aparência menos impactante. Suas páginas não são poluídas. Há um predomínio de cores neutras e, em nenhum momento, agressivas aos olhos do leitor.

A distribuição das páginas de *Cult* entre as que possuem chamada principal de capa, chamada secundária e as comuns em relação ao total de páginas da revista acontece da seguinte maneira:

Porcentagem (%) de páginas relevantes de <i>Cult</i> (do total de páginas)				
	Chamada principal	Chamada secundária	Comum	Total
1997	2,7	2,7	8,2	13,6
1998	4,2	3,2	9,2	16,6
1999	8,7	4,0	13,3	26,0
2000	0,8	0,0	17,8	18,6
2001	8,0	2,9	13,3	24,2
2002	11,5	5,9	7,3	24,7
2003	5,8	4,3	3,8	14,9
2004	0,0	2,4	6,2	8,6
2005	0,0	0,0	2,6	2,6
2006	1,1	3,3	4,0	8,4
2007	0,0	0,0	3,5	3,5
2008	0,0	0,0	2,2	2,2
2009	0,0	0,0	2,5	2,5
2010	0,0	0,0	4,5	4,5
<i>Média geral</i>	3,0	2,0	7,0	12,0

Quadro 24: Porcentagem (%) de páginas relevantes de *Cult*
(do total de páginas)

Fonte: Elaborado pela autora

As páginas comuns são preponderantes em relação às chamadas de capa em 12 dos 14 anos da série histórica. Apenas em 2002 e 2003 as páginas com chamada principal de capa têm índices maiores em relação às páginas com chamada secundária e às comuns. As páginas com chamada principal sobre Poesia não estão presentes em seis dos 14 anos de cobertura da revista.

As páginas com chamadas secundárias em nenhum ano são preponderantes em relação às demais. Em seis anos as chamadas secundárias sobre Poesia também inexistem em *Cult*. No total, 12,0% das páginas de *Cult* tratam da temática da Poesia, sendo 3,0% de chamadas principais, 2,0% de chamadas secundárias e 7,0% de comuns.

A variação do total de páginas relevantes ao longo da série histórica é bem ampla. O ano de 1999 apresenta o maior índice – 26,0% de páginas sobre Poesia – e 2008, o menor índice – 2,2% de páginas.

Dentre as páginas sobre a temática da Poesia, ocorre a seguinte proporção entre aquelas que possuem chamada principal, chamadas secundária e comuns:

Proporção (%) entre as páginas sobre Poesia em <i>Cult</i>			
	Chamada principal	Chamada secundária	Comum
1997	20,0	20,0	60,0
1998	25,0	19,0	56,0
1999	33,0	16,0	51,0
2000	4,0	0,0	96,0
2001	33,0	12,0	55,0
2002	47,0	24,0	29,0
2003	42,0	31,0	27,0
2004	0,0	28,0	72,0
2005	0,0	0,0	100,0
2006	13,0	39,0	48,0
2007	0,0	0,0	100,0
2008	0,0	0,0	100,0
2009	0,0	0,0	100,0
2010	0,0	0,0	100,0
<i>Média geral</i>	25,2	16,9	57,9

Quadro 25: Proporção (%) entre as páginas sobre Poesia em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com os dados, as páginas comuns são preponderantes em relação às páginas com chamada principal e secundária em 12 dos 14 anos de análise. As páginas comuns não são preponderantes apenas em 2002 e em 2003, anos em que as páginas com chamadas principais se sobressaem. As páginas com chamadas secundárias, assim, não são preponderantes em relação às demais em nenhum dos anos.

Em cinco anos — 2005, 2007, 2008, 2009 e 2010 — as páginas comuns são a totalidade entre aquelas que tratam de Poesia, não existindo nenhuma chamada principal ou secundária de capa. Em 2000, não há nenhuma página com chamada secundária de capa. Em 2004, não existe nenhuma página com chamada principal.

Na média geral de todos os anos aparecem 25,2% de páginas com chamada principal de capa, 16,9% de páginas com chamada secundária de capa e 57,9% de páginas comuns.

A média mensal de ocorrências sobre Poesia em *Cult* com chamada principal de capa, chamada secundária e comum obedece à seguinte tabela:

Média mensal de ocorrências sobre Poesia em <i>Cult</i>
--

	Chamada principal	Chamada secundária	Comum
1997	0,2	0,2	2,0
1998	0,3	0,2	2,7
1999	0,5	0,4	3,7
2000	0,1	0,0	4,2
2001	0,3	0,4	3,1
2002	0,4	0,4	1,7
2003	0,3	0,3	1,6
2004	0,0	0,2	2,1
2005	0,0	0,0	1,5
2006	0,0	0,2	1,8
2007	0,0	0,0	1,4
2008	0,2	0,0	1,3
2009	0,0	0,0	1,5
2010	0,0	0,0	2,8
Média geral	0,2	0,2	2,2

Quadro 26: Média mensal de ocorrências sobre Poesia em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

A média mensal de ocorrências comuns é maior em todos os 14 anos da série histórica se comparada com a média de ocorrências com chamada principal e secundária. Quanto à média mensal de ocorrências com chamada principal de capa, mesmo o ano de 1999 (aquele com maior índice), possui média mensal de apenas 0,5 ocorrências. Os anos de 2004, 2005, 2006, 2007, 2009 e 2010 não possuem qualquer ocorrência com chamada de capa.

A média mensal de ocorrências com chamada secundária apresenta maior valor em 2001 e 2002 (média mensal de 0,4 ocorrências em cada). Os anos 2000, 2005, 2007, 2008, 2009 e 2010 tem índice zero para as chamadas secundárias de capa.

Ao considerarmos o mesmo dado para as ocorrências comuns, 2000 é o ano com maior média mensal de ocorrências (4,2), enquanto 2008 é o ano com menor índice (1,3).

A média de todos os anos é de 0,2 ocorrências mensais com chamada principal de capa, 0,2 ocorrências mensais com chamada secundária e 2,2 ocorrências mensais comuns. Ou seja, a temática da Poesia ainda é muito pouco recorrente nas capas de *Cult*.

A distribuição em assuntos das ocorrências com chamada de capa dá-se conforme a tabela:

Assuntos na capa de <i>Cult</i>		
Assunto	Ocorrências na capa	% (do total de 49 ocorrências na capa)
Lançamento	18	36,7
Evento	1	2,0
Efeméride/ Contexto do autor	26	53,1
Poema	1	2,0
Outro	3	6,1
Total	49	100,0

Quadro 27: Assuntos na capa de *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, o assunto Efeméride/ Contexto do autor tem 26 ocorrências (ou 53,1% do total), Lançamento tem 18 ocorrências (ou 36,7% do total), Outro tem três ocorrências (6,1%), Evento e Poema têm uma ocorrências (ou 2,0% do total cada), Ao todo, 49 ocorrências sobre a temática da Poesia ocupam as capas de *Cult* entre 1997 e 2010.

A distribuição das ocorrências com chamadas de capa em gêneros, por sua vez, acontece da seguinte maneira:

Gêneros na capa de <i>Cult</i>		
Gênero	Ocorrências na capa	% (do total de 49 ocorrências na capa)
Nota	0,0	0,0
Entrevista	16	32,7
Crítica	5	10,2
Matéria	27	55,1
Criação	1	2,0
Total	49	100,0

Quadro 28: Gêneros na capa de *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

São 27 Matérias nas capas do periódico (ou 55,1% das ocorrências relevantes na capa), 16 Entrevistas (ou 32,7%), cinco Críticas (ou 10,2%), uma Criação (ou 2,0%).

Para Vieira (2011), a revista *Cult* apresenta um padrão muito específico em suas capas. “Diferentemente da *Bravo!*, ela ousa muito pouco em termos de formato e também de temas” (Vieira, 2011, p.87). Conforme a autora:

As imagens escolhidas para ilustrar as edições são muito semelhantes e o projeto gráfico não traz à publicação um diferencial tão atrativo, como é o caso da *Bravo!*, que tem uma preocupação específica com as imagens veiculadas e é impressa em formato (tamanho) e papel diferenciado. Isso não significa dizer que a *Cult* trabalha as imagens e o projeto gráfico sem rigor, mas sim que a revista procura destacar-se pelo conteúdo, e não exatamente pelo visual. (VIEIRA, 2011, p.87)

A partir da edição 60 (setembro de 2002), período após a troca de editora, acibtece uma reformulação gráfica da revista. A capa adquire novo logotipo, e há uma preocupação em tornar a leitura mais agradável. No editorial desse numero, Daysi Bregantini afirma: “Desde que adquirimos o título, fizemos várias mudanças gráficas, com a intenção de apresentar uma revista de leitura mais fácil, além de bonita e moderna”.

Apesar dos protestos de alguns leitores (publicados na seção de cartas) que não aprovam o novo projeto gráfico, há um aumento no número de assinaturas e dos exemplares vendidos em bancas (comemorado na edição 66). No segundo semestre de 2003, a publicação finalmente atinge um equilíbrio editorial e consolida seu projeto gráfico, que passa por inúmeras tentativas frustradas desde a mudança da Lemos Editorial para a Editora Bregantini (TSUTSUI, 2006).

Mesmo com as reformulações gráficas, que são diversas ao longo de sua história, o enfoque e o maior apelo de *Cult* nunca estiveram em sua apresentação visual. A diagramação não chama a atenção como acontece em *Bravo!*.É, contudo, uma diagramação bem organizada e sem maiores comprometimentos. A apresentação visual é eficiente e com boa funcionalidade, mas simples do ponto de vista artístico ou criativo.

De modo geral, tanto o conteúdo editorial – que se dedica ora a uma cobertura acadêmica ora a uma cobertura voltada para o mercado e a agenda cultural - quanto a apresentação gráfica de *Cult* variam bastante ao longo da história da revista. Fica claro, porém, que o enfoque da publicação é o conteúdo editorial – mesmo que sofrendo alterações de enfoque e de caráter -, enquanto os aspectos gráfico-visuais ficam em segundo plano.

4.2 ESTRUTURA DE *Cult*

Destino esta seção à apresentação da estrutura interna de *Cult*. Apresento as seções e espaços que compõem a revista — que, ao contrário de *Bravo!*, não possui editoriais fixas. Trago também dados referentes à recorrência da temática da Poesia em cada um dos cinco gêneros. Assim, divido a seção em: 3.2.1) Nota, 3.2.2) Entrevista, 3.2.3) Crítica, 3.2.4) Matéria e 3.2.5) Criação. Analiso dois exemplos de ocorrências dentro de cada gênero.

É importante lembrar que tenho em vista a pergunta de pesquisa dessa dissertação: Qual a recorrência da temática da Poesia na revista *Cult*?

O periódico apresenta algumas seções fixas em todas as edições e outras, variáveis. Mesmo as seções fixas, ao longo dos anos, sofrem alterações ou mudam de nome. Tsutsui (2006, p.93) sintetiza a estrutura da revista. Segundo ela, o projeto inicial de *Cult* era composto por três seções principais: “Entrevista” (com intelectuais renomados de diversas áreas), seção de resenhas (de nome variável e voltada ao acompanhamento do mercado editorial) e “Dossiê” (conteúdo de maior consistência, que a cada mês aborda um assunto cultural com a colaboração de especialistas).

O “Dossiê” é uma das seções que permanece com o mesmo título até hoje, mantendo a proposta inicial — que confere ao veículo uma linha que mescla conteúdo acadêmico e atualidades. “Grande parte dos Dossiês foi resultado de pesquisa que professores desenvolveram. Sobretudo nesse espaço, encontraram-se contribuições de nomes expressivos da intelectualidade brasileira” (TSUTSUI, 2006, p.126).

Os textos publicados nos “Dossiês” são de diversas áreas do conhecimento, tais como Letras, Comunicação, Filosofia, História, Artes, Antropologia, Ciências Sociais, etc. Para Vieira (2011, p.134), a mediação ensaística é, certamente, a mediação predominante em *Cult*. Ela destaca como espaço para o ensaio as seções “Dossiê” e “Entrevista”.

Tanto que a seção mais importante da revista, aquela que obtém o maior destaque, seja nas capas, seja internamente, ocupando o maior número de páginas, é o “Dossiê”. Além de ser a maior seção da revista, o Dossiê também é o espaço mais caro em termos de produção editorial, uma vez que conta, em média, com cinco articulistas convidados por edição, que, segundo a editora Daysi Bregantini, são colaboradores pagos. (VIEIRA, 2011, p.134)

Os “Dossiês” são uma das principais seções do veículo, marcando uma nítida diferença em relação à *Bravo!*, que não possui um espaço semelhante destinado à publicação de ensaios e

artigos com mais densidade e espaço para uma articulação teórica. Em entrevista realizada em 2010 por Vieira (2011) com a editora e proprietária Daysi Bregantini, essa última afirma a respeito dos “Dossiês”:

As pautas são escolhidas considerando-se uma problemática contemporânea, revisitando as ideias de autores segundo suas aplicações no pensamento atual. A gente procura trazer para a revista aqueles pensamentos, aquelas ideias que ainda têm alguma importância atual. (BREGANTINI, 2010 citado por VIEIRA, 2011, p.70)

Nessa seção há a colaboração de escritores, jornalistas, professores e acadêmicos (prioritariamente de universidades públicas brasileiras, em sua maioria da Universidade de São Paulo). Dessa forma, a tentativa de *Cult* em divulgar cultura, conhecimento e pesquisas está enraizada nas práticas predominantes do universo acadêmico — resultado de trabalhos de pós-graduação, mestrado, doutorado. Ou seja, a revista dá espaço à forma tradicional de pesquisa e de produção de conhecimento, não se valendo de outras instituições e ambientes culturais para produção de seu conteúdo noticioso.

Mais do que isso, a cobertura nos “Dossiês” não divulga trabalhos desenvolvidos em diversas universidades do país, mas praticamente se restringe a uma universidade em especial — a USP. Tal fato explica-se em parte, como já apontei na história do veículo, pela vinculação de *Cult* em sua origem a professores e pesquisadores da entidade.

Pergunto-me, contudo, se as pesquisas e trabalhos desenvolvidos nessa instituição são representativos do que ocorre em todo país. Será que, por sua intenção de realizar uma cobertura nacional e atingir o público de todo o Brasil, não seria esperado que *Cult* se debruçasse sobre a produção científica de outros estados, de outras instituições de pesquisa (tanto da esfera acadêmica quanto não-acadêmica)?

Entre as seções do periódico, destaca-se ainda, pontua Tsutsui (2006, p.93): “Notas” (informações sobre eventos, lançamentos de livros e revistas, seminários, prêmios, concursos literários, etc); “Turismo literário” (ensaio sobre alguma cidade ou lugar relacionado com a vida ou a obra de algum escritor consagrado); “Na ponta da língua” (coluna do professor Pasquale Cipro Neto que discorria sobre questões da língua portuguesa); “Memória em revista” (coluna assinada por Cláudio Giordano, que fazia uma viagem ao passado, resgatando revistas, jornais, livros que marcaram época).

A partir da edição número 8, surge o espaço “Do leitor”, destinado a *e-mails* e cartas. Na edição número 9, o crítico literário João Alexandre Barbosa assina a coluna “Biblioteca imaginária”, espaço de análise de grandes obras literárias na forma de resenha ou ensaio.

Em comemoração ao aniversário de um ano do periódico, surge a seção “Criação”, destinada à publicação de poemas, contos e textos literários. Devido ao grande volume de textos enviados ao veículo, a solução editorial encontrada para o espaço “Criação”, afirma Tsutsui (2006, p.94), é desmembrá-lo em duas seções: “Gaveta de Guardados” e “Oficina Literária”.

Assim, o primeiro dedica-se à publicação de textos inéditos de autores já conhecidos, e o segundo, a textos de autores não conhecidos. Há nessa separação, portanto, uma nítida tentativa por parte de *Cult* em publicar tanto autores canônicos quanto não-canônicos, dando, para cada um deles, espaços e interpretações distintas.

Tendo em vista o objetivo geral dessa pesquisa, apresento abaixo dados referentes à distribuição das 397 ocorrências de *Cult* nos cinco gêneros:

Gêneros em <i>Cult</i>	
Gênero	Ocorrências
Nota	135
Entrevista	31
Crítica	44
Matéria	101
Criação	86
<i>Total</i>	397

Quadro 29: Gêneros em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, são 135 Notas em *Cult*, 101 Matérias, 86 Criações, 44 Críticas e 31 Entrevistas. Na sequência, apresento dados referentes à abordagem da temática da Poesia dentro de cada um desses gêneros. Como já expliquei no primeiro capítulo, tomo duas ocorrências dentro de cada gênero a título de exemplo de como se processa a cobertura de *Cult* - não cabendo, nesse estudo, uma análise detalhada de todas as ocorrências identificadas no período de análise (1997 a 2010).

4.2.1 Nota

A distribuição das 135 Notas presentes em *Cult* sobre a temática da Poesia ao longo dos anos dá-se da seguinte maneira:

Notas em <i>Cult</i>	
Ano	Ocorrências
1997	4
1998	15
1999	16
2000	10
2001	7
2002	1
2003	8
2004	11
2005	13
2006	12
2007	5
2008	5
2009	8
2010	20
Total	135

Quadro 30: Notas em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

O ano com maior incidência de Notas em *Cult* é 2010, com 20 ocorrências. O ano com menos Notas é 2002 (apenas uma). Em todos os demais anos da série há o registro de ocorrências desse gênero. São 135 Notas em toda a série histórica.

A distribuição das Notas por assuntos ocorre conforme o gráfico:

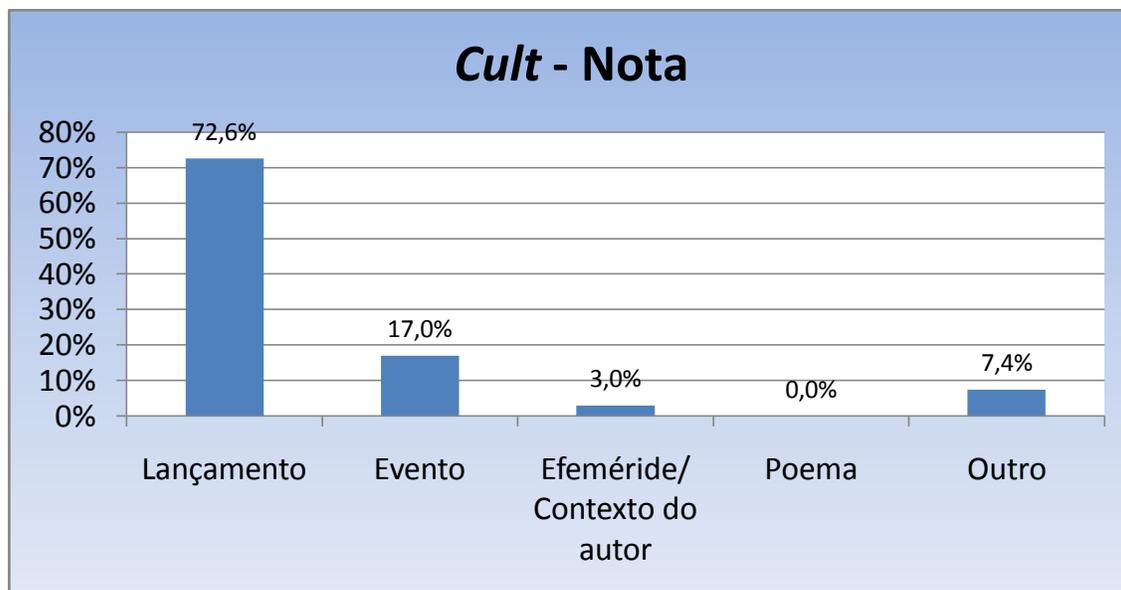


Gráfico 5: *Cult* - Nota
Fonte: Dados da pesquisa

Assim, Lançamento, com 72,6% das ocorrências, ocupa o primeiro lugar absoluto. Depois, estão as Notas sobre o tema Evento (17,0%), Outros (7,4%), Efeméride/ Contexto do autor (3,0%).

Seguindo os critérios já apresentados, eu traria como exemplo duas Notas de *Cult*, ambas do ano de 2010, uma sobre o tema Lançamento e a outra sobre Evento. Isso porque 2010 é o ano com maior incidência de Notas, e os assuntos mencionados são os predominantes dentro do gênero. Como em 2010 não constam Notas dentro do tema Evento, selecionei uma Nota de 1999 (segundo ano com mais incidência de ocorrências) ligada ao assunto Evento.

Desse modo, as duas Notas que analiso aqui são: “Flores das Flores do Mal de Baudelaire” (*Cult*, edição 147, 06/2010, p.26) e “Poetas na biblioteca” (*Cult*, edição 28, 11/1999, p.3), sendo a primeira sobre um Lançamento e a segunda sobre um Evento.

A primeira está inserida na seção “Lançamentos”. Outros três livros são apresentados na mesma página. Cada Nota ocupa a extensão de um parágrafo. Há a imagem da capa do livro e informações gerais sobre a obra em destaque (título, autor, tradução, editora e número de páginas. De acordo com o texto:

A seleção dos poemas de Charles Baudelaire (1821-1867) feita pelo nosso poeta modernista Guilherme de Almeida (1890-1969) em 1944 já estava nos sebos na seção de livros “raros e antigos”. Esta reedição é,

portanto, mais do que bem-vinda. A começar por dois detalhes que a acompanham: a inclusão da bela apresentação de Manuel Bandeira (publicada na edição de bolso de 1965) e a presença de algumas das ilustrações de Henri Matisse, realizadas para uma antologia francesa de 1947 do livro. (*Cult*, edição 147, 06/2010, p.26)

Conforme a segunda Nota, cujo assunto é Evento:

O poeta Frederico Barbosa é o convidado de novembro do projeto "Poetas na Biblioteca", do Memorial da América Latina. Autor de *Rarefato* (Iluminuras) e *Nada feito nada* (Perspectiva), Barbosa fará uma leitura de seus poemas e apresentará parte de sua produção inédita. O crítico José de Paula Ramos Jr. comenta a obra do poeta. A leitura acontece no dia 24 de novembro e tem entrada franca. Também no Memorial, a exposição "Os ALMANAQUES populares: da Europa às Américas" pode ser vista até o dia 13 deste mês. O Memorial fica na av. Auro Soares de Moura Andrade, 664, São Paulo. Informações pelos tels.: 11/3823-9831 ou 3823-9653. (*Cult*, edição 28, 11/1999, p.3)

Essa segunda Nota divulga dois eventos — uma leitura de poemas e uma exposição — que acontecem no mesmo local. Apesar do enfoque ser a leitura dos poemas, são citados os títulos das obras de Frederico Barbosa - o que indica ao público a possibilidade de apropriar-se dessa produção. Trata-se, em última instância, de um incentivo ao leitor interessado no tema para que adquira tais volumes.

Na comparação das duas Notas, surge uma aproximação entre os temas Lançamento e Evento, na medida em que o tratamento dado aos dois é muito semelhante. Ambas possuem no final o “serviço”, ou seja, dados gerais para que propiciam que o público possa comprar a obra ou participar do evento em questão.

4.2.2 Entrevista

Ao contrário do que ocorre em *Bravo!* (como já registrei em seção específica — apenas duas Entrevistas ao longo de toda a série histórica), em *Cult* as Entrevistas são bem mais recorrentes, como percebe Vieira (2011):

As entrevistas são uma das principais expressões da mediação ensaística, e embora não sejam tão comuns em *Bravo!*, aparecem em todas as edições de *Cult*. Elas são o espaço dado ao intelectual ou ao artista para que eles possam exercer o “pensamento em construção”, agregando mais elementos que vão ajudar o leitor a interpretar a obra em questão. (VIEIRA, 2011, p.134)

As 31 Entrevistas sobre a temática da Poesia identificadas em *Cult* são distribuídas da seguinte maneira:

Entrevistas em <i>Cult</i>	
Ano	Ocorrências
1997	1
1998	4
1999	6
2000	5
2001	6
2002	3
2003	1
2004	0
2005	0
2006	2
2007	1
2008	0
2009	1
2010	1
Total	31

Quadro 31: Entrevistas em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

A maior incidência de Entrevistas concentra-se em 1999 e 2001, anos que registram seis ocorrências cada. Em três anos de circulação da revista (2004, 2005 e 2008) não há nenhuma Entrevista sobre a temática da Poesia. Em outros cinco anos (1997, 2003, 2007, 2009 e 2010), existe apenas uma ocorrência do gênero.

Entre os assuntos das Entrevistas, temos a seguinte distribuição:

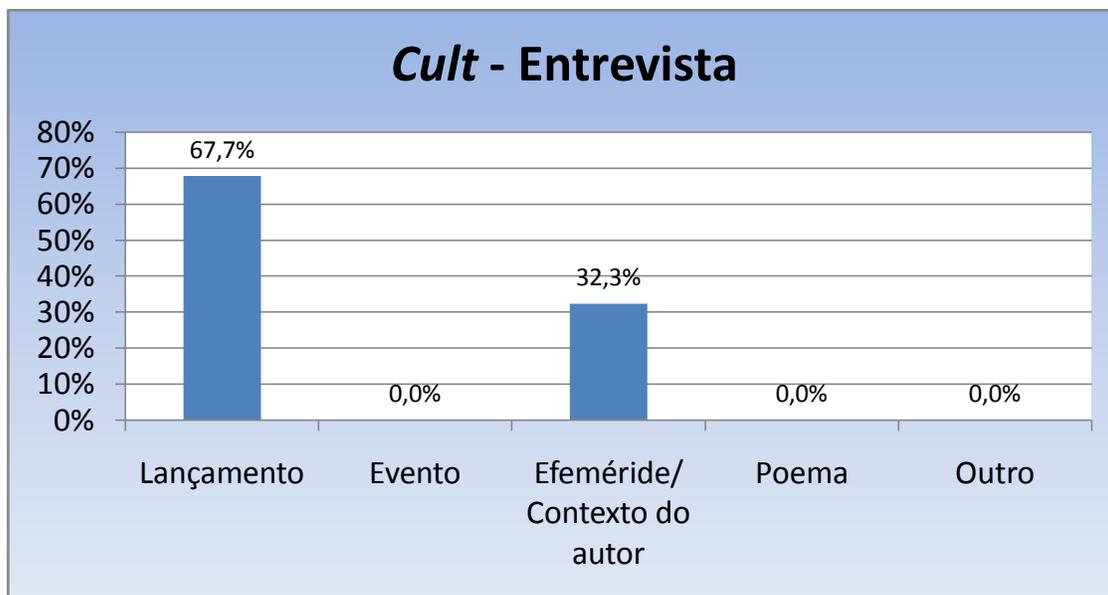


Gráfico 6: *Cult* - Entrevista

Fonte: Dados da pesquisa

Assim, 67,7% referem-se a Lançamento e 32,3%, a Efeméride/ Contexto do autor. Dessa forma, tomo como exemplo uma Entrevista de 1999, referente a Lançamento, e uma de 2001, referente a Efeméride/ Contexto do autor. São elas, respectivamente: “Entrevista/ Yves Bonnefoy” (*Cult*, edição 18, p.4 a 9) e “Entrevista/ Michel Deguy” (*Cult*, edição 52, 11/2001, p.4 a 9).

A primeira, que possui chamada secundária de capa (“Entrevista — o poeta francês Yves Bonnefoy”), aborda o lançamento de Obra Poética (traduzida e organizada por Mário Laranjeira). O poeta, nascido em Tours em 1923, formado em matemática e filosofia, é traduzido em mais de oito idiomas. Conforme o texto, “é autor das mais belas páginas da poesia francesa contemporânea”.

A reportagem, assinada por Mônica Cristina Corrêa, inicia com um texto de abertura, em que o escritor é apresentado, e depois segue a Entrevista na forma de pergunta e resposta. De acordo com a abertura:

No Brasil, entretanto, o poeta permanecia praticamente desconhecido até a publicação de toda a sua obra poética pela editora Iluminuras, uma edição organizada e traduzida por Mário Laranjeira. Bonnefoy é também ensaísta [escreveu sobre artes plásticas e literatura], professor universitário aposentado e tradutor. Verteu para o francês obras de Shakespeare, John Donne e Yeats e tem agora o prazer, conforme diz no

prefácio à edição preparada por Mário Laranjeira, de ver sua poesia em "língua brasileira". (*Cult*, edição 18, p.4 a 9)

O poeta responde perguntas sobre como surge seu interesse pela poesia e os primeiros contatos com o gênero, sobre características de sua produção e sobre o conceito de leitura, Segue abaixo trecho em que Bonnefoy fala sobre a impossibilidade de resumir o que a Poesia representa:

CULT Como o senhor vê a poesia?

Yves Bonnefoy Não posso resumi-la, mas a poesia é antes de tudo um modo de lutar contra a linguagem. A linguagem trinca a realidade, que é aquilo que substitui a representação mental. Pode-se fazer poesia por causa do sentido das palavras e entrar numa outra ordem de conceitos. A poesia não significa, ela mostra. (*Cult*, edição 18, p.4 a 9)

Apesar do mote para a publicação da Entrevista ser o Lançamento de *Obra Poética*, o tema não é focado diretamente nas perguntas feitas pela revista ao autor. Da mesma forma, em suas respostas não são tecidos comentários especificamente acerca de *Obra Poética*.

O texto concentra-se mais nas dificuldades e alternativas encontradas pelos tradutores de sua obra - que viabilizam seu acesso a leitores de diferentes idiomas. As páginas 8 e 9 recebem o título “Bonnefoy segundo seus tradutores”. Há depoimentos, com extensão de cerca de um parágrafo, dos tradutores de sua obra, narrando a experiência da tradução de sua Poesia, a complexidade do trabalho e os desafios encontrados. Segundo o tradutor brasileiro Mário Laranjeira:

O empreendimento de traduzir os poemas de Yves Bonnefoy é um dos maiores. Aceitei, entretanto, esse desafio, com humildade e modéstia por um lado, mas também ousadia por outro, pois só assim poderia produzir, no ato tradutório, algo que fosse em português um "texto" não idêntico — o que é impossível — mas homólogo ao do grande poeta. (*Cult*, edição 18, p.8)

A segunda Entrevista, realizada por Manuel da Costa Pinto, aborda a trajetória intelectual e biográfica de Michel Deguy. Possui chamada secundária de capa (“Entrevista – poesia, tradução e filosofia segundo Michel Deguy”). Apesar de não focar um lançamento específico, o texto de abertura antecipa o lançamento da tradução de sua obra no Brasil:

Nascido em Paris em 1930, editor da revista *Poésie* e autor de livros como *Fragments du cadastre*, *Poèmes de la presqu'île*, *Tombeau de Du Bellay* [todos pela editora Gallimard] e do recém-lançado *Le spleen de Paris* [Galilée], esse tradutor de Hölderlin, Heidegger e Paul Celan espera ainda pela primeira antologia de sua poesia no Brasil, que está sendo preparada pelos poetas Marcos Siscar [autor de *Não se diz e Tome seu café e saia*, da Sette Letras, e professor de literatura na Unesp] e Paula Glenadel [autora de *A vida espiralada*, da editora Caetés, e professora de língua e literatura francesa na UFF]. (*Cult*, edição 52, 11/2001, p.5)

Antes da Entrevista na forma de perguntas e respostas ocorre a apresentação do poeta. Nesse momento há também a introdução de quem serão seus tradutores para o português. O texto, assim, apesar de não focar-se no lançamento de uma obra específica já indica a futura publicação da produção de Deguy em português.

Na sequência, inicia a Entrevista propriamente dita, sendo que a primeira pergunta versa sobre o posicionamento de sua Poesia na produção francesa contemporânea:

Cult - Como o sr. posiciona sua obra no panorama da poesia francesa contemporânea?

Michel Deguy – (...) Há hoje uma tendência de a poesia se tornar um objeto (um objeto espacial ou um objeto sonoro) ou um jogo com as palavras que abandona aquilo que chamamos de frase (poemas estilhaçados, com significantes sobre a página ou, eventualmente, sobre outro tipo de espaço, como uma parede). Sob esse ponto de vista, minha poesia, na medida em que conserva a frase, é uma poesia conservadora, tradicional, não é "de vanguarda". Hoje, o poema muitas vezes escapa da representação, da imagem, da metáfora, da frase, em direção a um outro destino. Não nego que haja espaço para isso, mas essa não é a minha via. Eu continuo a buscar um dizer. (*Cult*, edição 52, 11/2001, p.6)

Desse modo, o autor discorre sobre o sentido e o “lugar” que sua produção ocupa na literatura francesa da atualidade. São formuladas depois perguntas sobre sua trajetória enquanto escritor, sobre as influências que recebe de outros poetas, filósofos e ensaístas, bem como sobre sua experiência como tradutor e sobre sua visão acerca da possibilidade ou não de tradução de poesia:

Cult Paralelamente à poesia, o sr. tem um importante trabalho como tradutor. Como o sr. avalia a idéia corrente de que a poesia, em última análise, é intraduzível?

M. D. – (...) Cada língua forma um meio relativamente independente e relativamente finito dentro de sua infinitude, o que quer dizer que o mundo

inteiro se passa na tonalidade de uma língua: se eu não falo uma língua, eu não compreendo sua versão do mundo. Mas, por outro lado, tudo é traduzível. Tudo está por ser traduzido, não cessamos de traduzir, nada pode ter lugar senão pelo esforço da tradução. (...) O importante é que cada língua se torne capaz de fazer chegar até si a literatura das outras línguas. Então eu diria que, em primeiro lugar, um poema é intraduzível e, em segundo lugar, que tudo está por ser traduzido. Esse é o paradoxo. (*Cult*, edição 52, 11/2001, p.8-9)

Então, as duas Entrevistas em questão trazem o tema da tradução de Poesia como um dos principais enfoques de sua pauta. Na primeira, há o depoimento de diversos tradutores de Bonnefoy. Nessa ocorrência, a temática da tradução de Poesia sobrepõe-se ao tema específico do Lançamento de seu livro. Na segunda Entrevista, o próprio Michel Deguy aborda a temática sobre sua perspectiva e opiniões, na medida em que, além de poeta, é também tradutor.

Há, nesse caso, outras discussões relativas à literatura e ao posicionamento da Poesia na atualidade, sendo a discussão sobre tradução do gênero parte desse contexto mais amplo, mas não seu enfoque principal. De uma forma ou de outra, as duas Entrevistas parecem relacionar-se pela discussão da temática da (im)possibilidade de tradução da Poesia.

4.2.3 Crítica

A distribuição das ocorrências do gênero Crítica sobre a temática da Poesia ao longo da série histórica ocorre conforme a seguinte tabela:

Críticas em <i>Cult</i>	
Ano	Ocorrências
1997	0
1998	2
1999	7
2000	10
2001	15
2002	6
2003	2
2004	1
2005	0
2006	0
2007	1
2008	0
2009	0
2010	0
Total	44

Quadro 32: Críticas em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

O ano que registra maior incidência do gênero é 2001, com 15 ocorrências. Em seis anos do periódico (1997, 2005, 2006, 2008, 2009 e 2010) não existe nenhuma Crítica sobre Poesia. De 1997 a 2001 há um aumento no número de Críticas. A partir de 2002, esse índice cai, mantendo-se zerado entre 2005 e 2010 (com exceção de 2007, em que há uma ocorrência).

Das 44 ocorrências do gênero Crítica identificadas na série histórica, a distribuição por assuntos é a seguinte:

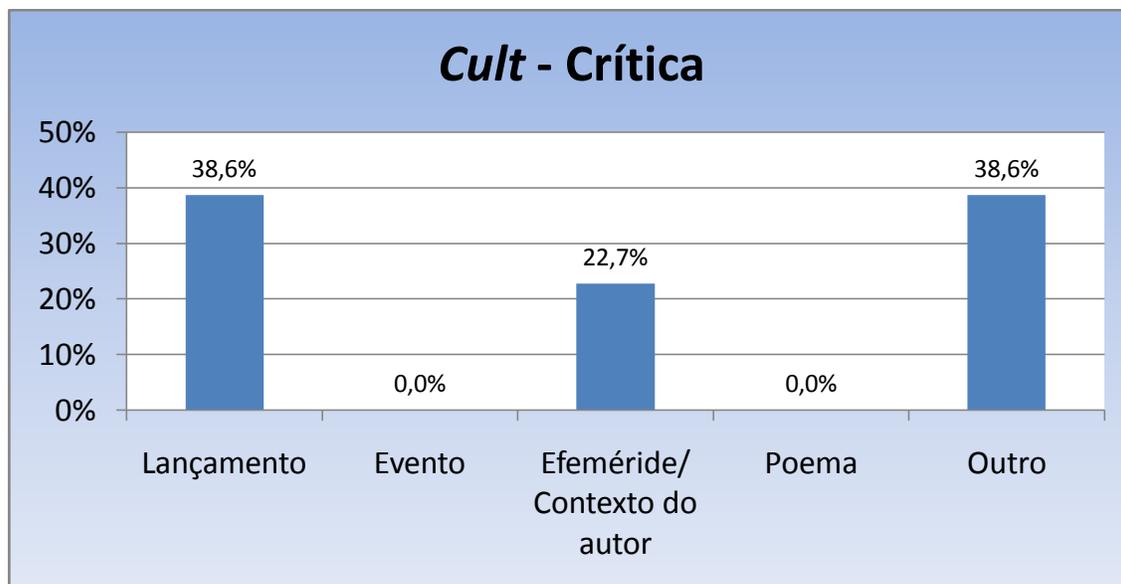


Gráfico 7: *Cult* - Crítica
Fonte: Dados da pesquisa

Assim, 38,6% referem-se a Lançamento, 38,6% a Outro e 22,7% a Efeméride/ Contexto do autor. Serão tomadas como exemplo, portanto, duas ocorrências de 2001, sobre Lançamento e Outro. São elas, respectivamente: “Oxigênio Urbano” (*Cult*, edição 47, 06/2001, p.36 e 37) e “Encruzilhada e Fronteiras da Gauchesca” (*Cult*, edição 47, 06/2001, p. 42 e 43).

Para Vieira (2011), o espaço para a Crítica é reduzido tanto em *Bravo!* como em *Cult*. “Poucas páginas são dedicadas ao gênero, e as obras são apresentadas mais em resenhas, com alguns elementos de opinião, mas sem a profundidade e a análise contextual que Antonio Candido (2002) propunha” (VIEIRA, 2011, p.129).

O veículo traz vários textos classificados como “Resenha”, normalmente voltados para a análise de livros — literários ou acadêmicos. “Os textos também são curtos, mas apresentam mais elementos de crítica, como referenciação teórica e breve análise contextual, do que os de *Bravo!*, embora a mediação crítica não seja exatamente a predominante na cobertura de *Cult*” (VIEIRA, 2011, p. 140).

A primeira das ocorrências tomadas aqui como exemplo está inserida na seção “Radar da Poesia” e constitui-se de um texto do poeta e crítico Fabiano Calixto a respeito do lançamento de *O ar das cidades*, de Sérgio Alcides. Conforme o artigo, observa-se na obra de Alcides “a ironia de um poeta urbano, da grande cidade que engole, a todo momento, o sujeito e o cospe repetidas vezes sobre o mesmo espasmo diário de onde não se escapa”.

O livro em questão, aponta Fabiano Calixto, divide-se em três seções: "Suíte", "O ar das cidades" e "Apartamentos". "Cada uma revela uma espécie de impossibilidade, o "eu" enclausurado dentro de sua taverna sensitiva, de seu mundo de imagens e perspectivas múltiplas" (*CULT*, EDIÇÃO 47, 06/2001, P.36). O crítico traz passagens do livro nas quais se percebe que o tema da memória perpassa diversos poemas.

A memória — de um poeta jovem e inquieto — compõe, como já foi observado acima, o tecido nervoso do livro. Podemos ler a tecelagem memorial em poemas como "Recordação", "Lembrança", "Volta ao coração"; e em versos como *Em dia de recordação/ também tem espetáculo*, do poema "Maquinaria"; *Atenção: é só uma lembrança*, de "Frasqueira"; *Com a mão esquerda/ para lembrar melhor*, de "Texto"; todos da primeira parte do livro. Na seção "Apartamentos", notamos, em "Rodoviário" (*Esqueço o nome que me recorda/ no coração ilegível*) e em dois belos versos de "Desaceleração" (*Recordar é só lembrar/ que existe o coração*), a mesma explícita memória que implicitamente está em outros poemas do livro. (*CULT*, EDIÇÃO 47, 06/2001, P.36)

São comentados ainda outros poemas que compõe o livro: "Valsa de uma cidade", "As minhas costas" e "Televisão à janela: parapeitos". Fabiano Calixto conclui o texto afirmando: "Sérgio Alcides mostra-se um poeta consciente de seu espaço e de sua escrita e este ar das cidades é uma pequena preciosidade, uma bomba de oxigênio como antídoto à tão asmática maioria de livros (e poetas) que se lê por aí" (*CULT*, EDIÇÃO 47, 06/2001, P.37).

Acompanhando o texto, está a imagem da capa do livro com um box abaixo contendo o "serviço", ou seja, informações sobre o produto que possibilitem sua aquisição pelo leitor interessado — nome da obra, autor, editora, telefone da editora, número de páginas e valor da obra.

Na segunda Crítica ("Encruzilhada e Fronteiras da Gauchesca", edição 47, 06/2001, p. 42 e 43), assinada por Pablo Rocca, o parágrafo em destaque resume o conteúdo do texto:

No terceiro ensaio da série que a *CULT* publica a partir de conferências apresentadas no I Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina), ciclo promovido pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, de Porto Alegre, o crítico literário uruguaio Pablo Rocca reflete sobre a poesia gauchesca, que, fragilizando as fronteiras nacionais, conseguiu estabelecer pontes entre os três países que se encontram nos pampas. (*Cult*, edição 47, 06/2001, p. 43)

Conforme a ocorrência, na poesia gauchesca — presente no Brasil, Argentina e Uruguai —, a presença das línguas (português e castelhano) é um fator que, ao mesmo tempo, une e separa os territórios através da literatura.

A língua da gauchesca separa e une, em segundo lugar, se consideramos que, nascida e criada com esmero no Uruguai e na Argentina, introduziu-se e multiplicou-se, mais do que no Rio da Prata, no Rio Grande do Sul, desde fins do século XIX até começos desta centúria que agonizou. O problema se complica com a presença, num mesmo universo, dessas duas línguas (o castelhano, o português) que, além da origem comum, estruturam-se com códigos e formas próprias. (*Cult*, edição 47, 06/2001, p. 42)

Para o crítico, a gauchesca consegue transcender os limites nacionais e linguísticos de fronteiras entre Brasil, Argentina e Uruguai — três países distintos e dois idiomas —, mostrando que até essas fronteiras, aparentemente mais tradicionais e difíceis de serem transpostas, têm uma constituição arbitrária e artificial. “A gauchesca transformou a dura fronteira em um espaço frágil, conseguiu estabelecer pontes e mover novas barreiras contra a vontade do discurso do poder estatal” (*Cult*, edição 47, 06/2001, p. 42).

Desse modo, o ensaio segue discutindo a relação entre poesia gauchesca e o seu pertencimento comum aos três países. Conforme Manoelito de Ornellas, citado na ocorrência, existe uma interpenetração social facilitada pelo Pampa, como território comum a três países. A publicação indica ainda a mudança de acepção do termo “gaúcho” em seu sentido primitivo (negativo e equiparado a “ladrão”) para a concepção de “tipo humano regional ou inclusive nacional, no interior da Argentina e do Uruguai e na ‘personalidade’ do Rio Grande do Sul” (*Cult*, edição 47, 06/2001, p. 42).

Pablo Rocca comenta, assim, a poesia gauchesca de forma geral, sem focar-se em um livro ou lançamento específico, como acontece com a ocorrência anterior (que trata da obra de Sérgio Alcides). Apesar de serem citados autores que constituem a gauchesca, não há, nessa Crítica, a preocupação com a venda ou a comercialização de um determinado livro ou produto.

Isso não significa, porém, que o agendamento e a divulgação de um evento não estejam presentes na ocorrência. Conforme já citado, esse texto é produzido “a partir de conferências apresentadas no I Encontro Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai- Argentina), ciclo promovido pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, de Porto Alegre”; Desse modo,

não há a preocupação direta com a venda de um título de livro, mas segue a divulgação de um evento ou acontecimento cultural.

4.2.4 Matéria

A distribuição anual das Matérias sobre a temática da Poesia em *Cult* ocorre conforme a tabela:

Matérias em <i>Cult</i>	
Ano	Ocorrências
1997	7
1998	12
1999	14
2000	11
2001	9
2002	9
2003	11
2004	9
2005	1
2006	6
2007	2
2008	2
2009	3
2010	5
Total	101

Quadro 33: Matérias em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

A maior concentração de Matérias está em 1999, ano em que constam 14 ocorrências. Em todos os anos analisados verifico a recorrência de Matérias, sendo que 2005 é o ano com menor índice (apenas uma Matéria).

Do total de 101 Matérias identificadas em *Cult* na série histórica, um total de 44,6% refere-se a Lançamento, 33,7% a Efeméride/ Contexto do autor, 11,9% a Outro e 9,9% a Evento, conforme o gráfico:

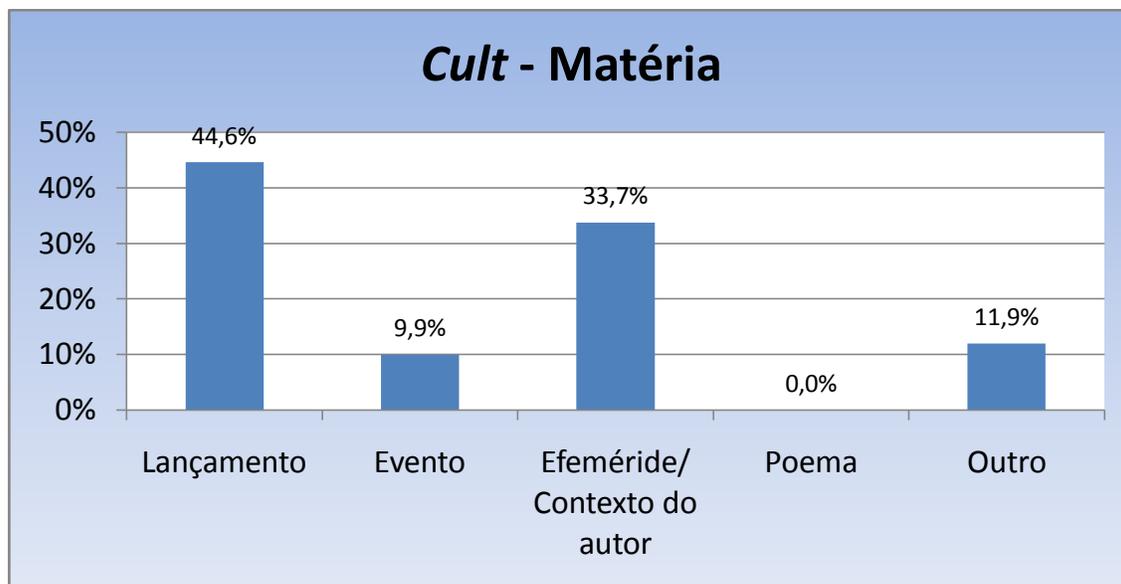


Gráfico 8: *Cult* - Matéria

Fonte: Dados da pesquisa

Tomo como exemplos duas Matérias de 1999, uma sobre Lançamento e outra sobre Efeméride/ Contexto do autor. São elas, respectivamente: “Do mecenato à criação poética” (*Cult*, edição 29, 12/1999, p.10 a 13) e “Carlos Drummond de Andrade” (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.59 a 71).

A primeira Matéria, assinada por Fábio Lucas, trata do Lançamento da obra *Mecenato pombalino e poesia neoclássica* (Ivan Teixeira). Na primeira página, há um box com informações gerais do livro em destaque — título, autor, editora, número de páginas e preço.

Na linha de apoio, no topo da segunda página, consta que o volume “analisa a contaminação retórica da política do Marquês de Pombal na produção literária e artística no Brasil do século XVIII, enfocando a produção poética do árcade Basílio da Gama” (*Cult*, edição 29, 12/1999, p.11).

No primeiro parágrafo observo a leitura “positiva” do livro. “Muitos louvores são devidos a Ivan Teixeira pela publicação de *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. Como subtítulo: ‘Basílio da Gama e a poética do encômio’. O primeiro elogio cabe ao projeto gráfico, maravilhoso” (*Cult*, edição 29, 12/1999, p.11). Mais adiante, a Matéria adquire um teor analítico maior, com a referência de outros autores e sua relação com a obra de Ivan Teixeira.

O foco do trabalho de Ivan Teixeira incide sobre a obra de Basílio da Gama, de tal sorte que o gigantesco levantamento de fatores contextuais

vai chocar-se de frente com outro estudo de igual volume, o de Vania Pinheiro Chaves, "*O Uruguay" e a fundação da literatura brasileira* (Unicamp). E, em alguns pontos, com o tratamento dado por Antonio Candido com a "formação" da literatura brasileira. (*Cult*, edição 29, 12/1999, p.11)

Segundo a ocorrência, Ivan Teixeira sustenta a seguinte tese central: O Uruguay não passa de um encômio alegórico, um “discurso pombalino”, ou “versão católica do despotismo esclarecido, espécie de metonímia portuguesa da Ilustração europeia”. Mais para o final do texto, ele afirma que quanto mais discussões se estabelecem sobre a obra, “mais rica e complexa” ela se apresenta. De acordo com Fábio Lucas:

Põe em segundo plano vários trabalhos que se vêm publicando acerca dos primórdios de nossa literatura, estéreis, rebarbativos, desprovidos de pesquisa e de força interpretativa. Se longe fomos na apreciação do estudo do valoroso mestre, mais se deve à estima pelo trabalho do que por censura ou condenação. Aí ficam os louvores, com o tempero da crítica. (*Cult*, edição 29, 12/1999, p.13)

Desse modo, o encerramento do texto vai ao encontro do tom elogioso já anunciado. Trata-se, ainda assim, de uma Matéria bem embasada e estruturada, que contém diversas referências a outros estudos e citações a trechos do próprio *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*, o que demonstra a leitura detida e a pesquisa apurada por parte de seu autor.

Estou, portanto, diante de uma Matéria que reflete um caráter autoral e crítico. É apresentando o Lançamento em questão, mas ao mesmo tempo há espaço para a opinião e comentário apreciativos de Fábio Lucas.

A segunda ocorrência (“Carlos Drummond de Andrade”, edição 26, 09/1999, p.59 a 71) está inserida na seção “Dossiê” e possui chamada principal de capa, em que temos: “Um decálogo para Drummond — Dossiê: dez poetas falam da presença central de Drummond na poesia brasileira”. A Matéria faz um apanhado geral da vida e obra do autor (1902-1987).

Desde *Alguma Poesia* (1930) até o póstumo *Farewell* (1996), quando sua obra faz “clic” de estojo quando fecha, Drummond foi se tornando uma referência para muitos escritores. Ainda moço, “muito calado, óculos redondos, aros de tartaruga, olhos muito claros, pele muito branca”, como o descreve Pedro Nava, Drummond já era escritor reconhecido em Belo Horizonte, entre seus pares de boêmia e literatura. “Inteligentíssimo e sensívelíssimo”, como notou Mário de Andrade, em 1930, Carlos

Drummond de Andrade era um dos principais articuladores do Modernismo em Minas. (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.60)

Conforme o texto, o poeta participa não só dos debates em torno da literatura, mas também da vida política de sua época através de entrevistas e, principalmente, de poemas, como os de *Rosa do Povo* e tantos outros. “Sua poética acabou, assim, por marcar profundamente a vida cultural brasileira até hoje” (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.60). São tecidos comentários acerca de muitas de suas publicações, sempre contextualizando-as no período histórico e panorama literário da época.

Com a famosa geração de 45. Drummond era o alvo predileto de Lêdo Ivo e tantos outros (muitos que, depois, tornaram-se amigos de CDA). O coloquialismo, os temas do cotidiano, nada disso agradava ao estilo purista que surgia, pregando a volta do soneto e dos temas ditos elevados. Drummond sentiu os ataques, mas respondeu com *Claro enigma*, um livro tão desconcertante que os jovens de 45 tiveram de mudar rapidinho de discurso. (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.61)

A qualidade do poeta é reiterada diversas vezes ao longo da ocorrência. “Polêmicas à parte, o fato é que Drummond continuou e continua sendo uma referência de base para qualquer poeta brasileiro” (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.61). A Matéria traz como exemplo o pernambucano João Cabral de Melo Neto. “O primeiro livro de poemas de João Cabral, *Pedra do Sono*, é dedicado, entre outros, a Drummond. O próprio título flagra a ligação estreita” (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.61). Mais adiante, a ocorrência afirma que a produção do autor tem caráter pessoal e social ao mesmo tempo:

Com angústia ou não, a influência de Drummond perpassa a poesia brasileira contemporânea. Não era para menos. Sua poesia foi pessoal e social ao mesmo tempo, questionou a palavra e se interrogou e até hoje impõe uma série de reflexões para quem se arrisca nessa arte. É impossível não ler ou praticar Drummond, uma força poética que nos obriga a uma incessante (e prazerosa) releitura. (*Cult*, edição 26, 09/1999, p.62)

Há também o testemunho de outros dez escritores e críticos que discorrem sobre sua obra, sendo muitos deles colaboradores constantes da revista. “Mais que qualquer outro poeta, ele é uma referência em mais de uma geração, como se pode notar pelos depoimentos presentes neste número da *Cult*” (edição 26, 09/1999, p.60).

São trazidos, assim, os depoimentos dos seguintes autores: Ferreira Gullar, Carlito Azevedo, Francisco Alvim, Cláudia Roquette-Pinto, Júlio Castañon Guimarães, Régis Bonvicino, Fabio Weintraub, Donizete Galvão, Nelson Ascher e Frederico Barbosa.

Cada um deles enfoca um aspecto diferente da obra de Carlos Drummond de Andrade — seja de forma mais ampla, falando sobre sua importância de literária, sobre o contexto histórico em que se situa, seja de forma mais particular, sobre um livro, poema ou aspecto relevante de sua produção.

Desse modo, existe um tom geral de crítica “positiva” e de elogio à produção do poeta. Mesmo havendo o depoimento de dez críticos que comentam a poesia drummondiana, a revista segue essa linha de enaltecimento do escritor, sem contestá-lo ou colocá-lo em debate. De qualquer forma, cumpre com sua proposta de apresentar o autor, seu contexto e diversas leituras a seu respeito.

Para Tsutsui (2006, p.120) “o fato de não haver possibilidade de comentar tudo que é publicado faz com que cada vez mais os veículos da área cultural se tornem um espaço apenas para a crítica positiva”. Nesse sentido, ela exime o veículo da responsabilidade de não exercer críticas “negativas” ou contestadoras em relação ao tema ou obra em pauta.

Mas seria esse o papel de uma publicação cultural? Até que ponto uma cobertura calcada apenas em elogios e enaltecimentos é produtiva? Será que esse tipo de construção e abordagem contribui para desenvolver o senso crítico e analítico entre os leitores?

Tais indagações não possuem uma única resposta válida ou correta. Contudo, ao verificar tal tendência à crítica “positiva” tanto *Bravo!* como *Cult*, acredito que cabe uma reflexão crítica sobre o cenário cultural, sem a necessidade de se entrar no jogo de elogios constantes promovido pelas publicações.

Assim como observei na Matéria anterior (sobre o Lançamento do livro de Ivan Teixeira), essa segunda também traz diversas referências, citações e relações com outros autores e críticos. Não enfocando nenhum lançamento específico, mas a vida e obra de Carlos Drummond de Andrade como um todo, o texto contém citações diversas da obra do próprio poeta.

4.2.5 Criação

Tsutsui (2006) destaca a importância de *Cult* ao estimular a produção literária, abrindo espaço para a publicação de autores inéditos.

Inicialmente uma publicação sobre crítica de literatura e livros, *Cult* foi progressivamente abrindo espaço para a publicação de textos inéditos de prosa e poesia, passando a promover concursos literários com o objetivo de estimular a produção literária nacional e culminou com um ato de incentivo efetivo: a edição das obras que ajudou a descobrir e selecionar. (TSUTSUI, 2006, p.101)

Há, na visão de Tsutsui (2006), a construção de um ciclo literário de divulgação de autores e constituição de leitores. “Nos seus primeiros anos de vida o periódico legitimou-se no mercado e construiu uma identidade própria, a princípio como espaço de reflexão e depois como um espaço de exercício criativo, de produção cultural” (TSUTSUI, 2006, p.101).

A distribuição anual das ocorrências dentro do gênero Criação acontece em *Cult* de acordo com a seguinte tabela:

Criação em <i>Cult</i>	
Ano	Ocorrências
1997	0
1998	4
1999	12
2000	15
2001	9
2002	6
2003	4
2004	6
2005	3
2006	6
2007	5
2008	7
2009	4
2010	5
Total	86

Quadro 34: Criação em *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

O ano com mais ocorrências do gênero Criação é 2000, com 15. Nos demais anos, o único que não apresenta nenhuma Criação é 1997 — primeiro ano de circulação do periódico. Depois, 2005 é o ano que possui menos ocorrências relevantes: três no ano. Entre 1997 e 2010 são 86 ocorrências do gênero Criação.

Como já expliquei anteriormente, 100% das Criações referem-se ao assunto Poema. Desse modo, tomo como exemplo duas ocorrências do gênero em questão pertencentes ao ano 2000. São ambas da edição 35 da revista, de junho de 2000, uma da seção “Gaveta de guardados” e outra da seção “Criação” - respectivamente: “Polivox” (p.13 a 15) e “Canto da Sereia e outros poemas” (p.17 a 19).

A primeira ocorrência traz quatro poemas do livro inédito *Polivox*, de Rodrigo Garcia Lopes, autor dos livros de poesia *Solarium* (1994) e *Visibilia* (1997). Em uma breve apresentação do autor, antes dos poemas, a revista pontua algumas informações sobre o currículo do autor:

Tradutor de *Sylvia Plath: Poemas* (editora Iluminuras, 1991) e *Iluminuras: Gravuras coloridas* (tradução das *Illuminations: Painted plates*, de Rimbaud; editora Iluminuras, 1994), Rodrigo Garcia Lopes nasceu em Londrina em 1965, faz doutorado em literatura inglesa na Universidade Federal de Santa Catarina sobre a poesia da norte-americana Laura Riding e trabalha como jornalista, tendo publicado o livro de entrevistas *Vozes & visões: Panorama da arte e culturas norte-americanas hoje* (Iluminuras, 1996). (*Cult*, edição 35, 06/2000, p.13)

Os poemas de Garcia Lopes, publicados na sequência são: “Thoth”, “Millenium”, “Steintâneos” e “Escrito num hotel”. Segue abaixo trecho do poema “Millenium”:

"Súbita
consciência numa
fresta de céu, esquina de azul púrpuro arrepio
língua lambendo o tempo
lento espaço sem mensagens
em meio
ao mais moderno dos sentimentos:"
horror ao vazio (*Cult*, edição 35, 06/2000, p.14)

A segunda ocorrência contém poemas de Priscila Figueiredo, dentro da seção “Criação” — espaço, conforme a revista, “destinado a poemas, contos e textos literários inéditos”. São publicados os seguintes poemas: “As anãs são sempre pobres”, “Idiossincrasia”, “Glosa de uma estrofe de Heinrich Heine”, “Amor impossível”, “Luta de classes I”, “Canto da Sereia”, “Sobre o conto ‘A quinta história’, de Clarice Lispector” e “Retrato de Família”. Abaixo trecho do poema “Luta de Classes I”:

"Jandira insiste com a creolina
que a tudo corrói, limpa e higieniza
Jandira, até minhas tripas?
depois pego Jandira na despensa
devorando mexericas quase podres
arrastando no chão sujo a bunda e o avental"
praticamente novo. (*Cult*, edição 35, 06/2000, p. 19)

Alguns dados sobre a biografia da autora são publicados como nota de rodapé, após os poemas:

Priscila Figueiredo nasceu em 1973 em São Paulo, é formada em língua e literatura alemã na USP, onde faz mestrado em literatura brasileira sobre o livro *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade; integra o grupo Cálamo (núcleo de criação poética da Casa Mário de Andrade) e é professora-assistente do programa *Nossa Língua Portuguesa*, da TV Cultura. (*Cult*, edição 35, 06/2000, p.19)

Na comparação com os poemas da primeira ocorrência (de Rodrigo Garcia Lopes), esses últimos (de Priscila Figueiredo) tratam de temas mais ligados ao cotidiano. Eles contêm detalhes da realidade palpável e do mundo material. Há alguns versos de ironia, humor e até deboche. Os poemas de Garcia Lopes, por sua vez, abordam temas mais subjetivos, ligados a sentimentos e reflexões filosóficas do eu lírico.

Posto isso, trago também dados que permitem o entendimento do espaço ocupado por cada gênero anualmente em *Cult*. Essa proporção segue à seguinte tabela:

Proporção (%) de gêneros entre as ocorrências sobre Poesia de <i>Cult</i>					
Ano	Nota	Entrevista	Crítica	Matéria	Criação
1997	33,3	8,3	0,0	58,3	0,0
1998	40,5	10,8	5,4	32,4	10,8
1999	29,1	10,9	12,7	25,5	21,8
2000	19,6	9,8	19,6	21,6	29,4
2001	15,2	13,0	32,6	19,6	19,6
2002	4,0	12,0	24,0	36,0	24,0
2003	30,8	3,8	7,7	42,3	15,4
2004	40,7	0,0	3,7	33,3	22,2
2005	76,5	0,0	0,0	5,9	17,6
2006	46,2	7,7	0,0	23,1	23,1
2007	35,7	7,1	7,1	14,3	35,7
2008	35,7	0,0	0,0	14,3	50,0
2009	50,0	6,3	0,0	18,8	25,0
2010	64,5	3,2	0,0	16,1	16,1
Média geral	37,3	6,6	8,1	25,8	22,2

Quadro 35: Proporção (%) de gêneros entre as ocorrências sobre Poesia de *Cult*

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, nos anos de 1997 e 2003, Matéria aparece em primeiro lugar e Nota em segundo. Nos anos de 1998, 1999, 2004, 2006, 2007 e 2010 surge a situação inversa: Nota em primeiro e Matéria em segundo.

Em 2000, Outro ocupa primeiro lugar entre as ocorrências, seguido de Matéria em segundo. Em 2001, Crítica consta em primeiro e Outro em segundo. Em 2002, Matéria está em primeiro e Crítica e Outro empatam em segundo.

Tanto em 2005 quanto em 2009 Nota aparece em primeiro e Outro em segundo. Em 2008, Outro em primeiro e Nota em segundo. Na média geral ao longo dos anos a proporção é a seguinte: Nota (37,3%), Matéria (25,8%), Outro (22,2%), Crítica (8,1%) e Entrevista (6,6%).

Cabe observar que, entre os assuntos possíveis (Lançamento, Evento, Efeméride/ Contexto do autor, Poema e Outro), os quatro primeiros relacionam-se à agenda cultural - de lançamentos de livros e de eventos ou de temas relacionados à datas comemorativas (também exploradas comercialmente).

Os resultados apresentados nessa seção apontam que nos gêneros Nota, Entrevista e Matéria o tema Lançamento é preponderante. No gênero Crítica, os itens Lançamento e Outro estão empatados em primeiro lugar.

No gênero Criação, 100% das ocorrências relacionam-se a Poema (embora tenhamos ciência de que o assunto Lançamento está relacionado a esse tópico). O assunto Outro é o único em que não é possível afirmar, sem uma análise específica de cada ocorrência, que se relaciona a lançamentos e à agenda cultural.

O assunto Evento aparece em segundo lugar entre as Notas. Já Efeméride/ Contexto do autor ocupa segundo lugar nos gêneros Entrevista e Matéria e terceiro em Crítica. Desse modo, comprova-se que os assuntos relacionados à agenda e à indústria cultural são predominantes na cobertura da revista *Cult*.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DA RECORRÊNCIA DA TEMÁTICA DA POESIA EM *Bravo!* e *Cult*

Nesse capítulo, apresento dados comparativos quanto à recorrência da temática da Poesia nas duas publicações a partir dos resultados já apresentados anteriormente em capítulo individual sobre cada revista. Trago, nesse momento, gráficos e tabelas que unem informações já trazidas especificamente sobre cada veículo.

É o momento de colocá-las em confronto e analisá-las, não mais dentro da perspectiva individual de cada revista, mas sobre a ótica de comparação entre os resultados referentes à *Bravo!* e à *Cult*.

Cabe reforçar, mais uma vez, que essa dissertação busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: “Qual a recorrência da temática da Poesia nas revistas *Bravo!* e *Cult*?”.

Divido esse capítulo em quatro seções: 4.1) Quanto à natureza e proposta editorial, 4.2) Quanto às ocorrências e às páginas relevantes, 4.3) Quanto aos assuntos e 4.4) Quanto aos gêneros.

5.1 QUANTO À NATUREZA E À PROPOSTA EDITORIAL

Em termos de conteúdo, embora *Bravo!* e *Cult* estejam fortemente conectadas à lógica da indústria cultural e apresentem uma preocupação muito grande com sua inserção no mercado de bens culturais, *Cult* pode ser considerada mais acadêmica quando comparada à *Bravo!*

Até mesmo devido a íntima ligação histórica de seus fundadores Paulo Lemos e Manuel da Costa Pinto à Universidade de São Paulo (USP) — uma das mais tradicionais do país —, tanto o conteúdo quanto o projeto gráfico são, de modo geral, mais conservadores.

Apesar de não ser de fato uma publicação acadêmica (como as que são produzidas nos circuitos acadêmicos), *Cult* traz a divulgação de pesquisas e artigos assinados por intelectuais desse meio com mais frequência e destaque que a revista *Bravo!*

Na sua estrutura editorial, *Bravo!* é dividida em cinco grandes editorias fixas, enquanto *Cult* tem alguns espaços fixos e outros variáveis a cada edição. As duas são produzidas, em sua maioria, por colaboradores externos que contribuem especificamente para cada edição.

Em termos de projeto gráfico, *Bravo!* investe em imagens, fotos, ilustrações e uma diagramação arrojada na comparação com *Cult*. A revista *Bravo!* utiliza cores fortes, contrastes intensos, títulos em fontes grandes, boxes explicativos, entre outros elementos que contribuem para a compreensão da informação através da imagem.

Cult também é atenta ao projeto gráfico, tendo uma apresentação visual bem cuidada e funcional, mas bem mais simples na comparação com a publicação anterior. *Cult* prefere utilizar o branco e o preto em seus títulos e textos, não explorando tanto o colorido e os contrastes diferentes. Segue um padrão gráfico mais neutro, que não destaca tanto o aspecto visual da revista,

Em termos de projeto gráfico, a *Bravo!* se mostra superior. O formato, a diagramação e a preocupação da revista com as imagens que ilustram as matérias são um diferencial, que também contribui para atrair leitores. Já a *Cult* possui um projeto gráfico simples e é uma revista menos densa em quantidade de páginas, embora também valorize boas imagens que ilustrem seus textos. (VIEIRA, 2011, p.142)

Cabe lembrar ainda que *Bravo!* realiza, ao longo de sua história, algumas modificações em seu projeto gráfico, São alterações, contudo, em pontos específicos — sendo mantida uma mesma linha geral e proposta gráfica de revista ao longo dos anos.

Já *Cult* sofre diversas alterações substanciais em seu projeto gráfico durante sua trajetória, revelando dificuldades em encontrar um padrão visual que permanecesse por um período mais longo — o que só acontece a partir da troca de editoras em 2002.

A crise financeira pela qual passam as empresas responsáveis pelos dois veículos desencadeia a venda das revistas para outro editor. As duas publicações, dentro de um período de dois anos, passam então por uma troca de comando.

A transição de *Cult* da Lemos Editorial para a Editora Bregantini dá-se em 2002. A mudança de *Bravo!* da Editora D'Ávila para a Abril, por sua vez, ocorre em 2004. Nos dois casos, tanto a Editora D'Ávila quanto a Lemos Editorial acabam fechando de vez suas portas após inúmeras tentativas frustradas de sobrevivência.

Apesar da troca no comando e das dificuldades financeiras que seus editores afirmam ter passado, *Bravo!* e *Cult* são as duas revistas culturais que estão há mais tempo em circulação na atualidade. Cabe lembrar que, para isso, entre as práticas adotadas por ambas está o recebimento de incentivos fiscais através da Lei Rouanet.

Nesse sentido, creio que o apoio de leis de incentivo à cultura a essas publicações é questionável. Tal apoio nada mais é do que, em última instância, o financiamento de projetos da iniciativa privada com dinheiro público. O interesse público em promover e financiar os dois periódicos, na minha opinião, não está claro.

A edição de revistas culturais de cunho comercial não necessariamente implica em um aumento e disseminação da cultura e do conhecimento no país. Se *Bravo!* e *Cult* fossem distribuídas gratuitamente à população e às escolas, por exemplo, concordo que talvez os incentivos fiscais fossem mais justificados.

Nesse caso, contudo, as duas revistas possuem, além do governo, outros anunciantes e patrocinadores, que lhes asseguram os recursos para sua permanência no mercado. Ambas possuem patrocinadores semelhantes, tais como hotéis, escolas de idiomas, cursos, livrarias, cinemas, editoras, produtoras de filmes, eventos, teatro, música etc.

É a partir de 2002, com a troca de editora, que *Cult* deixa de chamar-se “revista brasileira de literatura” e passa a “revista brasileira de cultura”. Em 2004, quando *Bravo!* também troca de editora, o *slogan* que aparece em todas as capas, logo abaixo do título, é “o melhor da cultura em [mês e ano da edição]”.

Fica claro que a mudança de editora exerce, nos dois veículos, uma influência no sentido de ampliar o leque de assuntos abordados. A substituição da palavra “literatura” por “cultura” em *Cult* é bastante eloquente. Os veículos assumem um entendimento de “cultura” numa perspectiva mais ampla e mais abrangente, o que vai ao encontro do entendimento de “cultura” cunhado por Veiga-Neto (2003).

Não há como inferir, porém, que a queda nas ocorrências sobre a temática da Poesia nas duas publicações tenha acontecido diretamente em função da troca de editoras, visto que a diminuição de ocorrências sobre o tema é um processo gradual. A troca de comando de *Cult* e de *Bravo!*, em 2002 e em 2004, respectivamente, é um dado que deve ser considerado na trajetória das publicações, mas não pode ser tomado como preponderante em relação a um contexto mais amplo, no qual as duas já estão inseridos anteriormente.

Na comparação no número de edições em que identifiquei a presença ou a ausência da temática da Poesia nos dois periódicos (com, ao menos, uma ocorrência na edição), trago os seguintes dados:

Temática da Poesia		
	Edições de <i>Bravo!</i>	Edições de <i>Cult</i>
Presente	68,7%	90,2%
Ausente	31,3%	9,8%

Quadro 36: Temática da poesia

Fonte: Elaborado pela autora

Ou seja, a temática da Poesia está presente em cerca de dois terços das edições de *Bravo!*, mas é muito mais expressiva em *Cult*: de cada dez edições desta, apenas uma não trata de Poesia em nenhum texto.

5.2 QUANTO ÀS OCORRÊNCIAS E ÀS PÁGINAS RELEVANTES

Quanto ao número de ocorrências, *Bravo!* possui 198 e *Cult*, 397 ao longo da série histórica (de 1997 e 2010). Embora em números absolutos a média de 2,6 ocorrências mensais em *Cult* não seja tão elevada (se a considerarmos isoladamente), ela torna-se grande quando comparada com a de *Bravo!* (média de 1,3 ocorrências mensais). Ou seja, *Bravo!* apresenta a metade da média de ocorrências mensais de *Cult*. A tabela a seguir resume esses dados:

Quanto às ocorrências		
	<i>Bravo!</i>	<i>Cult</i>
Total	198	397
Média mensal	1,3	2,6

Quadro 37: Quanto às ocorrências

Fonte: Elaborado pela autora

Cabe também observar como ocorre a distribuição das ocorrências sobre a temática da Poesia ano a ano:

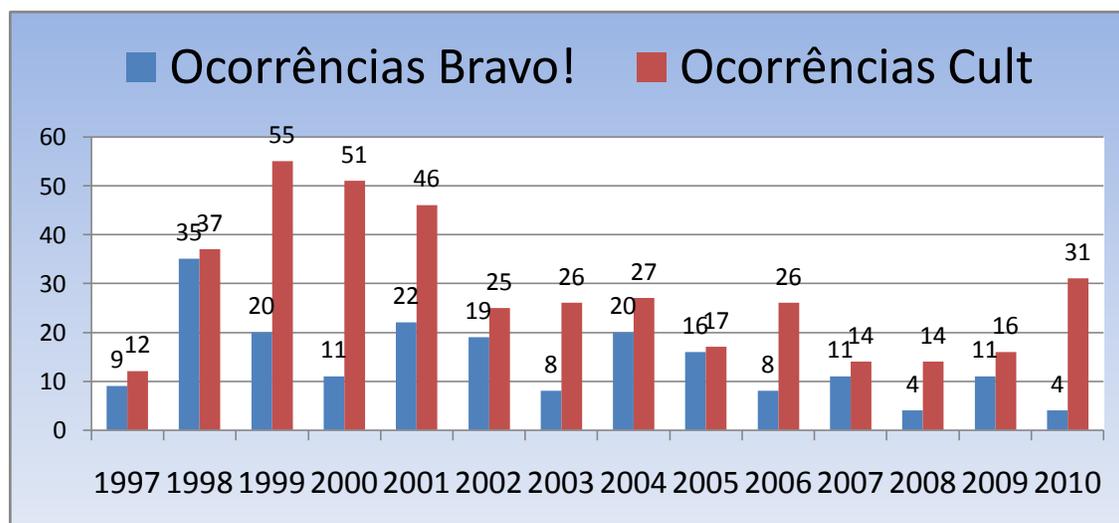


Gráfico 9: Ocorrências *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Em todos os anos - entre 1997 e 2010 - a revista *Cult* apresenta mais ocorrências anuais que *Bravo!*. Além disso, a diferença entre o número de ocorrências nos anos com maior e menor índice em cada veículo corrobora a predominância da recorrência da temática da Poesia em *Cult* na comparação com *Bravo!*

Os anos com maior número de ocorrências em cada publicação também indicam uma diferença enorme: 35 ocorrências em *Bravo!* (em 1998) contra 55 ocorrências em *Cult* (em 1999). O ano com menos ocorrências em cada veículo também revela essa diferença: quatro ocorrências em *Bravo!* (em 2008 e 2010) e 12, em *Cult* (em 1997).

O número de páginas relevantes acompanha essa tendência de maior recorrência da temática da Poesia em *Cult*, de acordo com a tabela:

Quanto às páginas relevantes		
	<i>Bravo!</i>	<i>Cult</i>
Média anual	35	88,4
Média mensal	3,4	8,0
% do total de páginas	3,1	12,0

Quadro 38: Quanto às páginas relevantes

Fonte: Elaborado pela autora

Dessa forma, *Bravo!* tem média anual de 35 páginas relevantes contra 88,4 páginas ao ano em *Cult*. Na média mensal são 3,4 páginas em *Bravo!* e oito em *Cult*.

Isso significa que *Cult* possui mais que o dobro de páginas sobre Poesia que *Bravo!*. Cabe lembrar que o número de páginas de *Bravo!* é bem superior ao de *Cult*.

Desse modo, ao considerarmos a porcentagem de páginas relevantes em relação ao total de páginas de cada revista durante toda série histórica, a diferença é ainda maior. *Bravo!* tem 3,1% de páginas relevantes e *Cult*, 12,0% de páginas relevantes. Ou seja, o percentual de páginas relevantes de *Cult* é quase quatro vezes o de *Bravo!*

Esses dados revelam ainda que as ocorrências de *Cult* são mais extensas do que as de *Bravo!*. A média mensal de páginas relevantes (3,4 em *Bravo!* e oito em *Cult*) pela média mensal de ocorrências (1,3 em *Bravo!* e 2,6 em *Cult*) teremos a média do número médio de páginas por ocorrência.

O resultado indica que as ocorrências de *Bravo!* têm em média 2,6 páginas, enquanto as de *Cult* têm em média 3,1 páginas. Assim, as ocorrências de *Bravo!* têm mais de 20% da extensão das ocorrências de *Cult*. Isso significa que, além da Poesia aparecer mais vezes em *Cult*, ela recebe mais páginas dentro de cada ocorrência do que em *Bravo!*.

Na sequência, trago o gráfico que indica a variação do percentual de páginas relevantes ano a ano em cada veículo. Como já expliquei no primeiro capítulo, considerei 110 páginas em *Bravo!* por edição e 66 páginas em *Cult* por edição. Assim, a comparação direta entre número de páginas relevantes de um e de outro veículo não reflete a proporção em relação ao total de páginas de cada revista.

O gráfico abaixo indica o percentual de páginas relevantes em cada publicação em relação ao seu respectivo número de páginas.

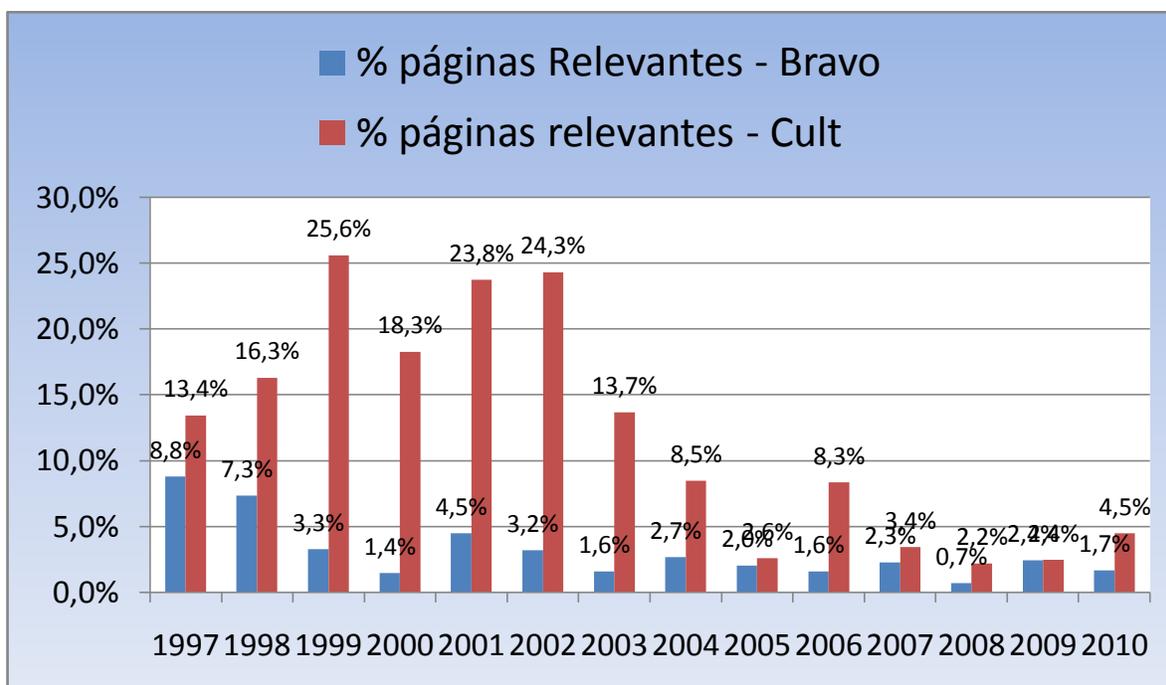


Gráfico 10: Porcentagem (%) de páginas relevantes *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

O percentual de páginas relevantes é superior em *Cult* em todos os anos de cobertura, exceto em 2009 (em que os índices dos dois periódicos estão empatados). A partir de 2003 há uma queda acentuada nos índices de páginas sobre a temática da Poesia nas duas publicações. De 2007 a 2010, além dessa queda, observo uma grande aproximação no índice anual de páginas relevantes das duas revistas.

Mais uma vez, a diferença entre os percentuais mais altos e mais baixos de cada revista é bem grande. O índice mais baixo de *Cult* é 2,4% (em 2009) e de *Bravo!* é 0,7% (em 2008). Uma diferença de mais de três vezes entre as duas publicações.

O índice mais alto de *Cult* é 25,6% (em 1999) e de *Bravo!* é 8,8% (em 1997). A diferença é de cerca de três vezes entre as duas. O gráfico reforça, assim, a maior recorrência de Poesia e o maior espaço destinado a ela nas páginas de *Cult* na comparação com *Bravo!*

Ao considerar a divisão entre as páginas relevantes que possuem chamada principal de capa, chamada secundária de capa e as comuns (que não possuem chamada na capa) em relação ao total de páginas de cada revista, trago a seguinte tabela:

Porcentagem (%) de páginas relevantes (do total de páginas)		
	<i>Bravo!</i>	<i>Cult</i>
<i>Chamada principal</i>	0,3	3,0
<i>Chamada secundária</i>	0,9	2,0
<i>Comum</i>	1,8	7,0
Total	3,1	12,0

Quadro 39: Porcentagem % de páginas relevantes (do total de páginas)

Fonte: Elaborado pela autora

As páginas comuns são a maioria entre as páginas que tratam da temática da Poesia nos dois veículos: 1,8% das páginas de *Bravo!* e 7,0% das de *Cult*. Entre chamadas principais e secundárias, *Bravo!* tem 1,4% de suas páginas e *Cult*, 5,2%. Ou seja, *Cult* tem quase cinco vezes mais chamadas de capa sobre Poesia na comparação com *Bravo!*.

Além disso, quando traz textos sobre Poesia na capa, *Bravo!* tende a trazê-los como chamada secundária, enquanto *Cult* opta, na maioria das vezes, por colocá-los como chamada principal. Prova disso é que só 0,3% das páginas de *Bravo!* têm chamada principal sobre Poesia e 0,9% têm chamada secundária (três vezes o índice das páginas com chamada principal).

Já em *Cult*, essa configuração é invertida: 3,0% das páginas têm chamada principal e 2,0% têm chamada secundária. Ou seja, as páginas com chamada secundária são dois terços das páginas com chamada principal.

Ao considerar apenas o universo das páginas relevantes (sobre a temática da Poesia), trago a seguinte proporção entre as páginas com chamada principal de capa, chamada secundária e comuns:

Proporção (%) entre as páginas relevantes (sobre Poesia)		
	<i>Bravo!</i>	<i>Cult</i>
Chamada principal	11,2	25,2
Chamada secundária	30,4	16,9
Comum	58,4	57,9

Quadro 40: Proporção (%) entre as páginas relevantes (sobre Poesia)

Fonte: Elaborado pela autora

O índice de páginas comuns é muito semelhante nas duas revistas: 58,4% das páginas relevantes de *Bravo!* e 57,9% das de *Cult*. Entre as páginas com chamada de capa, as que

possuem chamada principal são a maioria em *Cult*, 25,2%. E as que possuem chamada secundária são a maioria em *Bravo!*, 11,2%.

5.3 QUANTO AOS ASSUNTOS

A divisão do total de ocorrências sobre Poesia de cada periódico em assuntos acontece conforme o seguinte gráfico:

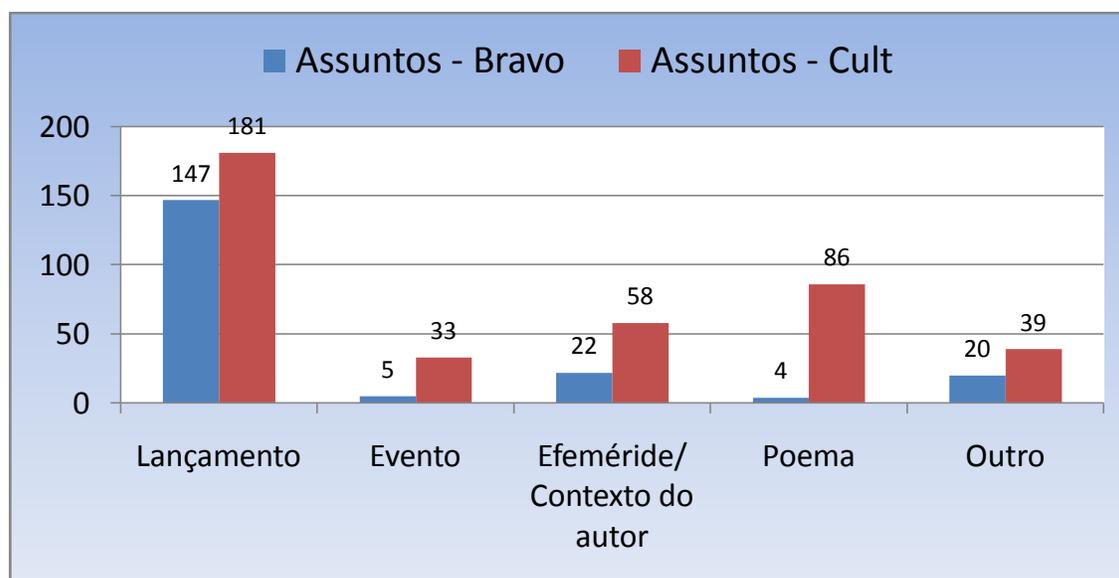


Gráfico 11: Assuntos (ocorrências) *Bravo!* e *Cult*
Fonte: Dados da pesquisa

Tanto *Bravo!* quanto *Cult* apresentam ocorrências sobre a temática da Poesia nos cinco assuntos (Lançamento, Evento, Efeméride/ Contexto do autor, Poema e Outro). Lançamento aparece em primeiro lugar nos dois veículos: 147 ocorrências em *Bravo!* e 181 ocorrências em *Cult*.

Visto que a publicação de textos literários não faz parte da proposta editorial de *Bravo!*, o assunto Poema é o último na lista do periódico, com só quatro ocorrências. Já a revista *Cult*, que possui a seção fixa “Oficina Literária”, tem o tema Poema como o segundo entre os que mais aparecem em sua cobertura, com 86 ocorrências ao longo da série histórica.

Efeméride/ Contexto do autor é o segundo tema mais tratado em *Bravo!* (22 ocorrências) e o terceiro em *Cult* (58 ocorrências). Os assuntos Outro e Evento são em *Bravo!*, respectivamente, o terceiro e o quarto tema mais recorrentes em *Bravo!* e o quarto e o último tema de *Cult*.

Lembrando que *Bravo!* possui um total de 198 ocorrência e *Cult*, 397, a divisão por assuntos em dados percentuais releva um gráfico um pouco diferente:

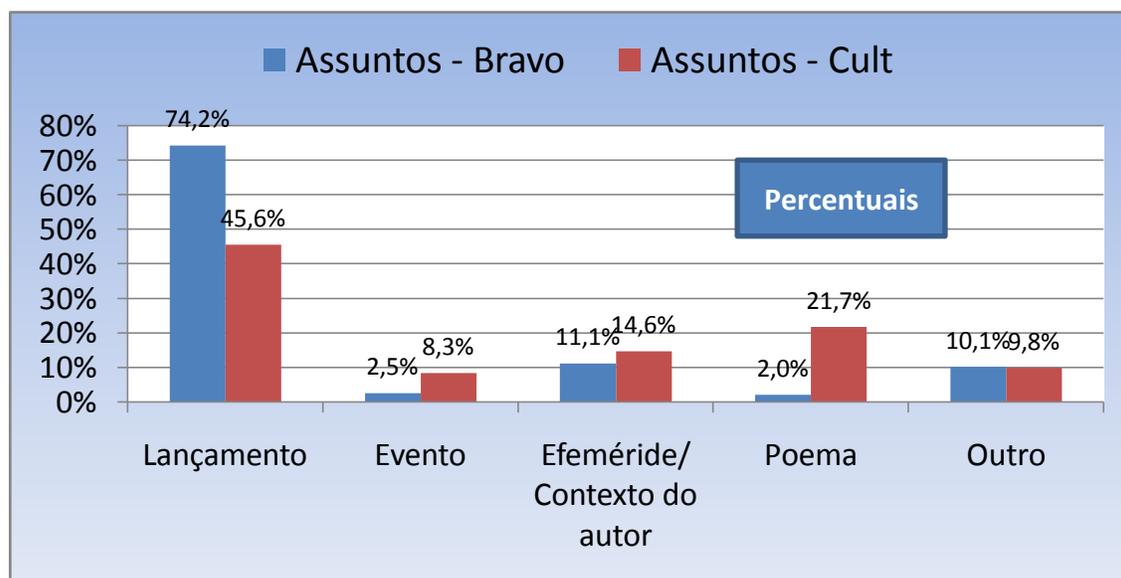


Gráfico 12: Assuntos (percentuais) *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Assim, os 147 Lançamentos de *Bravo!* - que antes ficavam atrás dos 181 Lançamentos de *Cult* - ocupam agora primeiro lugar (74.2%) na comparação com *Cult* (45,6%).

O assunto Outro - que no gráfico anterior era a maioria em *Cult* (39 ocorrências) na comparação com *Bravo!* (20 ocorrências - tem 10,1% do total de ocorrências de *Bravo!* contra 9,8% do total de ocorrências de *Cult*).

Na ordem geral dos assuntos em cada periódico, não há alterações. Lançamento é o primeiro em ambos. Poema é último assunto em *Bravo!* (2,0% das ocorrências) e o segundo em *Cult* (21,7%). Efeméride/ Contexto do autor ocupa segundo lugar em *Bravo!* (11,1% das ocorrências) e terceiro lugar em *Cult* (14,6%). Outro permanece como o terceiro assunto de *Bravo!* e o quarto de *Cult*. Evento representa o quarto lugar em *Bravo!* (2,5% das ocorrências) e o último em *Cult* (8,3%).

Em termos de pontos percentuais, a maior diferença é observada no assunto Lançamentos (28 pontos percentuais de diferença entre os índices de cada revista). Ainda assim, esse é o assunto com maior recorrência tanto em *Bravo!* quanto em *Cult*.

Depois, ocorre uma grande diferença também no assunto Poema (que possui 20 pontos percentuais de diferença entre os dois veículos) – diferença essa já apontada em função das distintas propostas editoriais dos periódicos.

Ao avaliar a distribuição das ocorrências com chamadas de capa (principal e secundária) em assuntos, apresento o gráfico:

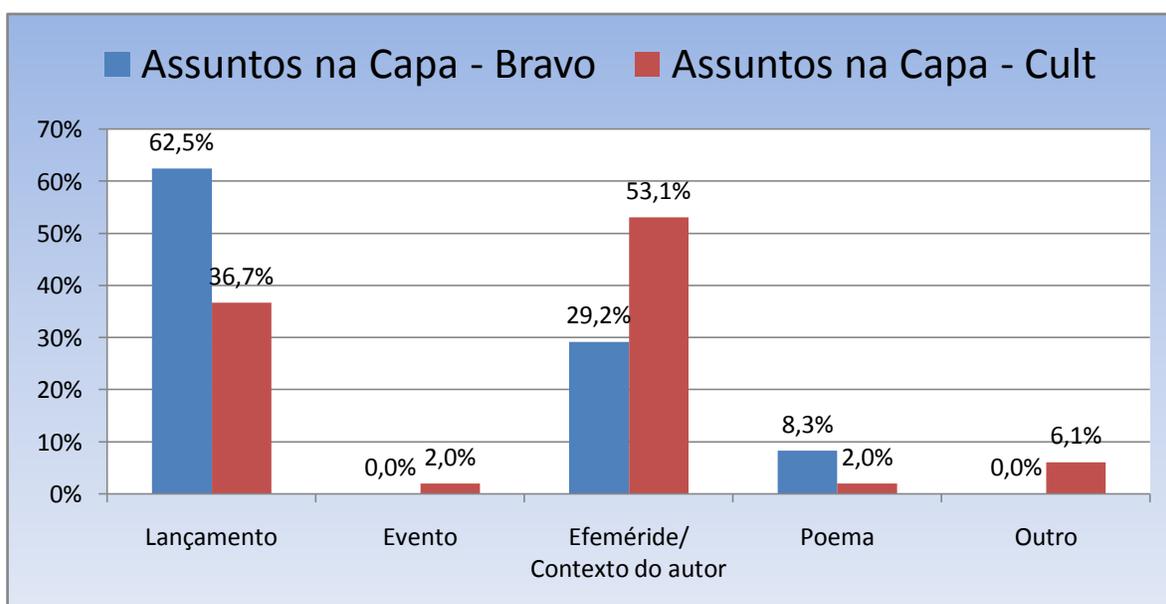


Gráfico 13: Assuntos na Capa *Bravo!* e *Cult*
Fonte: Dados da pesquisa

Bravo! apresenta chamadas de capa sobre a temática da Poesia em três assuntos: Lançamento (62,5%), Efeméride/ Contexto do autor (29,2%) e Poema (8,3%), *Cult*, por sua vez, apresenta ocorrências com chamadas de capa dentro dos cinco assuntos: Efeméride/ Contexto do autor (53,1%), Lançamento (36,7%), Outro (6,1%), Evento (2%) e Poema (2,0%).

Em uma primeira análise já é possível perceber que as chamadas de capa de *Cult* são mais diversificadas do que as de *Bravo!*.

Na revista *Bravo!*, Lançamento é o assunto mais abordado na capa e Efeméride/ Contexto do autor é o segundo. Em *Cult*, essa ordem aparece inversa: Efeméride/ Contexto do autor é o primeiro e Lançamento, o segundo. Tal configuração explica-se em função da história e da

proposta editorial dos dois veículos: *Bravo!* é mais voltada ao mercado, enquanto *Cult* tem um caráter mais acadêmico.

Nesse sentido, Lançamento é o assunto mais identificado à proposta e ao caráter de *Bravo!*. Efeméride/ Contexto do autor, por sua vez, é um tema mais ligado à história e à contextualização, identificando-se melhor à proposta editorial de *Cult*.

5.4 QUANTO AOS GÊNEROS

A distribuição das ocorrências sobre Poesia identificadas em *Bravo!* e em *Cult* em gêneros ocorre conforme o gráfico:

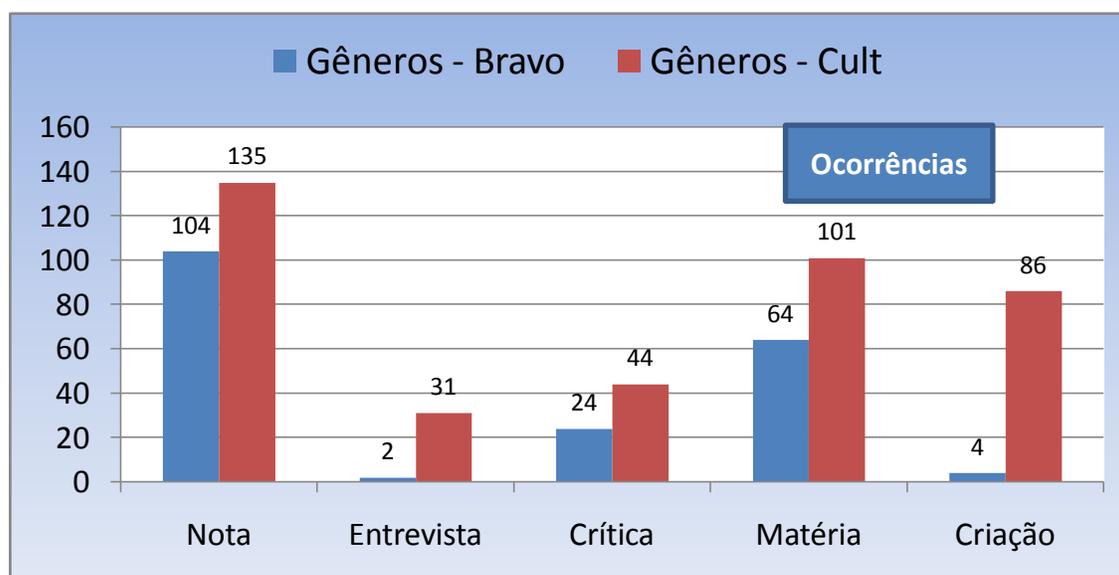


Gráfico 14: Gêneros (ocorrências) *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Em todos os gêneros *Cult* tem mais ocorrências que *Bravo!* São 135 Notas de *Cult* e 104 de *Bravo!* São 31 Entrevistas em *Cult* e duas em *Bravo!* Constam 44 Críticas em *Cult* e 24 em *Bravo!*. Existem 101 Matérias em *Cult* contra 64 em *Bravo!* Em Criação há 86 ocorrências em *Cult* e quatro em *Bravo!*.

Tanto *Bravo!* quanto *Cult* têm em Notas o gênero com maior recorrência em sua cobertura. Em segundo lugar nos dois veículos está o gênero Matérias. Em terceiro aparece Crítica em *Bravo!* e Criação em *Cult*. Em quarto está Criação em *Bravo!* e Crítica em *Cult*. Por fim, Entrevista consta em último nas duas publicações.

A distribuição em gêneros pode ser avaliada também através dos percentuais em relação ao total de ocorrências de cada revista, conforme o gráfico que segue:

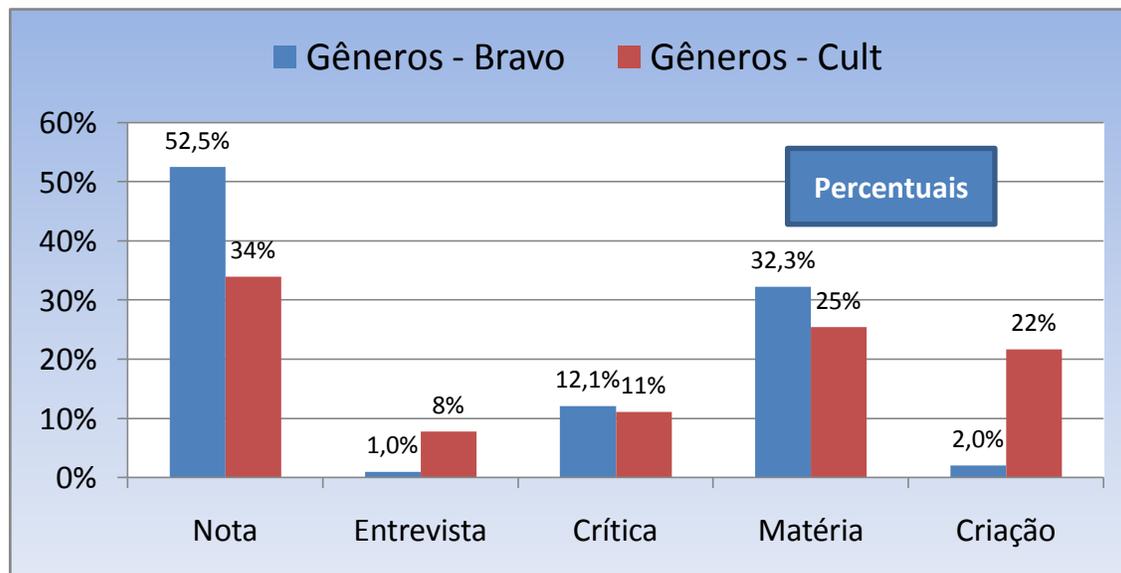


Gráfico 15: Gêneros (percentuais) *Bravo!* e *Cult*
Fonte: Dados da pesquisa

Como *Bravo!* tem 198 ocorrências sobre Poesia e *Cult*, 397, esse gráfico fica bem diferente na comparação com o anterior (que indica a mesma distribuição em números absolutos). Assim, as 135 Notas de *Cult* percentualmente representam menos que as 104 Notas de *Bravo!*. São 52,5% de Notas em *Bravo!* e 34,0% de Notas em *Cult*.

As 24 Críticas de *Bravo!* representam um percentual ligeiramente maior em relação às 44 Críticas de *Cult*. São 12,1% de Crítica em *Bravo!* e 11,0% de Crítica em *Cult*. O mesmo ocorre com as 64 Matérias de *Bravo!* e as 101 de *Cult*. Percentualmente são 32,3% de Matéria em *Bravo!* e 25,0% de Matéria em *Cult*.

Os gêneros Criação e Entrevista são os únicos que mantêm o comportamento do gráfico anterior. As duas Entrevistas de *Bravo!* representam 1,0% das ocorrências da revista. As 31 Entrevistas de *Cult* correspondem a 8,0% do total de ocorrências sobre Poesia. As quatro

Criações de *Bravo!* são 2,0% do total de ocorrências. As 86 Criações de *Cult* representam 22,0% das ocorrências relevantes.

Na distribuição dos gêneros em assuntos, trago cinco gráficos que indicam a relação entre gêneros e assuntos. São eles: Nota por assuntos, Entrevista por assuntos, Crítica por assuntos, Matéria por assuntos e Criação por assuntos. Na distribuição do gênero Nota em assuntos surge o seguinte gráfico:

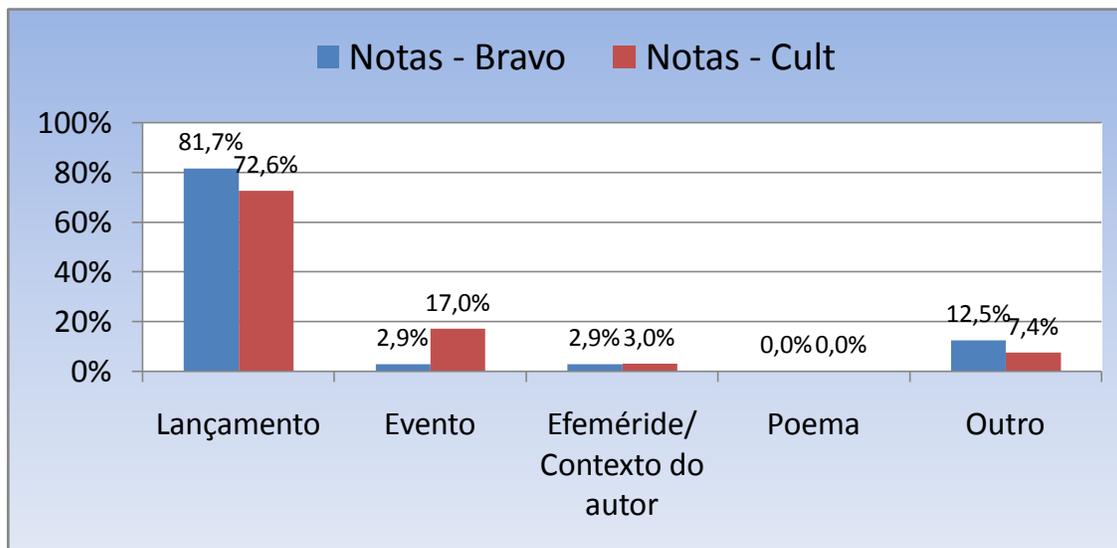


Gráfico 16: Notas *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Nos dois periódicos as Notas, em sua maioria, dizem respeito a Lançamento. São 81,7% de Notas sobre Lançamento em *Bravo!* e 72,6%, em *Cult*. Em segundo lugar entre as Notas aparecem Outros (12,5%) em *Bravo!* e Eventos (17,0%) em *Cult*.

Em terceiro lugar em *Bravo!* está Evento e Efeméride/ Contexto do autor (empatados com 2,9% das Notas cada). Em *Cult*, o terceiro lugar entre as Notas é o assunto Outro (7,4%) e o quarto, Efeméride/ Contexto do autor (3,0%).

A distribuição do gênero Entrevista por assuntos obedece ao gráfico:

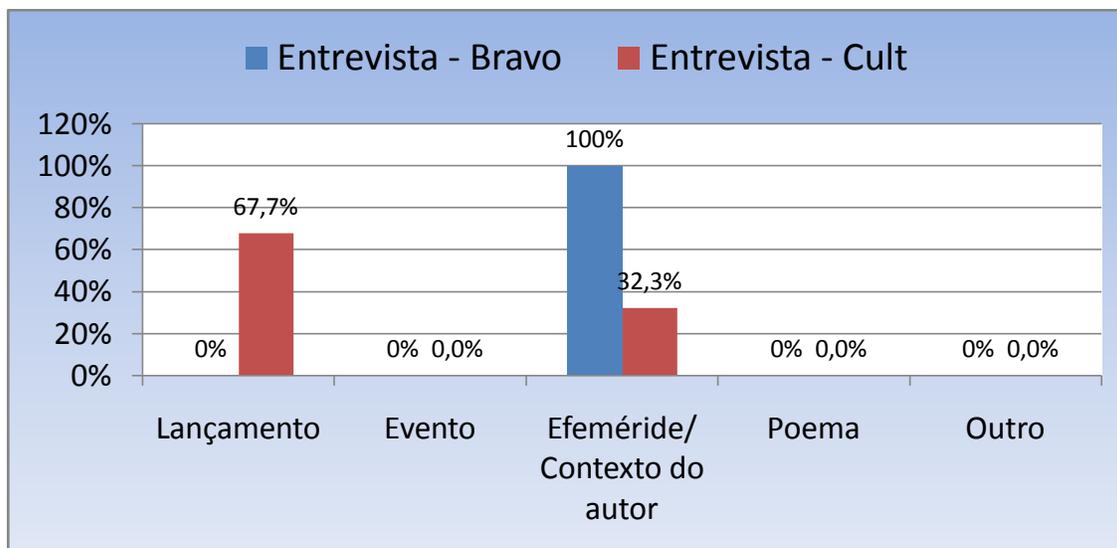


Gráfico 17: Entrevistas *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

A revista *Bravo!* tem 100% de suas Entrevistas ligadas ao tema Efeméride/ Contexto do autor. A *Cult* tem 67,7% das Entrevistas sobre Lançamento e 32,3% sobre Efeméride/ Contexto do autor. Nos dois periódicos não há nenhuma Entrevista dentro dos assuntos Eventos e Outros. Em *Bravo!*, não existe também nenhuma Entrevista dentro do assunto Lançamento.

A distribuição das Críticas em assuntos dá-se de acordo com o gráfico:

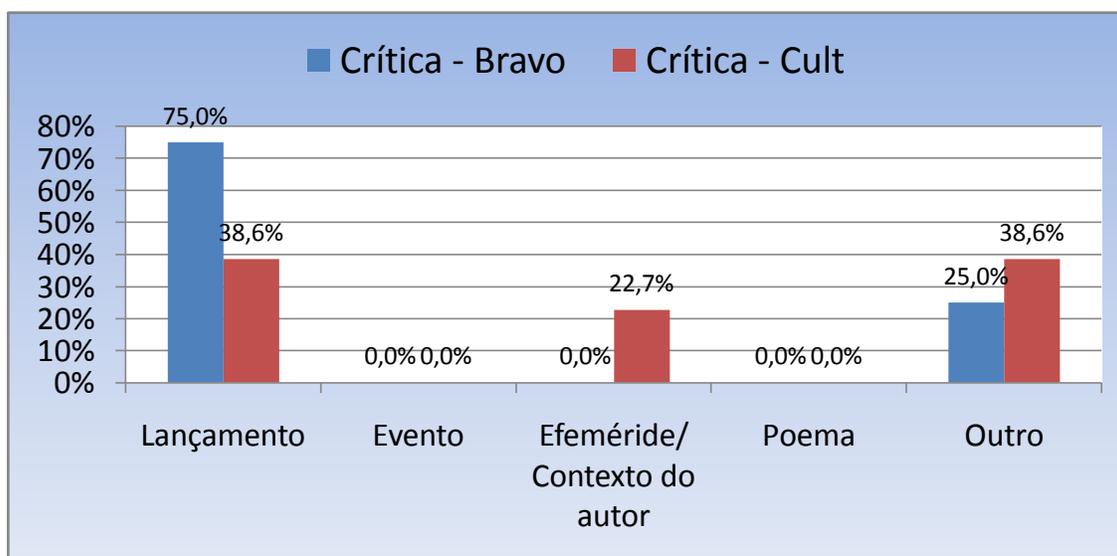


Gráfico 18: Crítica *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Bravo! não apresenta nenhuma Crítica dentro do tema Efeméride/ Contexto do autor, tendo 75,0% de Críticas sobre Lançamento e 25,0% em Outro. Tal configuração comprova a estreita ligação com uma proposta editorial calcada no mercado - através da promoção e divulgação de lançamentos de produtos culturais.

Em *Cult*, 38,6% das Críticas são sobre Lançamento e mais 38,6% são sobre Outro. Em seguida aparece o assunto Efeméride/ Contexto do autor (22,7%). Nenhum dos periódicos apresenta Crítica sobre Evento.

A divisão de Matérias por assuntos acontece segundo o gráfico:

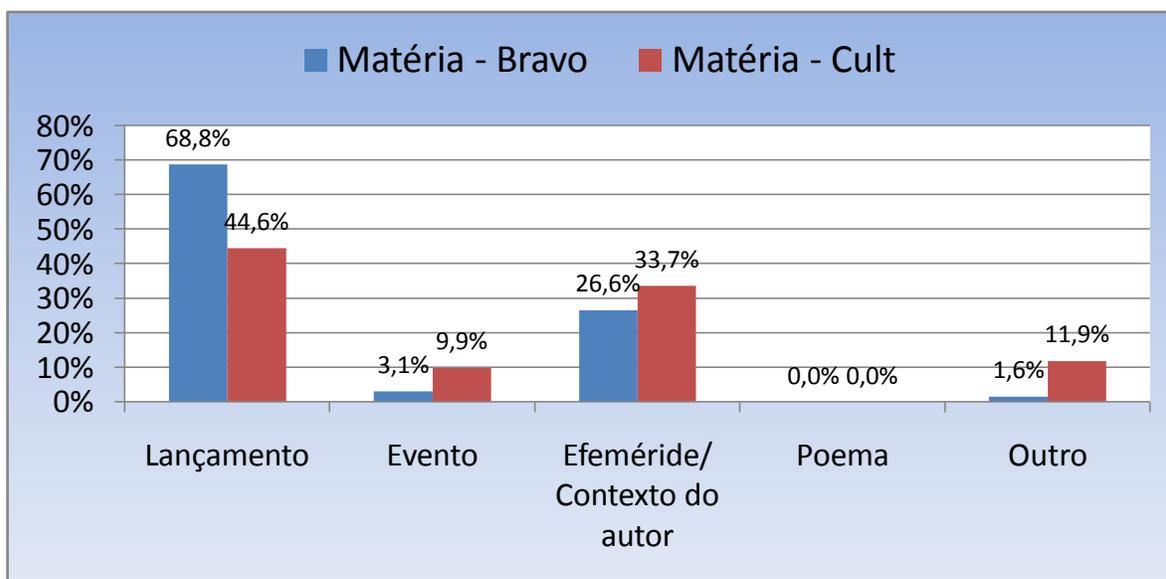


Gráfico 19: Matéria *Bravo!* e *Cult*
Fonte: Dados da pesquisa

Entre as Matérias, Lançamento está em primeiro lugar nos dois veículos, com 68,8% em *Bravo!* e 44,6% em *Cult*. Em segundo lugar, nos dois periódicos aparece Efeméride/ Contexto do autor, com 26,6% de *Bravo!* e 33,7% de *Cult*. Em terceira, está Evento em *Bravo!* (3,1%) e Outro em *Cult* (11,9%). Em quarto estão Outro em *Bravo!* (1,6%) e Evento em *Cult* (9,9%).

A ordem inversa do terceiro e do quarto assuntos em cada revista não me parece aleatória. Evento é um tema voltado a uma proposta editorial fortemente relacionada ao mercado, enquanto Outro abre margem para uma diversidade maior e que foge à lógica estrita dos lançamentos. Por isso parece fazer sentido o fato de Evento ser mais recorrente em *Bravo!* e Outro ser mais recorrente em *Cult*.

Como explicado anteriormente, o gênero Criação é o único que se relaciona exclusivamente com o assunto Poema.

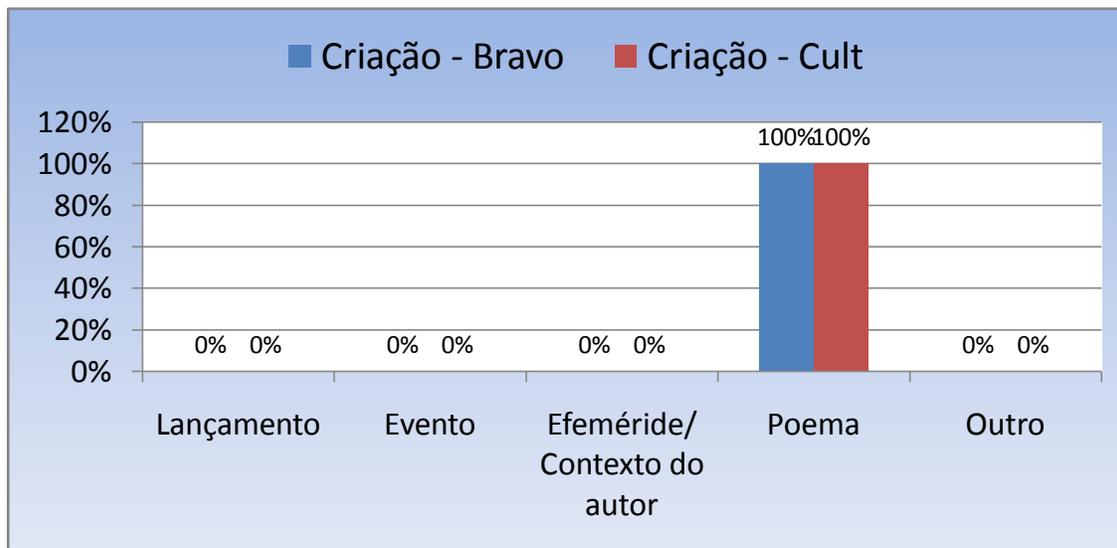


Gráfico 20: Criação *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Assim, 100,0% das ocorrências do gênero Criação das duas revistas relacionam-se com Poema. Por isso, o assunto Poema aparece sempre com índice zero nos gráficos dos demais gêneros.

De modo geral, os assuntos Lançamento e Efeméride/ Contexto do autor são os preponderantes entre as ocorrências das duas revistas. Em *Nota*, Lançamento é o primeiro lugar absoluto nos dois veículos. Em *Entrevista*, Lançamento e Efeméride/ Contexto do autor se fazem presentes em *Cult*, enquanto só Efeméride/ Contexto do autor aparece em *Bravo!*.

Em *Crítica*, as ocorrências de *Cult* dividem-se entre Lançamento, Efeméride/ Contexto do autor e Outro. *Bravo!* possui Lançamento e Outro, sem nenhuma *Crítica* dentro de Efeméride/ Contexto do autor. Em *Matéria*, Lançamento é o primeiro lugar nas duas revistas e Efeméride/ Contexto do autor, o segundo.

Já a distribuição das ocorrências com chamada de capa (principal e secundária) em gêneros nos dois periódicos ocorre de acordo com o seguinte gráfico:

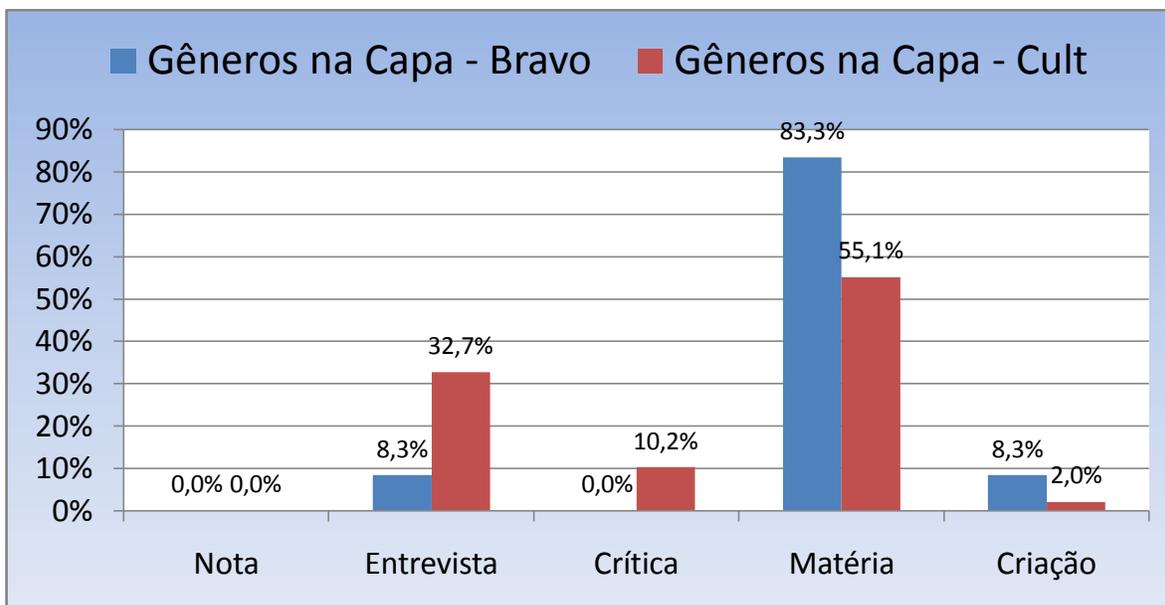


Gráfico 21: Gêneros na Capa *Bravo!* e *Cult*

Fonte: Dados da pesquisa

Bravo! possui ocorrências de capa dentre os gêneros Matéria (83,3%), Entrevista (8,3%) e Criação (8,3%) — sem nenhuma ocorrência dentro do gênero Nota e Crítica ao longo da série histórica. *Cult* apresenta os seguintes gêneros em suas capas: Matéria (55,1%), Entrevista (32,7%), Crítica (10,2%) e Criação (2%).

É esperado que Nota não seja o objeto de capa em nenhum dos veículos por sua pequena extensão e por não constituir-se de conteúdo de destaque. Chama atenção, porém, que o gênero Crítica receba tão pouco espaço entre as ocorrências de capa sobre Poesia em duas revistas que se propõe a exercer um jornalismo cultural de caráter crítico e reflexivo.

A Crítica não consta nenhuma vez ao longo de 14 anos nas capas de *Bravo!*. Em *Cult*, por sua vez, Crítica representa o terceiro dos quatro gêneros que aparecem em suas capas — com apenas 10,2% das ocorrências sobre Poesia.

Vieira (2011, p.139) retoma os postulados de Antonio Candido, que concebe o exercício crítico como algo que busca integrar a obra ao seu contexto, esmiuçar seus pormenores para melhor compreendê-la, construir solidamente argumentos capazes de chegar fundo ao que o autor havia proposto e, antes de mais nada, conhecer esse autor e sua obra além da superfície. Para Vieira (2011), este exercício, de fato, já não encontra espaço na cobertura cultural, tanto na *Bravo!* quanto na *Cult*.

Quando se pensa no jornalismo cultural diário, aponta a autora, não é difícil compreender ou encontrar justificativas para a redução do espaço crítico. A necessidade de dar conta de informar os leitores sobre os principais eventos da agenda de lançamentos e estreias, a falta de tempo para o aprofundamento (uma vez que as edições são fechadas diariamente), a falta de espaço nos jornais e profissionais despreparados (no sentido da formação para a crítica) são alguns argumentos, enumera a pesquisadora.

Porém, sustenta Vieira (2011, p.139), quando se pensa no jornalismo cultural de revista, algumas dessas questões podem ser facilmente desconstruídas.

Se a periodicidade é mensal, como na *Bravo!* e na *Cult*, o tempo já não é tão curto para um aprofundamento na obra. Além disso, as revistas contam com profissionais mais preparados, alguns com formação no jornalismo cultural diário (*Bravo!*), outros com formação acadêmica (*Cult*), para o desenvolvimento da crítica e da análise contextual. Isso sem falar do espaço, que nas revistas não é tão limitado. Mas, apesar de tudo isso, é possível afirmar que o espaço crítico também está reduzido na cobertura cultural de revista. (VIEIRA, 2011, p.139)

Não tenho o objetivo ou a pretensão de estabelecer uma resposta ou razão para a diminuição, apagamento, ausência ou desimportância da Crítica nas revistas em análise. Um dos possíveis motivos apontados pela autora, contudo, para tal configuração dos veículos me parece bastante plausível e diz respeito à disseminação de conteúdos pela Internet, pelas facilidades de acesso a conteúdos diversos e opiniões variadas sobre as obras em questão (VIEIRA, 2011, p.140).

Na rede, além da velocidade na publicação de informações sobre os produtos culturais, há também a predominância de textos mais curtos, mais ligeiros. Tal fato pode estar exercendo uma importante influência na crítica contemporânea, que também passa a trabalhar com textos mais rasos e menores, para atrair um tipo de leitor que, embora não traduza a totalidade do público, está cada vez mais comum. Este não quer, não consegue e não deseja ler textos maiores e mais aprofundados, como seria um texto crítico, pois se tornou um consumidor mais superficial das obras. (VIEIRA, 2011, p.140).

Concordo com Vieira (2011) que a Internet exerce influência sobre a crítica contemporânea. Porém, discordo da autora completamente quando ela afirma que tal meio

contribui para a constituição de uma crítica contemporânea formada por textos “mais rasos e menores”.

Na minha opinião, se, por um lado, a Internet possibilita o acesso a textos menos densos, por outro, as revistas culturais não podem perder de vista a busca pela qualidade e pelo aprofundamento jornalístico — que as tornará, justamente, diferenciadas em função de seu conteúdo.

Da mesma forma, me parece um grande equívoco afirmar que o público não quer e não deseja textos de maior vigor e embasamento. Será mesmo? Parece-me que tal afirmação expressa, antes, um comodismo por parte de produtores, jornalistas, críticos e agentes culturais na realização de seu trabalho.

Ao acreditar que o público não demanda crítica e conteúdo bem elaborado, Vieira (2011) justifica o nivelamento do conteúdo das revistas culturais por baixo, como se fosse óbvio ou natural que as publicações se destinassem meramente à agenda e à divulgação de lançamentos.

A mídia, na minha visão, não pode subestimar a capacidade intelectual e a busca por conhecimento do público consumidor — ainda mais sob o argumento de que o conteúdo raso produzido na Internet está prejudicando o jornalismo e a crítica cultural. Em primeiro lugar, saliento que o conteúdo pode ou não ser aprofundado, independentemente do meio em que seja publicado (eletrônico ou impresso), não sendo esse fator determinante na qualidade da produção.

Em segundo lugar, mesmo partindo do pressuposto de que existam textos de baixa qualidade amplamente disseminados na Internet, as revistas culturais têm em suas mãos um grande mercado a ser explorado: o da produção de um conteúdo diferenciado, com qualidade técnica, teor crítico, análise e profundidade de conteúdo.

Desse modo, os veículos culturais têm a potencialidade de diferenciação do conteúdo produzido na Internet e na imprensa diária. Revistas como *Bravo!* e *Cult* poderiam valer-se da oportunidade de trazer maior densidade e reflexão. Os dados apurados nessa pesquisa mostram, porém, que isso não ocorre, estando esses periódicos presos a uma cobertura calcada em lançamentos e divulgação de produtos culturais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi exposto, ao longo de sua história o jornalismo cultural sofreu modificações que o levaram a perder o caráter político, ideológico e até literário. O aspecto mercadológico, calcado em interesses corporativos e comerciais, toma conta da produção e da cobertura jornalística contemporânea.

Nesse sentido, as revistas *Bravo!* e *Cult* são exemplos da realidade brasileira do final do século XX e início do século XXI. O estudo da recorrência da temática da Poesia nesses dois veículos ao longo de 14 anos revela como essas publicações entendem e tratam a cultura na contemporaneidade.

Conforme os resultados já apresentados ao longo dos capítulos 2, 3 e 4, percebo que há um apagamento ou, no mínimo, uma significativa diminuição da presença da temática da Poesia nos dois periódicos. Foi possível perceber que em nenhum deles a incidência do tema é muito elevada. Na comparação dos dois, contudo, é possível concluir que há uma incidência muito maior de ocorrências sobre Poesia em *Cult* do que em *Bravo!*

Entre 1997 e 2010, são 198 ocorrências sobre a temática da Poesia em *Bravo!* contra 397 de *Cult* — mais que o dobro. A média mensal é de 1,3 ocorrências sobre o tema em *Bravo!* e 2,6 em *Cult* (o dobro). Outro dado significativo é que *Bravo!* tem 3,1% de suas páginas sobre Poesia contra 12,0% das páginas de *Cult* - uma diferença de praticamente quatro vezes.

A análise desses números ano a ano (entre 1997 e 2010) indica que *Cult* tem mais ocorrências sobre Poesia do que *Bravo!* em todos os 14 anos, o mesmo acontecendo com o percentual de páginas relevantes.

Além disso, quando menciona a Poesia na capa, *Cult* opta prioritariamente pelas chamadas principais, enquanto *Bravo!* prefere as chamadas secundárias — o que demonstra uma clara diferença na importância e no tratamento atribuídos por cada publicação ao tema.

Os assuntos Lançamento e Efeméride/ Contexto do autor são, nos dois veículos, respectivamente, o primeiro e o segundo mais tratados. Quanto às ocorrências com chamadas de capa, *Bravo!* tem predomínio de Lançamento e *Cult*, de Efeméride/ Contexto do autor. Isso demonstra uma maior conexão de *Bravo!* com os temas do mercado e da indústria cultural, enquanto *Cult* demonstra um esforço em trazer uma abordagem um pouco mais acadêmica.

Posto isso, creio que as duas revistas estão fortemente inseridas dentro da lógica do mercado e da indústria cultural. Contudo, *Cult* revela-se mais ligada à academia enquanto *Bravo!* é mais conectada ao mercado e à agenda de lançamentos de produtos culturais.

Tendo em vista esse iminente desaparecimento da temática da Poesia em duas revistas de grande circulação e tiragem no Brasil, me pergunto: A Poesia está desaparecendo? Os leitores não se interessam mais pelo tema? Ou seriam os próprios veículos que não o noticiam mais e, conseqüentemente, não dão ao público a possibilidade de interessar-se por ele?

Em uma esfera mais ampla, cabe o questionamento: O jornalismo cultural praticado hoje no país estaria inviabilizando — ou, no mínimo, reduzindo sensivelmente — o acesso do leitor e essa temática?

Considerando que os próprios periódicos não acreditam mais no conceito de cultura como algo estanque e único, percebo que os limites da cobertura das revistas é ampliado. A cultura deixa de ser entendida pelos próprios editores das revistas como algo restrito ao universo da música, da literatura, do teatro, da dança e do cinema, passando a preencher espectros que parecem ampliar-se constantemente.

Revistas tidas como culturais precisam dar conta de um leque cada vez maior de conteúdo e de informação. Temas como atualidades, indústria da fama, celebridades, entretenimento, moda, design, arquitetura, gastronomia, comportamento, informática, quadrinhos, entre uma diversidade de outros passam a ser entendidos como assuntos culturais e a ser contemplados nas páginas desses veículos.

Parece que o espectro de assuntos abarcados pela “cultura” é tão amplo na visão dos editores que a Poesia — antes tida como um tema obrigatório dentro de qualquer cobertura cultural — está na atualidade desaparecendo.

Eu diria que, na verdade, a Poesia está hoje sem um espaço definido na mídia e, especificamente, entre as publicações culturais. Prova disso é que dentro das próprias revistas culturais, a Poesia precisa “concorrer” com outras pautas — sendo que, na maioria das vezes, acaba perdendo a disputa.

Não há mais o enfoque nos gêneros literários e assuntos convencionalmente entendidos como culturais. Mas o que isso representa na prática? Não creio que a Poesia esteja, de fato, prestes a desaparecer por completo da cobertura cultural de uma forma mais ampla.

Na minha opinião, está havendo uma reconfiguração dos ambientes e das plataformas culturais em que a temática da Poesia se faz presente. Não creio que o tema vá desaparecer por completo de revistas como *Bravo!* e *Cult*, mesmo que sua drástica diminuição tenha sido comprovada — ainda que em diferentes escalas em cada uma delas — ao longo desse trabalho.

Nesse contexto em que as duas revistas passam a tratar de uma gama cada vez mais vasta de temas, surge também uma diversidade maior de meios e de espaços para publicações autônomas e especializadas. Com a disseminação, por exemplo, dos blogs, das redes sociais e de sites específicos sobre cultura ou literatura, os autores não dependem mais do aceite de editoras para divulgar seus textos.

Um poeta não necessita mais ser entrevistado por uma revista de grande porte para ser conhecido (embora esse fator possa facilitar). A própria ausência ou diminuição da recorrência da Poesia por si só já é bastante eloquente. Afinal, os veículos não valorizam um dos principais gêneros literários — a Poesia — enquanto assunto relevante de uma cobertura supostamente cultural.

O alargamento de possibilidades e formas de publicações parece um dos possíveis motivos para a queda das ocorrências sobre Poesia nas revistas culturais. Somado a isso, a preocupação dos periódicos com a venda e a manutenção no mercado é outro fator — eu diria que um dos principais — que contribui para que os assuntos mais “rentáveis” sejam destaque em detrimento do conteúdo mais analítico e de profundidade.

Ou seja, temas que atraem mais anunciantes e patrocinadores são os predominantes na cobertura de *Bravo!* e de *Cult*. Fica evidente que suas pautas nem sempre obedecem a critérios jornalísticos e de interesse público, mas prioritariamente seguem a lógica capitalista de inserção no mercado editorial.

A hipótese que deixo como sugestão para futuras pesquisas é a de que esteja ocorrendo uma migração da temática da Poesia das revistas culturais para outros meios, principalmente para a Internet. O conteúdo, antes necessariamente publicado em periódicos impressos, ocupa provavelmente agora espaços eletrônicos muitas vezes mais específicos e focados em literatura, crítica ou produção literária.

Criar um blog ou um site para publicar suas obras ou parte delas, atualmente, é mais fácil e rápido, para um autor, do que depender de um veículo impresso uma vez por mês — com

número de páginas limitado. Além disso, o conteúdo na Internet é divulgado instantaneamente, o que possibilita uma atualidade maior em relação ao meio impresso.

A produção para a Internet pode ainda acontecer de qualquer lugar do mundo e atingir leitores de todos os países. Desse modo, as possibilidades no universo virtual são imensas.

Diante desse cenário, creio que a principal pergunta que me faço — e para a qual o público leitor precisa exigir uma resposta — é: Qual conteúdo está tomando o lugar da Poesia nessas revistas? E de que forma isso está acontecendo? Qual a qualidade e qual a profundidade do conteúdo que vem substituindo a temática da Poesia em *Bravo!* e em *Cult*? Será que a título de “alargamento” e ampliação do entendimento de cultura, não estaríamos recebendo um conteúdo de qualidade inferior?

O que me parece mais perigoso e preocupante é que, na medida em que se amplia a gama de temas tratados, *Bravo!* e *Cult* apresentam uma cobertura cada vez menos especializada e menos densa.

A principal sugestão que deixo para futuras pesquisas é a investigação dos temas que estão ocupando as páginas das revistas em questão no lugar da temática da Poesia, bem como a qualidade desse conteúdo que a substitui.

Coloco também como sugestão para outros pesquisadores a realização de um trabalho que dê conta da análise de conteúdo de todos os textos sobre a temática da Poesia já, nesse trabalho, delimitados e mapeados entre 1997 e 2010.

Em suma, tenho ciência das limitações dessa pesquisa e sei que ela não se esgota em si mesma, sendo apenas um ponto de partida para futuros trabalhos. Diversas questões permanecerão em aberto. Tenho a expectativa de que outros pesquisadores possam interessar-se por esse estudo e dar prosseguimento ao debate iniciado nessa dissertação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Bento Fagundes de. **Bravo!: desenho, design e desígnios na perspectiva dos estudos da cultura visual**. Canoas: Ed. ULBRA, 2009. 160 p.

ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Rachel. *Crítica ordinária: a crítica de cinema na imprensa brasileira*. Dissertação de mestrado. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BRAVO!, A lira do Modernismo. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 50, nov. 2001, p.58-67.

_____, **A luz tecida pelas palavras**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 26, nov. 1999, p.96- 99.

_____, **A magnitude de Carlos Drummond Andrade**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 42, mar. 2001, p.66-75.

_____, **Ao leitor**. São Paulo, Editora Abril, ed. 142, jun. 2009, p. 8.

_____, **Livro de Visitas**. São Paulo, Editora Abril, ed. 87, dez. 2004, p.118-121.

_____, **Notas/ A volta da geração maldita**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 5, fev. 1998, p.40.

_____, **Notas/ O verso nosso de cada dia**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 7, mar. 1998, p.46.

_____, **O Fukuyama da poesia**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 13, out. 1998, p.51.

_____, **O maior poeta do Brasil**. São Paulo, Editora Abril, ed. 139, mar.2009, p.52-59 .

_____, **O silêncio das línguas**. São Paulo. Editora D'Ávila, ed. 12, set. 1998, p.22-23.

_____, **Poemas de Mariana Ianelli**. São Paulo, Editora Abril, ed. 82, jul. 2004, p.110-113.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução José Lino Grünnewald, 1955. Disponível em:

<<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>

Acesso em: 08 set. 2011.

BIANCHIN, Victor. *Revista Cult supera dificuldades e chega ao número 100*. **Portal da Comunicação**, 2006.

Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.kubbix.com/graficas-livros/noticias/artigo196285-1.asp>> Acesso: 15 ago. 2011.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: história literária**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CARELLI, Wagner. A editora D'Ávila e a revista Bravo!. **Digestivo Cultural**. São Paulo, abri. 2004. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=83&titulo=A_editora_DAvila_e_a_revista_Bravo!> Acesso: 13 ago. 2011.

COELHO, Marcelo. “Bravo!” é revista de bordo com ensaístas de mau humor. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 mar. 1998. Caderno Ilustrada.

COSTA PINTO, Manuel da. Guerra e paz: a crítica literária na imprensa brasileira. **Revista Via Atlântica**, São Paulo, n. 4, p. 52-59, oct. 2000.

Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_04.pdf> Acesso em: 30 out. 2011.

CULT, **Canto da Sereia e outros poemas**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 35, jun. 2000. p.17-19)

_____, **Carlos Drummond de Andrade**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 26, set. 1999, p.59-71

_____, **Do mecenato à criação poética**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 29, dez. 1999, p.10-13

_____, **Encruzilhada e Fronteiras da Gauchesca**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 47, jun. 2001, p. 42-43

_____, **Entrevista/ Michel Deguy**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 52, nov. 2001, p.4 a 9

_____, **Entrevista/ Yves Bonnefoy**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 18, jan. 1999, p.4-9

_____, **Flores das Flores do Mal de Baudelaire**. Editora Bregantini, São Paulo, ed. 147, jun. 2010, p.26

_____, **Notas**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 12, ago. 1998, p.2

_____, **Oxigênio Urbano**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 47, jun. 2001, p.36-37

_____, **Poetas na biblioteca**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 28, nov.1999, p.3

_____, **Polivox**. Lemos Editorial, São Paulo, ed. 35, jun. 2000, p.13-15

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais** – uma visão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

FIGUEIREDO, Rubia Medeiros. **Revista Bravo!: estudo do comportamento do jornalismo cultural frente às pressões do mercado**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2008.

FONSECA, Virgínia P. da Silveira. A subordinação do jornalismo à lógica da indústria cultural. **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 1, n. 17, p. 126-141, abr. 2002.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia – a diagramação da cor-informação no jornalismo**. Pinheiros, Annablume, 2003

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

HOHLFELDT, Antônio. Jornalismo cultural: uma perspectiva. In: **Continente Sul Sur: Revista do Instituto Estadual do Livro**. Porto Alegre n.2, p. 57-64, nov. 1996.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A imagem da diferença: um estudo sobre a ilustração na literatura infantil contemporânea. **Leitura, Teoria & Prática**. Campinas SP. Global, v. 25, n. 55, p. 68-74, dez. 2010.

LEMONS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. **Ao leitor**. In: *Cult*, Lemos Editorial, São Paulo, edição 1, p.2, 07/1997

MEIMES, Livia. **O luxo e o lixo no jornalismo cultural**. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Observatório da imprensa

Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1301200495.>

Acesso em: 30 maio 2009.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 5. ed. São Paulo. Brasiliense, 2001.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

Revista *Cult*

<http://revistacult.uol.com.br/home/category/materias>

Acesso em: 30/10/2011

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SILVA, Fabíola Alves. Reflexões sobre os primeiros anos da revista *Cult*. **Boletim de Pesquisa**. Florianópolis, v. 5., n. 6/7, 2003.

Disponível em:

<<http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de Pesquisa 6 7/reflexoes sobre os dois primeiro6 7.htm>> Acesso em: 15 ago. 2011

SOARES, Mariana Baierle. ***Aplauso e Bravo!:* análise comparativa de dois veículos de jornalismo cultural brasileiro**. (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. ***Revista Cult, canal de expressão pública da produção intelectual***. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. ***Revista Brasileira de Educação***. Rio de Janeiro, n. 23, maio-ago. 2003

VIEIRA, Ligia Chaves. ***Trocas e Pilhagens: A mediação da cultura pelas revistas Bravo! e Cult***. Dissertação (Mestrado em Interações Midiáticas) - Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

XICATTO, Camila Evangelista. ***O turismo literário na Revista Cult: uma análise semiótica***. Monografia (Graduação em Turismo) Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Rosana-SP, 2008.

APÊNDICE A - LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM *Bravo!*

LEGENDA DA LISTA DE OCORRÊNCIA EM *Bravo!*

Relevância	
p	ocorrências com chamada principal de capa
s	ocorrências com chamada secundária de capa
c	comuns (sem chamada de capa)

Gênero	
1	Nota
2	Entrevista
3	Crítica
4	Matéria
5	Criação

Assunto	
A	Lançamento
B	Evento
C	Efeméride/ Contexto do autor
D	Poema
E	Outro

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM BRAVO!								
Edição	Mês	Ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
1	10	1997	Pág. 109	1	c	notas/ Camões e Pessoa para o mundo	1	B
1	10	1997	Pág. 108	1	c	Notas/ Revisionismo histórico	1	C
1	10	1997	Pág. 112 e 113	2	c	Lançamentos/ Serial e Antes (João Cabral de Melo Neto)	1	A
2	11	1997	Pág. 58 a 67	10	s	Cavaleiro da Esperança	4	C
2	11	1997	Pág. 108 e 109	1	c	Notas - Revisionismo histórico	1	C
2	11	1997	Pág. 108 e 109	1	c	Camões e Pessoa para o mundo	1	B
2	11	1997	Pág. 114 a 121	8	s	A descoberta de Cabral	4	A
3	12	1997	Pág. 16 e 17	2	c	Verbos insubmissos	3	E
3	12	1997	Pág. 80 a 83	3	c	O Deus todo linguagem de Jorge de Lima	4	A
4	1	1998	Pág. 69	1	c	Crítica/ Poetas e os cultores do exótico	3	A
5	2	1998	Pág. 22 a 33	12	s	As letras iluminadas do Chile	4	C
5	2	1998	Pág. 40	1	c	Notas/ A volta da geração maldita	1	A
5	2	1998	Pág. 42	1	c	Agenda/ O pescoço da girafa (Max Nunes)	1	A
6	3	1998	Pág. 80 e 81	2	c	Lançamentos/ Todos os Sonetos (Augusto dos Anjos)	1	A
6	3	1998	Pág. 66 a 70	5	c	A poeta do desterro	4	C
7	4	1998	Pág. 16 e 18	3	c	Ensaio/ A criação de Baudelaire	3	E
7	4	1998	Pág. 38 e 39	2	c	Livros/ O anjo apressado	4	A
7	4	1998	Pág. 46	1	c	Notas/ O verso nosso de cada dia	1	E
7	4	1998	Pág. 47	1	c	Crítica/ Cartas de um passado distante	3	A
7	4	1998	Pág. 48 e 49	2	c	de Campos)	1	A
8	5	1998	Pág. 18 a 20	3	c	Ensaio/ Banquete de ossos (por: Bruno Tolentino)	3	E
8	5	1998	Pág. 92	1	c	Lançamentos/ Poesia alheia (org Nelson Ascher)	1	A
9	6	1998	Pág. 28 a 37	10	s	Livros/ O traidor da natureza	4	C
9	6	1998	Pág. 38 a 42	5	c	Bodas de Glória	4	C
9	6	1998	Pág. 44	1	c	Notas/ O poeta de três sanques	1	A
9	6	1998	Pág. 50 e 51	1	c	Tolentino)	1	A
9	6	1998	Pág. 50 e 51	1	c	Algoritmos – Infopoemas (Ernesto de Melo Castro)	1	A
10	7	1998	Pág. 74 a 81	8	p	O metafísico popular brasileiro	4	A
11	8	1998	Pág. 60 a 63	4	c	Livros - A Cobra canibalizada	4	C
11	8	1998	Pág. 64	1	c	Notas/ A lorota de Ipanema	1	A
11	8	1998	Pág. 66	1	c	Notas/ O poeta da chuva de caju	1	A
11	8	1998	Pág. 68 e 69	2	c	(Leonor Scliar-Cabral)	1	A
12	9	1998	Pág. 22 e 23	2	c	Ensaio/ O silêncio das línguas	3	E
12	9	1998	Pág. 54 e 55	2	c	Notas/ O pintor é o poeta	1	E
12	9	1998	Pág. 55	1	c	Crítica/ O milagre cotidiano do Ulster	3	A
13	10	1998	Pág. 30 a 38	9	s	livros/ Virgílio no espelho	4	A
13	10	1998	Pág. 40 a 44	5	c	livros/ Manuel, Bandeira do Brasil	4	C
13	10	1998	Pág. 50	1	c	Notas/ Metáforas nas lições de química	1	E
13	10	1998	Pág. 51	1	c	Crítica/ O Fukuyama da Poesia	3	A
14	11	1998	Pág. 116	1	c	Notas/ Poesia em BH	1	B
15	12	1998	Pág. 134 a 137	4	c	Velada voz de veludo	4	C
15	12	1998	Pág. 142	1	c	Notas - O outono do fauno	1	C
15	12	1998	Pág. 142	0	c	Notas - A lírica do artesão	1	A
15	12	1998	Pág. 143	1	c	Crítica/ A sintaxe quando susto	3	A
16	1	1999	Pág. 65	1	c	Crítica/ Ruído na mensagem	3	A
17	2	1999	Pág. 86 a 89	4	c	Os Ecos do Silêncio	4	A
17	2	1999	Pág. 92	1	c	Notas - Detalhes Relevantes/ Voz própria	1	A
17	2	1999	Pág. 92	1	c	Notas - Detalhes Relevantes/ Voz própria	1	A
18	3	1999	Pág. 38	1	c	Notas/ Emily Dickinson em vernáculo	4	A
19	4	1999	Pág. 62 a 69	8	s	Epifanias de um coração disparado	4	A
19	4	1999	Pág. 76	1	c	Notas/ O caboclo vai longe	1	A
21	6	1999	Pág. 74 a 77	4	c	Vibra o drama da poesia	4	A
21	6	1999	Pág. 80	1	c	Notas/ Um algo mais além-Pessoa	1	A
22	7	1999	Pág. 66	1	c	Crítica/ Versos cariocas, vozes únicas	3	A
22	7	1999	Pág. 65	1	c	Notas - Uma Isabel Bispo digna de original	1	A
22	7	1999	Pág. 65	0	c	Notas - Triunfo da lira	1	A
23	8	1999	Pág. 40 a 45	6	c	As cartas e o poeta	4	A
24	9	1999	Pág. 104	1	c	Notas/ Passeio pelo mistério	1	A
24	9	1999	Pág. 106	1	c	Notas - Canais férteis	1	A
24	9	1999	Pág. 106	0	c	Notas - Cristal intenso	1	A
25	10	1999	Pág. 144	1	c	Notas/ Torre poética	1	E
25	10	1999	Pág. 138 a 141	4	c	A tentação de Yacala	4	A
26	11	1999	Pág. 96 a 99	4	s	A luz tecida p elas palavras	2	C
27	12	1999	Pág. 134 e 135	2	c	Notas/ A síntese que enriquece	4	A
29	2	2000	Pág. 126	1	c	Notas/ Revelação de delicadeza	1	A
30	3	2000	Pág. 44	1	c	Crítica/ Mais Bandeira que Drummond	3	A

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM BRAVO!								
Edição	Mês	Ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
33	6	2000	Pág. 82 a 85	4	c	Retratos do bruxo jovem	4	A
34	7	2000	Pág. 110	1	c	Notas/ A nova margem do prata	3	E
34	7	2000	Pág. 111	1	c	Notas/ A vez de Adélia Prado	1	E
35	8	2000	Pág. 87	1	c	Crítica/ A poesia como inimiga	3	A
36	9	2000	Pág. 82	1	c	Notas/ A voz homenageada	1	A
37	10	2000	Pág. 134	1	c	Notas/ Letras de luxo	1	A
38	11	2000	Pág. 90	1	c	Notas/ Versos de perturbação	1	A
39	12	2000	Pág. 84 a 89	6	s	O anti-herói da lira	4	A
39	12	2000	Pág. 99	1	c	Crítica/ Revelando a geração encoberta	3	A
40	1	2001	Pág. 102	1	c	Notas/ Síntese copiosa	4	A
40	1	2001	Pág. 103	1	c	Crítica/ A hora dos paquidermes	3	A
41	2	2001	Pág. 114 a 117	4	c	A mão portuguesa de Deus	4	A
42	3	2001	Pág. 66 a 75	10	p	A magnitude de Carlos Drummond de Andrade	4	A
43	4	2001	Pág. 114 a 116	3	c	Versos de alto risco	4	A
43	4	2001	Pág. 118	1	c	Notas/ Panteão Pessoal	1	A
43	4	2001	Pág. 119	1	c	Crítica/ Interesse na fragilidade	3	A
44	5	2001	Pág. 96 a 101	6	c	Cem anos no azul do caos	4	C
44	5	2001	Pág. 102	1	c	A harmonia do espírito	4	A
44	5	2001	Pág. 110	1	c	Notas/ Estrela da vida inteira	1	A
45	6	2001	Pág. 68 e 69	2	c	Lançamentos/ Federico Garcia Lorca	1	A
46	7	2001	Pág. 56 e 57	2	c	Notas/ Corpo estranho na poesia	4	A
46	7	2001	Pág. 60 e 61	1	c	Bishop)	1	A
46	7	2001	Pág. 60 e 61	1	c	Lançamentos - Socráticas (José Paulo Paes)	1	A
47	8	2001	Pág. 122	1	c	Lançamentos/ Pomas, um Tosião Cada (James Joyce)	1	A
47	8	2001	Pág. 118 e 119	2	c	Notas/ O mito de Paulo Lemniski	4	A
48	9	2001	Pág. 132	1	c	Lançamentos/ Vintém de Cobre (Cora Coralina)	1	A
49	10	2001	Pág. 120 a 123	4	c	A música opaca de Lobo Antunes	4	A
49	10	2001	Pág. 138	1	c	Lançamentos/ Poeira (Fernando Paixão)	1	A
50	11	2001	Pág. 58 a 67	10	p	A lira do Modernismo	4	C
51	12	2001	Pág. 86 a 89	4	c	Os fios de Adélia	4	A
51	12	2001	Pág. 93	1	c	Crítica/ Os limites das fórmulas e ofícios	3	A
52	1	2002	Pág. 110 e 111	2	c	Uma maldição imprescindível	4	A
52	1	2002	Pág. 112	1	c	Notas/ Celebres e estranhos	1	A
53	2	2002	Pág. 102 a 107	7	c	A lliada transcrita	4	A
53	2	2002	Pág. 108 a 111	4	c	A sombra das rivieras	4	A
53	2	2002	Pág. 115	1	c	Lançamentos - Poesia (Fernando Pessoa)	1	A
53	2	2002	Pág. 115	0	c	Mourão)	1	A
54	3	2002	Pág. 94	1	c	Lançamentos/ Amor em Leonoreta (Cecília Meireles)	1	A
55	4	2002	Pág. 97	1	c	Crítica/ Entre a invenção e o real	3	A
56	5	2002	Pág. 40 e 41	2	c	Martins)	1	A
58	7	2002	Pág. 92 a 95	4	c	Vai a vanguarda	4	A
58	7	2002	Pág. 98	1	c	Notas/ Conversa de menina	1	A
58	7	2002	Pág. 100	1	c	Lançamentos/ Poesias Completas (Alvares de Azevedo)	1	A
59	8	2002	Pág. 94	1	c	Notas/ Poesia e desconcerto	4	A
60	9	2002	Pág. 74 a 77	4	c	O pacto da mentira	4	A
60	9	2002	Pág. 81	1	c	Crítica/ A linguagem do clássico	3	A
61	10	2002	Pág. 86 a 93	8	s	O verso visionário de Mário Faustino	4	A
62	11	2002	Pág. 57	1	c	Lançamentos/ Canto Geral (Pablo Neruda)	1	A
63	12	2002	Pág. 100	1	c	Notas/ Além dos disparos poéticos	1	A
63	12	2002	Pág. 116	1	c	Lançamentos/ Um Calafrio Diário (Renata Palottini)	1	A
64	1	2003	Pág. 83	1	c	Crítica/ Poema e embate	3	A
64	1	2003	Pág. 84	1	c	Lançamentos/ lliada de Homero (trad Jaroldo de Campos)	1	A
65	2	2003	Pág. 74 a 79	6	s	As Máscaras de Ezra Pound	4	A
66	3	2003	Pág. 37	1	c	Crítica/ Palavra e celebração	3	A
67	4	2003	Pág. 90 a 95	6	s	O Deus menino	4	A
72	9	2003	Pág. 77	1	c	Lançamentos/ Caixa de Sapatos (Fabrício Carpinejar)	1	A
74	11	2003	Pág. 106	1	c	Notas/ Memórias da humanidade	1	A
74	11	2003	Pág. 110 a 113	4	s	Poemas de ferreira quillar	5	D
77	2	2004	Pág. 109	1	c	Lorca)	1	A
77	2	2004	Pág. 109	0	c	Lançamentos - Boa Companhia - Poesia	1	A
77	2	2004	Pág. 109	0	c	Lançamentos - Três Poemas sobre o Êxtase (Leo Spitzer)	1	A
79	4	2004		1	c	Ungaretti)	1	A
79	4	2004		0	c	Lançamentos - Inspiração nordestina (Patativa do Assaré)	1	A
80	5	2004		5	s	O última baú de Nava	4	A
80	5	2004	Pág. 60	1	c	Notas/ Poesia e Pensamento	1	A
80	5	2004	Pág. 62 e 63	1	c	Lançamentos - Os prazeres e os dias (Marcel Proust)	1	A
80	5	2004	Pág. 62 e 63	1	c	Andrade Filho)	1	A

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM BRAVO!								
Edição	Mês	Ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
81	6	2004	Pág. 34	1	c	Fim sem tragédia	3	E
81	6	2004	Pág. 51	1	c	Lançamentos/ Poética na Política (Glauco Mattoso)	1	A
82	7	2004	Pág. 64 a 69	2	c	O problema Neruda	4	C
82	7	2004	Pág. 75	1	c	Lançamentos/ Artesanatos de Poesia (Mário Faustino)	1	A
82	7	2004	Pág. 110 a 113	4	c	Poemas de Mariana lanelli	5	D
83	8	2004	Pág. 108	1	c	Lançamentos/ Antologia Pornográfica (Alexei Bueno)	1	A
84	9	2004		2	s	Poemas de Bernardo Bertolucci	5	D
84	9	2004		1	c	Verunschck)	1	A
86	11	2004	Pág. 100 a 105	6	c	A terra, os homens, o tempo	4	A
87	12	2004	Pág. 112 e 113	2	c	Risco vale prêmio	4	B
87	12	2004	Pág. 118 a 121	4	c	Inéditos/ Livro de visitas	5	D
89	2	2005	Pág. 80 a 83	4	c	O poeta do dub	4	C
89	2	2005	Pág. 106	1	c	Torquato Neto e a poesia da destruição	1	A
90	3	2005	Pág. 96 a 103	8	s	A grandeza do banal	4	A
92	5	2005	Pág. 66 a 69	4	c	Mundo, vasto mundo	4	C
95	8	2005	Pág. 94	1	c	Notas/ Poesia e desconcerto	4	A
95	8	2005	Pág. 97	1	c	Lançamentos/ As Metamorfoses (Murilo Mendes)	1	A
96	9	2005	Pág. 77	1	c	Lançamentos/ Bertrand Brasil (Gonçalo Tavares)	1	A
97	10	2005	Pág. 61	1	c	Pinto)	1	A
98	11	2005		1	c	Lançamentos/ Fazer Silêncio (Mariana lanelli)	1	A
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 55	1	c	Muitas vozes (Ferreira Gullar)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 58	1	c	À Espreita (Sebastião Uchoa Leite)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 59	1	c	Elefante (Francisco Alvim)/ O Corpo o luxo (Helberto Helder)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 60	1	c	Poemas (Seamus Heaney)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 62	1	c	Ilíada de Homero (trad Haroldo de Campos)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 64	1	c	O mundo como ideia (Bruno Tolentino)	1	E
100 (Edição extra)	12	2005	Pág. 65	1	c	Os prazeres e os dias (Marcel Proust)	1	E
101	1	2006	Pág. 84 a 88	5	c	Poesia do fantástico	4	C
101	1	2006	Pág. 97	1	c	Lançamentos/ Axe (Villers de L'Isle-Adam)	1	A
102	2	2006	Pág. 52 a 61	10	c	Caio F - herdeiro e inventor	4	C
105	5	2006	Pág. 105	1	c	Cabral de Melo Neto)	1	A
106	6	2006	Pág. 115	1	c	Crítica/ Os abismos do real	3	A
106	6	2006	Pág. 117	1	c	Lançamentos/ Cocaina (Olavo Bilac e outros aurores)	1	A
107	7	2006	Pág. 43	1	c	Lançamentos/ Poesia reunida (Orides Fontela)	1	A
110	10	2006	Pág. 81	1	c	latina (João Angelo Oliva Neto)	1	A
113	1	2007	Pág. 22 a 29	8	p	A magia de Pasárgada	4	A
113	1	2007	Pág. 44	1	c	Por que ouvir/ Quadrante	4	E
114	2	2007	Pág. 88 a 91	4	c	De poeta a aventureiro	4	A
115	3	2007	Pág. 97	1	c	Lançamentos/ Poemas (Konstantinos Kaváfis)	1	A
116	4	2007	Pág. 9	1	c	Poesia nova	1	A
119	7	2007	Pág. 95	1	c	Lançamentos/ Almadena (Mariana lanelli)	1	A
120	8	2007	Pág. 99	2	c	(Manuel Bandeira)	1	A
121	9	2007	Pág. 68 a 74	7	s	Poesia na penumbra	4	C
121	9	2007	Pág. 86	1	c	Lançamentos/ A perola e a ostra (Cássia Janeiro)	1	A
122	10	2007	Pág. 40 a 42	3	c	Prepare-se para emoções fortes	4	B
122	10	2007	Pág. 68	1	c	Lançamentos/ Seleta em prosa e verso (Ariano suassena)	1	A
127	3	2008	Pág. 90 a 95	6	c	Ficou antigo ser moderno?	4	A
127	3	2008	Pág. 102	1	c	Lançamentos/ Correo do tempo (Mario Benedetti)	1	A
135	11	2008	Pág. 79	1	c	Cortazar)	1	A
136	12	2008	Pág. 67	1	c	Lançamentos/ Poesia completa (José Paulo Paes)	1	A
137	1	2009	Pág. 24	1	c	Site/ Vinicius de Moraes	1	A
137	1	2009	Pág. 26 a 33	8	c	A sombra de Vinicius	4	A
137	1	2009	Pág. 41	1	c	Lançamentos/ Ilíada (Homero)	1	A
139	3	2009	Pág. 52 a 59	8	s	O maior poeta do Brasil	2	C
141	5	2009	Pág. 76 e 77	2	c	O enigma do Modernismo	4	C
141	5	2009	Pág. 85	1	c	Lançamentos / Agamémnon (Sêneca)	1	A
142	6	2009	Pág. 28 a 35	8	p	Um crítico implacável	4	A
143	7	2009	Pág. 52	1	c	Lançamentos/ Terceira sede (Fabrício Carpinejar)	1	A
146	10	2009	Pág. 53	1	c	Lançamentos - Poemas Coronários (Cyro dos Anjos)	1	A
146	10	2009	Pág. 53	0	c	Lançamentos - Poemas e ensaios (Edgar Allan Poe)	1	A
147	11	2009	Pág. 49	1	c	Lançamentos/ Boa companhia - Haikai (Rodolfo Witzig)	1	A
155	7	2010	Pág. 24 a 33	10	p	O poeta no rock	4	A
155	7	2010	Pág. 94	1	c	Ozu	1	E
156	8	2010	Pág. 21	1	c	Clássicos do mês/ Alguma poesia	4	A
158	10	2010	Pág. 24 a 35	10	p	O poeta e suas histórias	4	A

APÊNDICE B - LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM *Cult*

LEGENDA DA LISTA DE OCORRÊNCIA EM *Bravo!*

Relevância	
p	ocorrências com chamada principal de capa
s	ocorrências com chamada secundária de capa
c	comuns (sem chamada de capa)

Gênero	
1	Nota
2	Entrevista
3	Crítica
4	Matéria
5	Criação

Assunto	
A	Lançamento
B	Evento
C	Efeméride/ Contexto do autor
D	Poema
E	Outro

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
1	7	1997	Pág. 3	1	c	notas/Haroldo de Campos	1	E
1	7	1997	Pág. 5 a 7	3	c	A invenção do Brasil	4	B
1	7	1997	Pág. 15 a 17	3	c	O sol urbano da poesia brasileira	4	A
1	7	1997	Pág. 39 a 48	10	c	Dossiê/Tricentenário da morte do padre Antônio Vieira	4	C
2	8	1997	Pág.3	1	c	notas/ Ateliê de poesia	1	B
2	8	1997	Pág. 14 e 15	2	c	Poéticas/ Devoção crítica	4	A
2	8	1997	Pág. 16 e 17	2	c	Poéticas/ Mosaico de metáforas	4	A
3	9	1997	Pág. 23 a 31	9	p	Ferreira Gullar - A poesia necessária	4	A
4	11	1997	Pág.3	1	c	Notas/ Poesia	1	A
4	11	1997	Pág.6 a 14	9	s	Entrevista/ Arnaldo Antunes	2	A
4	11	1997	Pág. 15 a 17	3	c	Diálogo literário/ O paradigma barroco	4	A
5	12	1997	Pág. 3	1	c	Notas/ Poesia	1	A
6	1	1998	Pág. 12 a 15	4	c	Poética da insônia	4	A
7	2	1998	Pág. 3	1	c	notas/ Orobó	1	A
7	2	1998	Pág.12 a 18	7	c	Poesia/ Diamantes entre cascalhos	4	A
8	3	1998	Pág. 46 a 64	19	s	Dossiê/ Metafísica e exílio	4	C
9	4	1998	Pág. 4 a 10	7	c	Entrevista/ Nelson Ascher	2	A
9	4	1998	Pág. 42 a 45	4	c	Poesia/ Minimalismo essencial	4	A
10	5	1998	Pág.3	1	c	notas/ Melo e Castro	1	A
10	5	1998	Pág. 4 e 5	2	c	Evento/ As afinidades eletivas da poesia	4	B
10	5	1998	Pág. 16 a 18	3	c	Os novos centuriões	3	E
10	5	1998	Pág. 48 a 50	3	c	Poesia/Fragmento	4	A
11	6	1998	Pág. 10 a 12	3	c	A raridade da poesia	3	E
11	6	1998	Pág. 24 a 27	4	c	O sol noturno e Federico Garcia Lorca	4	C
11	6	1998	Pág. 54 a 56	3	p	Pelada poética	4	E
12	7	1998	Pág. 3	1	c	notas	1	A
12	7	1998	Pág. 3	0	c	notas	1	A
12	7	1998	Pág. 46 a 48	2	c	Artefatos mínimos	4	A
13	8	1998	Pág. 3	1	c	Notas/ Concursos de contos e poesias	1	B
13	8	1998	Pág. 18 a 27	10	p	Epifanias poéticas	2	A
13	8	1998	Pág. 43 a 45	3	c	Criação/ Chevrolet e outros poemas	5	D
14	9	1998	Pág. 3	1	c	Notas - Dimensão	1	A
14	9	1998	Pág. 3	0	c	Notas - Poesia brasileira na França	1	A
14	9	1998	Pág. 3	0	c	Notas - Noite de autógrafos	1	B
14	9	1998	Pág. 42 a 45	4	c	Poesia italiana - Babel dos sentidos	4	A
15	10	1998	Pág. 3	1	c	notas - Ferreira Gullar/ Encontro de Poesia	1	C
15	10	1998	Pág. 3	1	c	notas - Ferreira Gullar/ Encontro de Poesia	1	B
15	10	1998	Pág. 4 a 9	6	s	entrevista/ Manoel de Barros	2	A
15	10	1998	Pág. 21 a 23	3	c	Criação/ Sexta-feira da paixão e outros poemas	5	D
15	10	1998	(sem numeração)	3	c	Poesia/ Esboço de um esboço	4	A
15	10	1998	Pág.31	1	c	O Lobishome	5	D
16	11	1998	Pág.3	1	c	notas - Mito e poesia 1	1	B
16	11	1998	Pág.3	0	c	notas - Mito e poesia 2	1	B
16	11	1998	Pág. 44 a 63	20	p	Dossiê/ O centenário de Stephane Mallarmé	4	C
17	12	1998	Pág. 3	1	c	Notas - Blaise Cedrats	1	A
17	12	1998	Pág. 3	0	c	Notas - Poesia	1	A
17	12	1998	Pág. 3	0	c	Notas - Macunaíma em Portugal	1	A
17	12	1998	Pág. 4 a 11	8	c	Entrevista/ Augusto de Campos	2	A
17	12	1998	Pág. 37 a 39	3	c	Criação/ Hong-Kong e outros poemas	5	D
18	1	1999	Pág.4 a 9	6	s	entrevista/ Yves Bonnefoy	2	A
18	1	1999	Pág. 39 a 55	17	p	dossiê/ Fernando Pessoa - O drama da linguagem	4	A
19	2	1999	Pág.3	1	c	Notas/ Revista Orion	1	A
19	2	1999	Pág. 22 a 24	3	c	Itinerário marginal	4	A
19	2	1999	Pág. 25 a 28	4	c	Criação/ Contornos e outros poemas	5	D
20	3	1999	Pág. 3	1	c	Notas - Manuel Bandeira	1	A
20	3	1999	Pág. 3	0	c	Notas - Poesia	1	A
20	3	1999	Pág. 3	0	c	Notas - Poesia erótica	1	A
20	3	1999	Pág. 34	1	c	Criação/ A arte da poesia	3	E
21	4	1999	Pág. 21 a 23	3	c	Criação/ Barrocidade	5	D
21	4	1999	Pág.24 a 29	6	c	Repetição do velho ou germinação do novo?	4	A
21	4	1999	Pág. 43	1	s	Adélia Prado garimpa poética do cotidiano	2	A
21	4	1999	Pág. 44 a 45	2	c	Jabutí será entregue dia 23	4	B
21	4	1999	Pág. 54	1	c	Notas/ Poesia	1	A
21	4	1999	Pág. 57	1	c	Antologia reúne a poesia do siciliano Salvatore Quasimodo	4	A
22	5	1999	(sem numeração)	3	c	Gaveta de guardados/ Algo de escuro e outros poemas	5	D
22	5	1999	Pág. 20 a 22	3	c	Literatura Brasileira/ Raul Bopp	4	C

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
22	5	1999	Pág. 37 e 38	2	c	Os palimpsestos parietais de Bruno Giovannetti	5	D
22	5	1999	Pág. 39 a 63	12	p	dossiê	2	C
22	5	1999	Pág. 39 a 63	13	p	A aventura literária de José Paulo Paes	3	C
23	6	1999	Pág. 3	1	c	notas/ Poesia	1	A
23	6	1999	Pág. 21 a 23	3	c	Poesia/ O Rio e outros poemas	5	D
23	6	1999	Pág.29 a 31	3	c	Gaveta de Guardados/ Bandeiras Volpi e outros poemas	5	D
24	7	1999	Pág. 3	1	c	notas- Azougue	1	E
24	7	1999	Pág. 3	0	c	notas- Monturo	1	E
24	7	1999	Pág. 16 a 25	10	c	Revelação em negativo	4	A
25	8	1999	Pág. 3	1	c	notas - Octávio Paz	1	A
25	8	1999	Pág. 3	0	c	notas - Selo de Poesia	1	A
25	8	1999	Pág. 4 a 9	6	c	entrevista/ Régis Borvicino	2	A
25	8	1999	Pág. 23 a 27	5	c	Criação/ Antologia	5	D
25	8	1999	Pág. 28	1	c	Leituras Cult	1	A
25	8	1999	Pág. 29 a 31	3	c	Gaveta de guardados/ Nu no nu (Melo e Castro)	5	D
26	9	1999	Pág. 3	1	c	notas/ Paul Valéry	1	A
26	9	1999	Pág.4 a 8	5	s	Entrevista/ Horácio Costa	2	A
26	9	1999	(sem numeração)	5	c	Poesia & Ensaio/ Geografia sensível	3	A
26	9	1999	Pág. 22 a 24	3	c	Crítica literária no Brasil, ontem e hoje	3	E
26	9	1999	Pág. 25	1	c	No meio do caminho tinha uma pedra	4	E
26	9	1999	Pág. 51 a 53	3	c	Oito poemas	5	D
26	9	1999	Pág. 54 a 56	3	c	Poesia uma difícil beleza urbana	3	A
26	9	1999	Pág. 59 a 71	13	p	dossiê/ Carlos Drummond de Andrade	4	C
27	10	1999	Pág. 8 a 11	4	c	Jornalismo e crítica	3	E
27	10	1999	Pág. 45 a 48	4	c	Cristal	4	A
27	10	1999	Pág. 31 a 33	3	c	Criação/ Primeiros poemas do Fausto	5	D
27	10	1999	Pág. 52 a 71	8	s	dossiê	4	A
27	10	1999	Pág. 52 a 71	12	s	Prosa e poesia de Portugal	2	A
28	11	1999	Pág.3	1	c	notas - João Cabral	1	A
28	11	1999	Pág.3	0	c	notas - Poetas na biblioteca	1	B
29	12	1999	Pág. 3	1	c	notas - Hilda Hilst	1	E
29	12	1999	Pág. 3	0	c	notas - Action Poétique	1	E
29	12	1999	Pág.10 a 13	4	c	Do mecenato à criação poética	4	A
29	12	1999	Pág. 18	1	c	Na ponta da língua/Tecendo a poesia	4	E
29	12	1999	Pág. 19 a 21	3	c	Criação- 31/12/99	5	D
29	12	1999	Pág.22 a 29	8	p	A poesia crítica de João Cabral	3	C
29	12	1999	Pág. 30 a 35	6	p	Turismo literária/ Paisagem cabralina	4	C
29	12	1999	Pág. 37 a 39	3	c	Criação/ Walk - don't walk	5	D
30	1	2000	Pág. 3		c	notas/ Orion	1	E
30	1	2000	Pág. 18 a 21	4	c	Segredos do feno	4	A
30	1	2000	Pág. 32 a 35	4	c	Meditação sobre a Paulicéia	3	C
31	2	2000	Pág.3	1	c	notas/ Orídes Fontela	1	A
31	2	2000	Pág. 12 a 15	4	c	Entre Livros/ Réquiem para Jorge Wanderley	3	C
31	2	2000	Pág. 16 a 21	6	c	Mar digital	4	E
31	2	2000	Pág. 29 a 31	3	c	Gaveta de guardados/ Sfumato e outros poemas	5	D
31	2	2000	Pág. 39 a 41	3	c	Criação/ Os peixes	5	D
32	3	2000	Pág. 3	1	c	notas - Amazônia	1	B
32	3	2000	Pág. 3	0	c	notas - Poetas na biblioteca	1	B
32	3	2000	Pág. 4 a 11	7	c	Entrevista/ Mario Chamie	2	C
32	3	2000	Pág. 34 e 35	2	c	Poesia norte-americana - Mapas do pensamento	4	A
33	4	2000	Pág.4 a 9	6	c	entrevista/ Sebastião Uchoa Leite	2	A
33	4	2000	Pág. 10 a 14	5	c	Entre Livros/ Raro entre os raros	3	A
33	4	2000	Pág. 20 a 25	6	p	Sereias da vida alheia	4	A
33	4	2000	Pág. 29 a 31	3	c	poemas	5	D
33	4	2000	Pág. 37 e 39	3	c	Criação/ Guia dos suicídios e outros poemas	5	D
34	5	2000	Pág. 3	1	c	notas - Drummond	1	A
34	5	2000	Pág. 3	0	c	notas - Antologia poética	1	A
34	5	2000	Pág. 4 a 9	6	c	Entrevista/ Roberto Piva	2	A
34	5	2000	Pág. 10 e 11	2	c	A Paulicéia paranoica de Piva	4	A
34	5	2000	Pág. 20 a 22	3	c	Ficção & Filosofia/ Janelas para a noite	4	A
34	5	2000	Pág. 23 e 24	2	c	Uma poética da finitude	3	A
34	5	2000	Pág. 46 e 47	2	c	Caravana eslovena	4	B
35	6	2000	Pág.13 a 15	3	c	Gaveta de Guardados/ Polivox	5	D
35	6	2000	Pág. 17 a 19	3	c	Criação/ Canto da Sereia e outros poemas	5	D
36	7	2000	Pág. 12 a 14	3	c	Entre livros/Drummond, livros e editores	3	A
36	7	2000	Pág. 20 e 21	2	c	Biografia/ Jaques Prévert	4	C

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
37	8	2000	Pág. 3	1	c	notas/ Haroldo de Campos	1	A
37	8	2000	Pág. 28 e 29	2	c	Radar Cult/ Na Glória e outros poemas	5	D
37	8	2000	Pág. 36 a 39	4	c	Radar da tradução/ Expressionismo alemão	5	D
38	9	2000	Pág. 4 a 11	8	c	Entrevista/ Décio Pignatari	2	A
38	9	2000	Pág. 14	1	c	Na ponta da língua/ "Que não seja imortal, posto que é chama"	4	E
38	9	2000	Pág. 26 e 27	2	c	Poesia Cult/ Três poemas	5	D
38	9	2000	Pág. 30 a 35	6	c	Gaveta de guardados/ Outras constatações	5	D
38	9	2000	Pág. 38 e 39	2	c	Radar da poesia/ Silêncio profano	3	E
39	10	2000	Pág. 3	1	c	notas - Frederico Barbosa	1	A
39	10	2000	Pág. 3	0	c	notas - Poetas na biblioteca	1	B
39	10	2000	Pág. 4 a 9	6	c	Entrevista/ Glauco Mattoso	2	C
39	10	2000	Pág. 10 a 12	3	c	Entre livros/ Poesia e pensamento (concreto)	3	A
39	10	2000	Pág. 32 e 33	2	c	Gaveta de guardados/ Pequena galeria pessoal	5	D
39	10	2000	Pág. 34 a 35	2	c	Radar da poesia/ O abismo e sua flor	3	A
39	10	2000	Pág. 51 a 53	3	c	Um organismo vitalmente mórbido	4	A
40	11	2000	Pág. 3	1	c	notas	1	A
40	11	2000	Pág. 26 e 27	2	c	Poesia Cult/ Extravio e outros poemas	5	D
40	11	2000	Pág. 30 e 31	2	c	Gaveta de guardados/ As máscaras singulares	5	D
40	11	2000	Pág. 34 a 35	2	c	Radar da poesia/ Poesia em transe	3	C
41	12	2000	Pág. 19 a 23	5	c	Mattos	4	C
41	12	2000	Pág. 26	1	c	Poesia Cult/ Três inéditos	5	D
41	12	2000	Pág. 30 a 33	4	c	Gaveta de guardados/ Raiva Stereo	5	D
41	12	2000	Pág. 36 e 37	2	c	Radar da poesia/ Mementos profanos	3	A
42	1	2001	Pág. 3	1	c	notas/ Noite da Poesia Brasileira	1	B
42	1	2001	Pág. 4 a 9	6	c	Entrevista/ Francisco Alvim	2	A
42	1	2001	Pág. 10 e 11	2	c	Poesia brasileira/ A sabotagem do elefante	3	A
42	1	2001	Pág. 14 a 17	4	c	Ernest Jandl, o acrobata da linguagem	4	C
42	1	2001	Pág. 26 e 27	2	c	Poesia Cult/ Seis pontos para o próximo poema	3	E
42	1	2001	Pág. 28 a 31	4	c	Radar da poesia 1/ Conflito e pedradas	3	C
42	1	2001	Pág. 32 e 33	2	c	Radar da poesia 2/ Hóspede do Istimo	3	C
42	1	2001	Pág. 36 a 39	4	c	Gaveta de guardados/ Brasil 500 anos	5	D
43	2	2001	Pág. 26 a 28	4	c	Poesia Cult/ Etc	5	D
43	2	2001	Pág. 34 a 35	2	c	Criação/ O céu do subterrâneo	5	D
43	2	2001	Pág. 38 e 39	2	c	Radar da poesia/ Um rio vermelho	5	D
45	4	2001	Pág. 3	1	c	notas	1	B
45	4	2001	Pág. 26 a 28	3	c	Boemia literária	4	A
45	4	2001	Pág. 32 e 33	2	c	Gaveta de guardados/ Cidades, passeios, poetas incríveis	5	D
45	4	2001	Pág. 37	1	c	Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira	4	B
45	4	2001	Pág. 48 a 52	5	c	Horizontalidades poéticas	3	E
45	4	2001	Pág. 53 a 55	3	c	O trânsito poético	2	A
46	5	2001	Pág. 3	1	c	notas/ Concurso de poesia	1	B
46	5	2001	Pág. 13 a 17	5	c	Murilos de vento e vertigem em Murilo Mendes	4	C
46	5	2001	Pág. 30 e 31	2	c	Poesia Cult/ Talvez uma arte	5	D
47	6	2001	Pág.g 10 a 13	4	c	Poesia ao sul	3	A
47	6	2001	Pág.g 36 e 37	2	c	Radar da poesia/ Oxigênio urbano	3	A
47	6	2001	Pág.g 42 e 43	2	c	Encruzilhadas e fronteiras da gauchesca	3	E
48	7	2001	Pág. 3	1	c	notas - Prêmio José Donoso	1	B
48	7	2001	Pág. 3	0	c	notas - Concurso Nacional	1	B
48	7	2001	Pág. 15 a 19	5	p	O apocalipse segundo Jim Morrison	4	C
48	7	2001	Pág. 32 e 33	2	c	Criação/ Ossos e pedras	5	D
49	8	2001	Pág.g 10 a 16	7	c	Crise da crítica	3	E
49	8	2001	Pág.g 22 a 24	3	c	Pagos, passagens: o drama da fronteira	3	E
49	8	2001	Pág.g 37 a 63	27	p	Dossie/ Caetano Veloso outras palavras	2	C
50	9	2001	Pág.g 03	1	c	notas	1	A
50	9	2001	Pág. 26 a 29	3	s	Baptista	5	D
50	9	2001	Pág. 30 a 35	6	c	Gaveta de Guardados	5	D
50	9	2001	Pág. 36 a 39	4	c	Radar da Poesia	3	E
51	10	2001	Pág.g 03	1	c	Notas/ Poesia, passagens e impasses	1	B
51	10	2001	Pág. 04 a 09	6	s	Entrevista/ Waly Salomão	2	A
51	10	2001	Pág. 10 e 13	4	c	Os favos da poesia	3	A
51	10	2001	Pág. 16 e 17	2	c	Além do mercado	4	B
51	10	2001	Pág. 41 a 63	23	p	dossiê/ A capitania poética de Cecília Meireles	4	C
52	11	2001	Pág. 04 a 09	6	s	Entrevista/ Michel Deguy	2	C
52	11	2001	Pág. 10 a 17	8	p	Proust um poeta fin-de-siècle	3	A
52	11	2001	Pág. 20 a 24	5	c	Turismo literário/ Paris, Pasárgada de Proust	4	E
52	11	2001	Pág. 30 e 31	2	s	Radar da poesia/ Memória do atrito	3	A

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
53	12	2001	Pág. 04 a 09	6	s	Entrevista/ Carlito Azevedo	2	A
53	12	2001	Pág. 24	1	c	Memória/ Cecilia Meirelles	4	E
53	12	2001	Pág. 30 a 33	4	c	Radar da poesia/ Small is beautiful	3	A
54	1	2002	Pág. 04 a 07	4	s	Entrevista/ Palativa do Assaré	2	C
54	1	2002	Pág. 08 a 13	6	c	Memórias da cantoria	3	C
54	1	2002	Pág. 18 a 24	7	p	Paulo Leminski, uma saga polaco-afro-zen-tupiniquim	4	A
54	1	2002	Pág. 26 a 31	6	s	Radar Cult/ Rios de poesia	4	B
54	1	2002	Pág. 43 a 63	21	s	Dossiê/ Vozes e letras do cordel	4	C
55	2	2002	Pág. 04 a 09	6	c	Entrevista/ Paulo César Pinheiro	2	C
55	2	2002	Pág. 14 a 24	11	c	Poesia da meia-noite	4	B
55	2	2002	Pág. 34 e 35	2	c	Radar da poesia/ Pequenas epifanias	3	A
55	2	2002	Pág. 41 a 61	21	p	Dossiê/ Semana de arte moderna	4	C
56	3	2002	Pág. 24	1	c	Memória em revista/ Carta (derradeira?) de Jorge de Lima	4	C
56	3	2002	Pág. 36 e 37	2	c	Radar da poesia/ Uma gramática da existência	3	A
56	3	2002	Pág. 41 a 63	23	p	Dossiê/ O valor das palavras numa língua que o mundo lê	4	C
57	6	2002	Pág. 40 e 41	2	c	Moirao e outros poetas	5	D
58	7	2002	Pág. 18 e 19	2	c	Entre livros/ Notas preliminares a Drummond	3	C
58	7	2002	Pág. 26 e 27	2	c	Gaveta de Guardados/ Duas ódes	5	D
59	8	2002	Pág. 26 e 27	2	c	Gaveta de guardados/ Mundo mudo & outros mundos	5	D
59	8	2002	Pág. 30 e 31	2	c	Criação/ Razão patética & outros poemas	5	D
60	9	2002	Pág. 8 a 15	8	s	Entrevista/ A implosão da vanguarda	2	C
60	9	2002	Pág. 16	1	c	Estante Cult/ Equilíbrio e invenção	4	A
60	9	2002	Pág. 18 e 19	2	c	Notas preliminares a Drummond 2	3	E
60	9	2002	Pág. 32 e 33	2	c	Gaveta de guardados/ Ler Drummond e outros poemas	5	D
61	10	2002	Pág. 22 a 23	2	c	Notas preliminares a Drummond 3	3	E
61	10	2002	Pág. 42 e 43	2	c	Gaveta de guardados/ Poemas com circunstâncias	5	D
62	11	2002	Pág. 5	1	c	Agenda/ Concurso Literária Juiz de Fora	1	B
62	11	2002	Pág. 41 a 65	25	p	Dossiê/ Drummond o antibusto	4	C
65	2	2003	Pág. 29	1	c	Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira	4	B
65	2	2003	Pág. 38 e 39	2	c	Criação/ Esqueleto cantor	5	D
66	3	2003	Pág. 07	1	c	Agenda - A oficina de Haroldo de Campos	1	B
66	3	2003	Pág. 07	0	c	Revista Sebastião	1	A
66	3	2003	Pág. 08 a 14	7	s	Entrevista/ Poesia-mosaico e anti-retórica	2	A
66	3	2003	Pág. 26 e 27	2	c	Gaveta de guardados/ Dizeres alheios, desejos próprios	5	D
66	3	2003	Pág. 54 a 57	4	s	O itinerário de Jean Genet	4	C
67	4	2003	Pág. 5	1	c	Agenda/ Concurso literário	1	B
68	5	2003	Pág. 22 a 27	6	c	Modernismo em tempo real	4	A
68	5	2003	Pág. 34 e 35	2	c	Criação/ Ou o silêncio contínuo	5	D
68	5	2003	Pág. 40 e 41	2	c	Poética do encontrar-se	3	C
69	6	2003	Pág. 6	1	c	Agenda/ Objetos poéticos	1	B
69	6	2003	Pág. 47 a 64	18	p	Dossiê/ Drama, lírica e épica em Chico Buarque	4	C
70	7	2003	Pág. 05	1	c	Agenda Cult - Teresa homenageia Jorge de Lima	1	C
70	7	2003	Pág. 05	0	c	Agenda Cult - Homenagem a Oswald de Andrade	1	A
70	7	2003	Pág. 05	0	c	Agenda Cult - Bate-papo com Tolentino	1	B
70	7	2003	Pág. 39 a 41	3	c	Criação/ Compasso excêntrico	5	D
70	7	2003	Pág. 49 a 65	17	s	Dossiê/ Pedro Nava	4	C
71	8	2003	Pág. 20 a 31	12	p	100 anos de Blues	4	C
73	10	2003	Pág. 13	1	c	Haroldo de Campos	4	C
73	10	2003	Pág. 34 a 39	6	s	Vinicius de Moraes	4	C
73	10	2003	Pág. 43 a 58	16	p	Dossiê/ Baudelaire, entre o êxtase e a maldição	4	C
74	11	2003	Pág. 17	1	c	Testamento de Pasárgada (Ivan Junqueira)	1	A
74	11	2003	Pág. 58 e 59	2	c	Alguém ainda se lembra de Jorge de Lima?	4	C
74	11	2003	Pág. 62 e 63	2	c	Criatividade da crítica (Manuel da Costa Pinto)	3	E
75	12	2003	Pág. 16 e 17	2	c	Duas ou três coisas que eu sei dela	4	E
76	1	2004	Pág. 23	1	c	Seleção Cult/The arch-poet (Foster)	1	A
76	1	2004	Pág. 47 a 62	16	s	Dossiê/ São Paulo e o modernismo	4	C
77	2	2004	Pág. 15 a 17	3	s	A poesia depois	3	E
77	2	2004	Pág. 27	1	c	Jobim	1	A
77	2	2004	Pág. 65	1	c	Radar/ O construtor de babel	5	D
78	3	2004	Pág. 64 e 65	2	c	Oficina literária/ À flores do verso	5	D
79	4	2004	Pág. 28	1	c	Seleção Cult/ O poeta e a mídia (Fábio Lucas)	1	A
80	5	2004	Pág. 23 a 25	3	c	A poesia de transgressão	4	E
80	5	2004	Pág. 28	1	c	Seleção Cult/ Crítica de ouvido (Sebastião Uchoa Leite)	1	A
80	5	2004	Pág. 63 a 65	3	c	Oficina literária	5	D
82	7	2004	Pág. 13	1	c	Antes da revolução	4	A
82	7	2004	Pág. 14 a 16	3	c	Viagem de reiniciação	4	A

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
83	8	2004	Pág. 07	1	c	notas/ Cláudio Willer	1	A
83	8	2004	Pág. 22 e 23	1	c	Seleção Cult - Nômada (Rodrigo Garcia Lopes)	1	A
83	8	2004	Pág. 22 e 23	1	c	Seleção Cult - Fogo pálido (Vladimir Nabokov)	1	A
84	9	2004	Pág. 19 a 21	3	c	Agora é que são elas	4	A
84	9	2004	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ Poesia digesta (Glauco Mattoso)	1	A
85	10	2004	Pág. 38 a 41	4	c	Intuições da Vanguarda	4	C
85	10	2004	Pág. 62 a 65	4	c	Oficina literária	5	D
86	11	2004	Pág. 33 a 35	3	c	Coisas que faltam	4	A
86	11	2004	Pág. 29	1	c	Laranjeira	1	A
86	11	2004	Pág. 64 e 65	2	c	Oficina literária	5	D
87	12	2004	Pág. 22	1	c	Patrícia Sciadini	1	A
87	12	2004	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ Hamlet - Poema Iluminado (Harold Bloom)	1	A
87	12	2004	Pág. 26	1	c	Momento do voto	4	B
87	12	2004	Pág. 32 a 35	4	c	Galáxias	4	E
87	12	2004	Pág. 62 a 65	4	c	Oficina literária	5	D
88	1	2005	Pág. 26	1	c	Seleção Cult/ A fonte envenenada (Marcos Flaminio Peres)	1	A
88	1	2005	Pág. 62 a 65	4	c	Oficina literária	5	D
89	3	2005	Pág. 20	1	c	Seleção Cult - O navegante (anônimo)	1	A
89	3	2005	Pág. 20	0	c	Seleção Cult - Rimbaud e Jim Morrison (Wallace Fowle)	1	A
89	3	2005	Pág. 22	1	c	Seleção Cult/ A casa azul ao meio-dia (Flávia Rocha)	1	A
92	6	2005	Pág. 31	1	c	Seleção Cult/ Antologia do negro brasileiro (Edison Carneiro)	1	A
92	6	2005	Pág. 64 e 65	2	c	Oficina literária	5	D
93	7	2005	Pág. 30	1	c	Seleção Cult/ Uns & outros: poemas (Rodolfo Gutilla)	1	A
94	8	2005	Pág. 34	1	c	Seleção Cult - Figuras metálicas (Cláudio Daniel)	1	A
94	8	2005	Pág. 34	0	c	Seleção Cult - Miniaturas Kinéticas (Anibal Cristobo)	1	A
95	9	2005	Pág. 34	1	c	Seleção Cult - Inimigo rumor (Revista de poesia 17)	1	A
95	9	2005	Pág. 34	0	c	Seleção Cult - Poesia vista (Joan Brossa)	1	A
95	9	2005	Pág. 36	1	c	Jardim	1	A
95	9	2005	Pág. 64 a 65	2	c	Oficina literária	5	D
97	11	2005	Pág. 21	1	c	Seleção Cult/ Eneida (Virgílio)	1	A
98	12	2005	Pág. 21	1	c	Um poeta amado, admirado e atual	4	A
98	12	2005	Pág. 22	1	c	Seleção Cult/ Os cantos de maldoror (Lautréamont)	1	A
99	1	2006	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
100	3	2006	Pág. 15	1	c	Augusto Frederico Schmidt, o centenário de um poeta	4	C
100	3	2006	Pág. 18	1	c	Seleção Cult - Contando histórias em versos (Bráulio Tavares)	1	A
100	3	2006	Pág. 18	0	c	Seleção Cult - Early Poems and Juvenilia (Philip Larkin)	1	A
100	3	2006	Pág. 62 e 63	2	c	Alternativas à circulação de saberes e fazeres	4	E
100	3	2006	Pág. 65	1	c	Oficina literária	5	D
101	4	2006	Pág. 21	1	c	Seleção Cult/ Poesia completa (Manuel Botelho de Oliveira)	1	A
101	4	2006	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
102	5	2006	Pág. 23	1	c	Cooney	1	A
102	5	2006	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ O coração do pincel (Kazuaki Tanahashi)	1	A
102	5	2006	Pág. 25	1	c	Seleção Cult/ João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma & Diário de tudo (José Castello)	1	A
102	5	2006	Pág. 41 a 65	25	s	Dossiê/ Vozes da poesia	4	C
103	6	2006	Pág. 26	1	c	Seleção Cult/ Poesia reunida (Moacir Amâncio)	1	A
103	6	2006	Pág. 28	1	c	Neto	1	A
103	6	2006	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
105	8	2006	Pág. 11 a 17	7	p	Entrevista/ Caetano Veloso é verbo e adjetivo	2	C
105	8	2006	Pág. 38 a 40	3	c	Personalidade/ O poeta do povo	4	C
105	8	2006	Pág. 20 e 21	2	p	A letra e as letras	4	E
105	8	2006	Pág. 27	1	s	Faces de Drummond	4	A
105	8	2006	Pág. 28	1	c	Seleção Cult/ Sobre arte, sobre poesia (Ferreira Gullar)	1	A
105	8	2006	Pág. 30	1	c	Seleção Cult/ Os cantos (Ezra Pound)	1	A
106	9	2006	Pág. 10 a 16	7	c	Entrevista/ Antônio Cicero: Poesia em primeiro lugar	2	A
106	9	2006	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ A imitação do amanhecer (Bruno Tolentino)	1	A
106	9	2006	Pág. 65	2	c	Oficina literária	5	D
107	10	2006	Pág. 65	2	c	Oficina literária	5	D
110	12	2006	Pág. 20	1	c	Seleção Cult/ A economia Pessoa (Gustavo Franco)	1	A
111	3	2007	Pág. 23	1	c	O que estou lendo/ Fabrício Carpinejar	1	A
111	3	2007	Pág. 64	2	c	Oficina literária	5	D
112	4	2007	Pág. 19 e 20	2	c	Uma poesia em trânsito	4	A
113	5	2007	Pág. 20 a 22	3	c	Clarice entrevista	4	A
114	6	2007	Pág. 64	2	c	Oficina literária	5	D
115	7	2007	Pág. 19	1	c	O que estou lendo/ Antologia de Bandeira	1	A
115	7	2007	Pág. 64	1	c	Oficina literária	5	D
116	8	2007	Pág. 65	1	c	Oficina literária	5	D

LISTA DE OCORRÊNCIAS SOBRE POESIA EM CULT								
Edição	mês	ano	Páginas	Nº páginas	Relevância	Seção/Título	Gênero	Assunto
117	9	2007	Pág. 06	1	c	Cultura em movimento/ Porto poesia reúne poetas em festival	1	B
117	9	2007	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ Poesia para exigentes	1	A
117	9	2007	Pág. 65	1	c	Oficina literária	5	D
118	10	2007	Pág. 15 a 18	4	c	O poeta que viveu nove grandes amores	2	C
119	11	2007	Pág. 6	1	c	Cultura em movimento/ Em mar aberto	1	B
120	12	2007	Pág. 40 e 41	2	c	O ensaio como poema	3	E
121	1	2008	Pág. 62 e 63	2	c	Oficina literária	5	D
122	3	2008	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ Aquele Mário	1	A
122	3	2008	Pág. 65	1	c	Oficina literária/ Poema-objeto da série Cortes-Caixas	5	D
123	4	2008	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
124	5	2008	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
125	6	2008	Pág. 26 e 27	2	c	Gestos infinitesimais	4	A
127	8	2008	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
130	11	2008	Pág. 14	1	c	Cultura em movimento/ Pan-cinema permanente	1	E
130	11	2008	Pág. 22	1	c	Seleção Cult/ Os tesouros da pasta rosa	4	A
130	11	2008	Pág. 26	1	c	Seleção Cult/ Histórias de Gierra (Charles Bernstein)	1	A
130	11	2008	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
131	12	2008	Pág. 11	1	c	Cultura em movimento / Pablo Neruda	1	C
131	12	2008	Pág. 24	1	c	Seleção Cult/ Poesia completa (José Paulo Paes)	1	A
131	12	2008	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
133	3	2009	Pág. 28	1	c	Lançamentos/ Lirismo límpido	1	A
134	4	2009	Pág. 26	1	c	Lançamentos/ Lirismo despido de ornamentos	1	A
135	5	2009	Pág. 30	1	c	Lançamentos/ Vozes da poesia contemporânea	1	A
135	5	2009	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
136	6	2009	Pág. 18 e 19	2	c	Lançamento/ A pasargada de Mário e seus itinerários	4	A
136	6	2009	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
137	7	2009	Pág. 24	1	c	O crítico bandeira	4	A
138	8	2009	Pág. 28	1	c	Lançamentos/ Pormenores de uma poética	1	A
139	9	2009	Pág. 26 e 27	2	c	Crítica/ Caminho às avessas	4	A
139	9	2009	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
140	10	2009	Pág. 26	1	c	Lançamentos/ Violação dos limites do discurso	1	A
140	10	2009	Pág. 27	1	c	O que estou lendo/ Angélica Freitas	1	E
141	11	2009	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
142	12	2009	Pág. 10	1	c	Cultura em movimento/ 50 anos de neoconcretismo	1	C
142	12	2009	Pág. 11	1	c	O haikai na lírica brasileira	2	A
142	12	2009	Pág. 26	1	c	Vinhas	1	A
143	2	2010	Pág. 30	1	c	Seleção Cult/ O livro de haicais (Mario Quintana)	1	A
143	2	2010	Pág. 32	1	c	Seleção Cult - 99 poemas (Joan Brossa)	1	A
143	2	2010	Pág. 32	0	c	Seleção Cult - Paisagem com dentes (Renato Mazzini)	1	A
144	3	2010	Pág. 26	1	c	Lançamentos - Destino: Poesia (Italo Moriconi)	1	A
144	3	2010	Pág. 26	0	c	Lançamentos - Mediterrâneo (Ruy Vasconcelos)	1	A
145	4	2010	Pág. 65	1	c	Oficina literária	5	D
146	5	2010	Pág. 22 a 24	3	c	Entrevista/ Voar fora da asa	2	A
147	6	2010	Pág. 26	1	c	Baudelaire	1	A
147	6	2010	Pág. 26	0	c	Lançamentos - Paisagens Possíveis (Josoaldo Lima Rêgo)	1	A
147	6	2010	Pág. 26	0	c	Lançamentos - A Estrela Fria (José Almino)	1	A
147	6	2010	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
148	7	2010	Pág. 8 e 9	2	c	A serviço da poesia	4	A
148	7	2010	Pág. 30	1	c	Seleção Cult - Haroldo de Campos (org Trajano Vieira)	1	A
148	7	2010	Pág. 30	0	c	Seleção Cult - Últimos poemas de amor (Paul Éluard)	1	A
148	7	2010	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
149	8	2010	Pág. 24 a 26	3	c	Que o seculo 21 dê razão a Piva	4	C
149	8	2010	Pág. 30	1	c	literatura - Melhores Poemas (Armando Freitas Filho)	1	A
149	8	2010	Pág. 30	0	c	literatura - Poesia Herege (Evaristo Carriego)	1	A
149	8	2010	Pág. 30	0	c	literatura - Ode sobre a melancolia (John Keats)	1	A
149	8	2010	Pág. 30	0	c	literatura - A Poesia Completa (Rutzkaya dos Reis)	1	A
149	8	2010	Pág. 66	1	c	Oficina literária	5	D
150	9	2010	Pág. 22 e 23	2	c	Poesia em pleno vigor	4	A
150	9	2010	Pág. 26	1	c	literatura - Portal (Donizete Galvão)	1	A
150	9	2010	Pág. 26	0	c	literatura - Divulgações (Mallarmé)	1	A
151	10	2010	Pág. 28	1	c	Literatura - Poemas escolhidos de Gregório de Matos	1	A
151	10	2010	Pág. 28	0	c	Literatura - Mesmos poemas (Renan Nuemberger)	1	A
152	11	2010	Pág. 31	1	c	O que estou lendo	1	E
152	11	2010	Pág. 40 a 43	4	c	Memória/ Fora do jogo	4	C
152	11	2010	Pág. 74	1	c	Oficina literária	5	D
153	12	2010	Pág. 34 a 37	4	c	Florbela Espanca, um amar perdidamente	4	C
153	12	2010	Pág. 41	1	c	O que estou lendo	1	E